

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

**Jogos Desportivos Coletivos e os
Estímulos das Inteligências Múltiplas:
Bases para uma Proposta em
Pedagogia do Esporte**

Hermes Ferreira Balbino

**Campinas
2001**

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

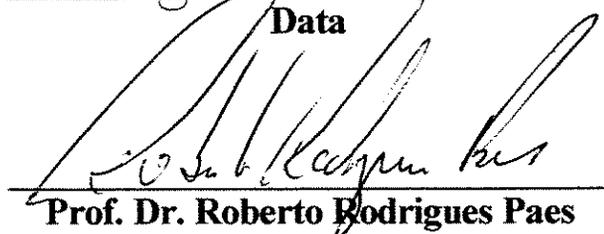
Hermes Ferreira Balbino

**Jogos Desportivos Coletivos e os
Estímulos das Inteligências Múltiplas:
Bases para uma Proposta em
Pedagogia do Esporte**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Hermes Ferreira Balbino e aprovada pela Comissão Julgadora em 11 de Dezembro de 2001.

3 de Janeiro de 2002

Data



Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Orientador e Presidente da Comissão Julgadora

Campinas

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

2002

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	B185j
V. EX.	
TO. 307	48049
PROC.	16-837-02
PREC.	R\$ 11,00
DATA	10-04-02
Nº CPD	

CM00165692-7

ID 235755

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP

B185j

Balbino, Hermes Ferreira

Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte / Hermes Ferreira Balbino. -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física

1. Jogo. 2. Jogos em grupo. 3. Esporte. 4. Esporte-Estudo e ensino. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Dedico

Aos sempre meus
mãe, Nilsa,
vó, Thereza, vô Ernesto (in memoriam)
irmã, Kátia,
tios, Oswaldo, Oscar e Geraldo
pelo estímulo constante do feliz caminhar sobre pedras

Aos meus Mestres de Sonhos,
Prof. Padre Luiz Ignácio Fernandes Bordignon, multiplicador de talentos
Prof. Luís Reinaldo Libardi, que me tirou do banco e me fez jogar.

A

Maria Paula Gonçalves da Silva, sutil e bela presença em tantos anos de
Basquetebol. Diversas vezes tentei definir e entender sua inteligência.
Hoje, já não é mais mistério.

Aqui vive muito do amor de vocês.

Agradeço

A Deus, pelo presente vivo

Ao Mestre e Prof. Leo Rizzo de Oliveira pelas visões invisíveis da sutil dimensão

Aos técnicos e atletas com quem trabalhei, pelos ensinamentos nos caminhos do Esporte

Ao Prof. Carlos Henrique Silvestre, por ter me apresentado a Teoria das Inteligências Múltiplas

Ao irmão e Prof. José Guilherme dos Santos, pelos propósitos compartilhados

Aos companheiros de jornadas, Prof. Valdir Pagan, Prof. Miguel Angelo da Luz, Prof. Sérgio Maroneze, irmão de outras horas Serginho Barros, pela amizade e confiança

Ao querido Prof. Antonio Carlos Barbosa, pelos profundos ensinamentos de respeito ao ser essencial

Ao Prof Dr. Idico Luiz Pelegrinnotti, pelos constantes e complexos exercícios de auto-organização

Ao Prof. Dr. Dante de Rose Jr, pelos exemplos apaixonados de amor ao Esporte

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Oliveira, pela bússola que orientou novos rumos

Aos companheiros de equipe, Prof. Vagner Roberto Bergamo, Prof. Valdomiro de Oliveira, Profa. Fernanda Ramirez, Prof. Dr. Paulo César Montagner, Profa. Laurita Schiavon. Obrigado por jogarmos juntos.

A Tânia e Dulce, torcedoras ilustres

E ao Maestro de toda essa orquestra, Prof.Dr. Roberto Rodrigues Paes, pela paciência, disponibilidade, e outros ensinamentos que só a sábia companhia revela.

A vocês,

Muito amor e carinho

RESUMO

Os Jogos Desportivos Coletivos constituem-se em meio formativo por excelência, devido às exigências e relações estabelecidas entre os elementos que lhe são característicos. Dentro deste contexto, o processo de iniciação e formação esportiva compõe-se de maneira a exigir práticas congruentes com as características de crescimento e desenvolvimento de crianças e jovens, participantes do processo. Devido a determinados fatores, surge o problema da especialização precoce, que tem efeitos indesejados manifestos em diversos ambientes, além do esportivo. Deste modo, a Teoria das Inteligências Múltiplas fundamenta a elaboração de práticas que permitem ampliar possibilidades de relações do indivíduo que participa da iniciação e formação esportiva nos Jogos Desportivos Coletivos, através dos estímulos às inteligências caracterizadas na Teoria: corporal-cinestésica, lógico-matemática, espacial, verbal-lingüística, musical, intrapessoal, interpessoal, naturalista. Este estudo se desenvolveu, com base em fundamentação teórica, por meio da análise descritiva da estrutura dos Jogos Desportivos Coletivos, com o objetivo de indicar uma proposta em Pedagogia do Esporte que tem como bases de sustentação os Jogos, o indivíduo em seus vários aspectos – físico, mental, emocional, social e espiritual - o Agente Pedagógico e os estímulos das Inteligências Múltiplas. Desta maneira, espera-se que o indivíduo estabeleça diversos tipos de relações nas situações vividas em jogos, transferindo os aprendizados para as várias manifestações do desenvolvimento humano.

ABSTRACT

The Team Sports Games are constituted in a forming environment by excellence due to the requirements and relations established among their characteristic elements. Within this context, the process of initiation and sports formation is composed so as to require practices congruent to the growth and development characteristics of children and youngsters, taking part in the process. Due to some factors, the precocious specialization problem comes up, causing undesired effects manifested in several environments, apart from the sports environment. This way, the Multiple Intelligences Theory fundamentals the development of practices which allow the enlargement of possibilities of relations of the individual who participates in the sports initiation and formation in the Team Sports Games, through the incentives to intelligences characterized in the Theory: body- kinesthetic, logical-mathematical, spatial, verbal-linguistic, musical, intra-personal, inter-personal and naturalistic. This study has been developed, based on theoretical fundament, through the descriptive analysis of the Team Sports Games' structure, with the aim of indicating a proposal in Sports Pedagogy, which has as basis the maintenance of the Games, the individual in its several aspects – physical, mental, emotional, social and spiritual – the Pedagogic Agent and the stimulus of the Multiple Intelligences. Thus, it is expected that the individual establish various types of relations in situations that come up in games, transferring what's been learned for the many manifestations of the human development.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1	
JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1 Introdução ao Tema	15
1.1 A Célula Básica.....	16
1.2 Gerando Um Organismo Maior.....	19
1.3 Resumo Histórico.....	20
1.4 Abordagem Contextual.....	23
1.5 A Presença de uma Lógica Interna.....	29
1.6 A Defesa ou a Defensiva.....	32
1.7 O Ataque ou a Ofensiva.....	34
1.8 Caracterização das Ações e Esforços	36
1.9 Pedagogia do Esporte nos Jogos Desportivos Coletivos: perspectivas.....	37
CAPÍTULO 2	
O TREINAMENTO COMO PROCESSO DE INICIAÇÃO E FORMAÇÃO ESPORTIVA	40
2 O Treinamento na Infância e na Adolescência	41
2.1 Caracterização de Fases.....	42
2.1.1 Caracterização de Fases Por Hahn.....	42
2.1.2 Caracterização de Fases Por Greco.....	44
2.1.3 Caracterização de Fases Por Weineck.....	46
2.2 As Fases Sensíveis de Treinamento.....	48
2.2.1 Capacidades Sensoriais, Cognitivas e Psíquicas.....	48
2.2.2 Capacidades de Aprendizagem e Coordenação.....	48

2.2.3 Capacidades de Resistência.....	49
2.2.4 Capacidades de Força.....	50
2.2.5 Capacidades de Velocidade.....	51
2.2.6 Capacidades de Flexibilidade.....	51
2.3 A Técnica	53
2.4 Alguns Referenciais para a Tática	54

CAPÍTULO 3

O PROBLEMA DA ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE.....	56
3 Especialização precoce: conceitos e abordagens.....	57
3.1 Manifestações no esporte.....	64
3.2 As possíveis causas	66
3.3 Os possíveis efeitos	70
3.4 A busca de referenciais de apoio para a elaboração das práticas	74

CAPÍTULO 4

AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E OS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS.....	76
4 Jogos Desportivos Coletivos, Inteligências Múltiplas e Pedagogia do Esporte: Conexões.....	77
4.1 Alguns Paradigmas da Inteligência.....	79
4.2 A Teoria das Inteligências Múltiplas.....	81
4.3 As Oito Inteligências.....	85
4.3.1 A Inteligência Corporal Cinestésica.....	87
4.3.2 A Inteligência Verbal Lingüística.....	88
4.3.3 A Inteligência Lógico-Matemática.....	90
4.3.4 A Inteligência Musical.....	91
4.3.5 A Inteligência Espacial.....	92
4.3.6 A Inteligência Interpessoal.....	94
4.3.7 A Inteligência Intrapessoal.....	95
4.3.8 A Inteligência Naturalista.....	96

CAPÍTULO 5**ESTÍMULOS DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UMA PROPOSTA EM PEDAGOGIA DO ESPORTE.....98**

5 Os Elementos Fundamentais.....99

5.1 Pressupostos da Proposta em Pedagogia do Esporte com Base nos Estímulos das Inteligências Múltiplas.....100

5.2 Estabelecendo Ambiente e Estímulos das Inteligências Múltiplas nos Processos de Iniciação e Formação Esportiva.....103

5.2.1 Inteligência Corporal Cinestésica.....103

5.2.2 Inteligência Verbal Lingüística.....105

5.2.3 Inteligência Lógico-Matemática.....109

5.2.4 Inteligência Espacial.....113

5.2.5 Inteligência Musical.....118

5.2.6 Inteligência Interpessoal.....120

5.2.7 Inteligência Intrapessoal.....123

5.2.8 Inteligência Naturalista.....127

5.3 Abrindo Novos Caminhos para o Futuro130

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....131**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....137**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação Esquemática da Lógica dos Jogos Desportivos	
Coletivos	30
Figura 2 - Capacidades físicas com as correspondentes fases sensíveis	
possíveis.....	52
Figura 3 - Representação esquemática do processo de especialização	
precoce na relação com suas possíveis causas e efeitos	73
Figura 4 – Representação esquemática das inteligências múltiplas.....	86
Figura 5 - Representação esquemática do ambiente pedagógico estabelecido nos	
JDC tendo como base o estímulo das inteligências múltiplas	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças pertinentes nos Jogos Desportivos Coletivos.....	22
---	-----------

APRESENTAÇÃO

O tema Inteligência sempre me chamou a atenção. Fazendo provas na escola, vivendo experiências cotidianas, na admiração por pessoas que não tinham formação escolar, mas que demonstravam certa habilidade em resolver problemas de diferentes naturezas e tirar soluções, como que por mágica, de alguma cartola escondida. Habilidades ou talentos que muitos não demonstravam. Mas, hoje sei disso, a inteligência estava lá. Muitas vezes ouvi: “Ah, se ele tivesse estudado...”. Será que aquelas pessoas sabiam dos seus direitos de serem chamadas de inteligentes? Provavelmente não. O privilégio talvez fosse de outros.

Minha admiração pelo Esporte vem de muito tempo atrás. Desde criança, como tantos outros milhares de garotos brasileiros, sonhava ser desportista. Sonhava com a Seleção Brasileira. De futebol. Gols, dribles, passes, abraços na comemoração, estádio cheio, Copa do Mundo, “...a taça do mundo é nossa...”. sonho de criança. O tempo passou, o futebol que conheci foi do gol, pois virei goleiro por muito tempo. Até que gostava. Aprendi a observar posicionamentos, orientar movimentações, admirar talentos. Virei espectador. A paixão pelo Esporte aumentou, mas de outra forma.

Na área de Treinamento, vivenciei diversas modalidades. Basquetebol, Tênis de Mesa, Futsal, Voleibol. Tive experiências no Atletismo e no Triatlon. Da oportunidade da diversificação em minha formação no universo esportivo, participei do exercício das diferentes percepções, provocado pela observação dos mais variados tipos de gestos motores, composições táticas, diferentes padrões de exigência e rendimento em competições. Com o Basquetebol vieram as experiências mais duradouras, em diversos eventos, de diferentes magnitudes. Desde os Jogos Regionais e Abertos, organizados pela Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, até Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos.

Permito-me afirmar, dentro da minha experiência, que o ambiente do Esporte é apaixonante. Nos caminhos desta paixão, participei de diversas e diferentes etapas do desenvolvimento de atletas em suas modalidades específicas. Nesta relação de harmonia e sintonia, foi constante a busca do mais alto, mais forte, mais rápido e também de outros elementos, que de forma sutil

significavam a valorização de aprendizados transferidos para diferentes aspectos da vida de cada um.

Essa relação de sinergia com o Esporte me motivou a desenvolver este estudo sobre Jogos Desportivos Coletivos, ambiente preferido nestes anos de vida esportiva. Ao notar as intensas manifestações do ser humano quando joga, sinto-me diante de estímulos que podem ter especiais significados para a vida toda do ser singular, na medida em que suas percepções a respeito do ambiente são únicas.

Em viagens de estudos em Treinamento por Suécia e Alemanha, em 1987 e 1989, respectivamente, pude verificar a importância que se dá para os aspectos pedagógicos presentes no treinamento de crianças e jovens, transcendendo a questão da metodologia e meios utilizados no processo. A convergência de diversas áreas de conhecimento das Ciências do Esporte, facilitada pela ação catalisadora do relacionamento pedagógico entre técnico e atleta, orientou os trabalhos dos quais participei diretamente, durante esses anos vividos no universo esportivo.

Diante da possibilidade de exploração com variados estímulos deste amplo e diversificado substrato esportivo, os Jogos Desportivos Coletivos - que em alguns momentos chamaremos JDC - buscamos em Howard Gardner (1994), com a sua Teoria das Inteligências Múltiplas, a oportunidade de valorizar o ser humano que aprende esportes, validando os processos de iniciação e formação esportiva de forma a aumentar as possibilidades que crianças e jovens têm em aprender esportes, enriquecidos pela exploração dos desafios a que são expostos.

Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, que se define como “um psicólogo interessado em questões cognitivas” (Gardner, 1996), lança a Teoria das Inteligências Múltiplas em 1983, contrapondo-se à idéia de que existe somente um fator geral que determina a inteligência. De maneira mais ampla, seus trabalhos apontam para a neuropsicologia, psicologia da criatividade e mais diretamente para a área da Educação, valorizando as diversas capacidades e habilidades diferenciadas que o ser humano possui, concebendo a inteligência como um sistema complexo.

Ao falarmos das características diversas e múltiplas dos Esportes, especificamente nos Jogos Desportivos Coletivos, conectar as possibilidades de relação de quem participa deste ambiente às Inteligências Múltiplas, é exercício inevitável.

INTRODUÇÃO

Os estudos em Pedagogia do Esporte vêm ocupando lugar de destaque nas Ciências do Esporte. A Pedagogia permite a transcendência aos métodos de treinamento desportivo, que cumprem seu papel, na medida em que são conhecidos e aplicados adequadamente. Estamos em direção ao passo seguinte. Além do **porquê**, é preciso conhecer um pouco mais do **que** e **quanto** fazer, indicadores dos aspectos quantitativos. Seguindo: torna-se importante agora o **como** fazer.

Nas práticas esportivas, outros significados – mais amplos do que os referenciais de vitória ou derrota – vêm sendo notados pelos profissionais do Esporte. Os olhares estão sendo ampliados para os demais aspectos do ser humano que joga, seja atleta ou não. As pessoas que hoje investigam o fenômeno Esporte, ou atuam como agentes pedagógicos na área esportiva, talvez vejam constantemente seu passado acontecendo diante dos seus olhos. Podem estar querendo transformar através daquilo que os transformaram.

A Natureza presenteou o Homem com potenciais inatos de habilidades, capacidades, nos mais diversos aspectos. Gardner (1994) coloca que as pessoas demonstram potenciais inatos de habilidades e talentos, que podem ser identificados em locais diferentes no cérebro e classificados de maneira criteriosa em oito inteligências: cinestésica corporal, relacionada à resolução de problemas com o corpo; lógico matemática, que busca resolver problemas utilizando-se de padrões lógicos; musical, relativa à produção de produtos utilizando-se de ritmos e sons; espacial, relativa à localização no espaço; verbal lingüística, que busca a produção de produtos e resolução de problemas utilizando-se da linguagem verbal; as inteligências pessoais, do ser consigo mesmo e do ser com o ambiente social em que vive, tendo como base as relações que aí estabelecem e a inteligência naturalista, que diz respeito às relações do homem e o meio ambiente.

Ainda, segundo Gardner (1994), nós possuímos todos os potenciais de inteligência, sendo que alguns se desenvolveram, ou foram mais estimulados que outros. Somos então, campos férteis à espera do sábio semeador que se habilite a estimular o desenvolvimento desse amplo potencial de inteligência. Esse processo

pode se dar no conjunto de inteligências, ou com a predominância de uma habilidade, porém com a atuação complementar de outras.

Nessa abordagem, a intenção profunda é a de multiplicar possibilidades de aprendizado, preparando quem aprende não somente para os desafios esportivos, como também para o desenvolvimento de características internas na resolução de problemas de diferentes estruturas, criando consistentes metáforas para a Vida.

Diante dessas indicações, é de nossa competência provocar não somente a manifestação dessas inteligências, como de provocar seu desenvolvimento, por meio de estímulos adequados em ambientes educativos, no nosso caso o ambiente de iniciação e formação esportiva.

Pode-se propor diferentes caminhos para a transmissão dos conhecimentos no contexto do Esporte, ou especificamente nos Jogos Desportivos Coletivos. A motivação para iniciar essa busca pode ter sido provocada pela inquietação com os processos que se desenvolvem com a iniciação e formação nas diversas modalidades esportivas, frutos da estrutura que reproduz o contexto dos jogos dos adultos. Faz-se necessário ampliar os paradigmas existentes, incrustados em antigas crenças que buscam e valorizam o resultado imediato, norteador do atual contexto esportivo dos JDC.

Os Jogos Desportivos Coletivos se compõem de ambiente diversificado em variedades de situações que são proporcionadas pelas regras, delimitação do campo de jogo, técnicas possíveis, elaboração de táticas e estratégias. Inseridos que estão no fenômeno Esporte, constituem um dos seus mais importantes elementos. Pelos próprios caminhos que têm levado a mobilizar inúmeras pessoas que agem direta ou indiretamente em seu contexto, oportunidades de interesse foram geradas pela sua prática, seja no Basquetebol, no Futebol, no Futsal, no Handebol ou no Voleibol.

Surgem, então, as reflexões em torno dos processos que iniciam crianças e jovens à sua prática introdutória. Pelo tempo de participação em equipes de esportes, os processos de iniciação e formação esportiva buscam desde cedo quem já apresenta requisitos físicos e técnicos, principalmente, tendo como conseqüências diretas, projeções de altos níveis de desempenho em futuro

imaginário, feita por pais, professores, técnicos. Desta forma, valoriza-se o talento tão somente, desprezando-se os propósitos de ensinar esporte e a conseqüente afinidade pela sua prática, em primeiro plano.

Um outro aspecto questionável desse tipo de procedimento, é a exclusão dos que não apresentaram os requisitos necessários e visíveis para participarem do processo, muitas vezes por razões relacionadas às questões biológicas de crescimento e maturação, como também dos que gostariam de praticar esportes, pelo simples prazer de se encontrarem inseridos em meio estimulante e saudável.

Influenciados por inúmeros fatores, a criança ou o jovem que inicia têm, então, suas possibilidades reduzidas de desenvolvimento quanto aos aspectos referentes ao Esporte, pois a necessidade de desempenho imediato restringe e compromete o ambiente ideal para as práticas de iniciação e formação esportiva.

O compromisso com o desenvolvimento nos Esportes, limitado pela genética, é ampliado pelas múltiplas oportunidades de explorar o ambiente e as atividades com os estímulos aplicados. É uma das intenções deste estudo, investigar a manifestação da Inteligência no ambiente dos JDC. Devemos, pois, sair da cômoda e esperançosa situação da espera pelo surgimento de super atletas e daqueles que, pela autodidática percebem as riquezas presentes nos Jogos Desportivos Coletivos. É preciso sim, ao ensinar Esportes, ampliar a ótica que seleciona somente os gestos e o desempenho físico, e provocar oportunidades que estimulem os potenciais de resolução de problemas a serem inseridos nos ambientes de iniciação e formação esportiva e também no enfoque à elaboração de atividades, o que se pretende fazer com a proposta que tem como base a Teoria das Inteligências Múltiplas.

Partimos dos pressupostos da necessidade de compreensão do Esporte, mais especialmente dos Jogos Desportivos Coletivos, sob outras estruturas e significados, indo desde a sua observação e tendo como ponto referencial a abordagem do fenômeno como um sistema, até o entendimento plural de quem o pratica. Forma-se então uma rede, ou uma teia de relações, ampliando a análise da estrutura composta por partes isoladas, como se fossem engrenagens. Coloca-se inicialmente que, como em outros ambientes, também nos Jogos Desportivos

Coletivos, todas as ações e movimentos afetam de alguma maneira os ambientes ligados entre si.

Como Objetivo Geral, pretende-se então, a partir de análise e reflexão de aspectos relativos aos Jogos Desportivos Coletivos, apresentar teorias existentes para os processos de iniciação e formação esportiva, bem como de características metodológicas norteadoras deste processo. Em seguida, apontar para o problema da Especialização Precoce, levantando possíveis causas e conseqüentes efeitos que são constatados no processo.

Como Objetivo Específico pretende-se, através da análise das características dos Jogos Desportivos Coletivos e da fundamentação teórica pela Teoria das Inteligências Múltiplas, apresentar uma proposta em Pedagogia do Esporte, que indica para conceitos de elaboração de práticas e estímulos das inteligências, com intervenção do técnico ou professor – que chamaremos em alguns momentos de agente pedagógico –, no relacionamento com o indivíduo que joga.

Esta dissertação tem como metodologia a Revisão de Literatura – livros, dissertações, Teses, artigos de revistas especializadas – relativa ao objeto de estudo, os Jogos Desportivos Coletivos, bem como dos processos relativos à iniciação e formação, do levantamento do problema – a Especialização Precoce – e da Teoria que sustenta a Proposta em Pedagogia do Esporte. Ao realizar a análise descritiva dos JDC e de suas decorrentes manifestações, além da fundamentação teórica, foram utilizadas, também, fitas de vídeo de jogos das modalidades Basquetebol, Futebol, Futsal, Handebol e Voleibol.

O estudo se desenvolve em cinco capítulos. No primeiro, trataremos de considerações a respeito dos Jogos Desportivos Coletivos, com o objetivo de ampliar as abordagens que cuidam de sua compreensão, com base nas observações e teorias de Teodorescu (1984) e Bayer (1994). Buscaremos referenciais que tratam de compor os elementos presentes nos Jogos Desportivos Coletivos dentro de possibilidades de relações, que interagem em todo momento, na busca de criar ordem nos constantes desequilíbrios provocados. Neste incessante movimento em busca de auto-organização, temos o campo das ações

possíveis, provocadas pelas situações imprevisíveis de que se compõem os Jogos Desportivos Coletivos.

Assim, amplia-se a compreensão de sua estrutura. Passando da análise pelos pressupostos cartesianos, que vão reduzir as partes integradas de um sistema à simples analogia de uma máquina em funcionamento, a própria evolução dos estudos de Jogos Desportivos Coletivos (Garganta, 1998; Bota & Colibaba-Evulet, 2001) determina horizontes para a visão sistêmica. Começamos a observar, então, um sistema em funcionamento, que possui relações e interação constantes entre os subsistemas integrados que o compõem.

No segundo capítulo, trataremos de apresentar teorias relevantes a respeito do Treinamento Infantil, com base em estudiosos do Treinamento, preocupados que são com o tratamento dado às sementes do futuro esportivo. Procuramos referências em Grosser et al. (1989), Hahn (1989), Greco (1998), Weineck (1999), autores que observam a necessidade de se estabelecerem bases teóricas que dêem conta de cuidar dessa fase de desenvolvimento humano dentro do Esporte.

Trata-se de apresentar o relacionamento do processo de iniciação e formação esportiva com as fases sensíveis de treinamento, que otimizam a assimilação ótima das capacidades físicas de acordo com o nível de maturação da criança. Apresenta-se, também, a importância do tratamento que se dá ao treinamento da técnica e da tática nessa fase de introdução ao mundo esportivo. Fica evidente que, além da falta de conhecimentos mais profundos na área do Treinamento Infantil, é presente a delicada linha que pode separar os momentos ótimos para estímulos que têm como base, capacidades físicas de resistência, força, velocidade, coordenação e flexibilidade. O sutil temor pelo erro na aplicação de estímulos de diferentes naturezas, existente no meio esportivo, fatalmente já conduziu ao erro inúmeros processos de iniciação e formação esportiva.

O terceiro capítulo traz as conseqüências de processos equivocados em iniciação e formação esportiva, que têm como resultados o abandono prematuro das práticas, riscos e existência de diversos tipos de lesões, devidas ao excesso e intensidade inadequadas de atividades e outras conseqüências, indesejadas a quem pratica o Esporte. Busca refletir, também, sobre as prováveis causas da

especialização precoce, e sustentar o conceito de que a aplicação incoerente (que muitas vezes se supõe ser eficiente) de estímulos em treinamento para crianças e jovens traz muito mais prejuízos do que as vantagens programadas e imaginadas.

No quarto capítulo, procuramos fundamentar, com a Teoria das Inteligências Múltiplas, a proposta em Pedagogia do Esporte. Desta forma, encontramos manifestações das inteligências no ambiente dos JDC, e a partir daí, indicar para a possibilidade de estimulá-las, relacionadas com as práticas em ambiente de Jogos Desportivos Coletivos, em outro momento.

A integração dos pressupostos da Teoria das Inteligências Múltiplas às características dos Jogos Desportivos Coletivos é fundamental, uma vez que diante do plural e diversificado ambiente proporcionado pelos JDC, a multiplicidade de processos possibilitados pela ótica das Inteligências Múltiplas, permite a otimização dos aprendizados inerentes à iniciação e formação esportiva, com presença de estímulos de diferentes aspectos e áreas do desenvolvimento humano.

O quinto capítulo trará os elementos norteadores da proposta em Pedagogia do Esporte, com base na manifestação das Inteligências Múltiplas, presentes nos Jogos Desportivos Coletivos. Ao se fazer estudos de situações de Jogos Desportivos Coletivos, busca-se a manifestação das Inteligências Múltiplas durante a realização de jogos. A partir da verificação da presença e utilização das inteligências, integrando-se a princípios básicos das relações do Homem com o sistema repleto de possibilidades de relações em que hoje vivemos, elaboram-se os pilares para a otimização do ambiente de iniciação e formação esportiva.

A busca dos pressupostos da Teoria das Inteligências Múltiplas se dá na expectativa de que permitam:

- Compreender os elementos inerentes aos Jogos Desportivos Coletivos, de forma a valorizar o indivíduo em suas várias dimensões, pela multiplicidade de seus talentos e habilidades;
- Oferecer ao indivíduo múltiplas maneiras de se relacionar com o ambiente, tendo como base de sustentação o pressuposto de

que somos responsáveis pelas mudanças provocadas em um sistema;

- Sintonia com um dos pilares característicos dos Jogos Desportivos Coletivos, que é a imprevisibilidade e a capacidade de tratar com os problemas por ela causados;
- Indicar para a criação de ambientes estimuladores ao desenvolvimento das várias competências e habilidades do indivíduo;
- Valorizar a relação do indivíduo com a comunidade em que vive, trazendo e traduzindo a necessidade de se produzir ecologia, estabelecendo metáforas com os Jogos Desportivos Coletivos, dentre elas, a metáfora da Vida, por meio de ambientes intencionalmente criados ou produzidos com o propósito de estimular as várias inteligências do indivíduo;
- Permitir, ao técnico ou professor, a identificação de vários acessos para o relacionamento pedagógico com o indivíduo, e a conseqüente exploração desses acessos;
- Estimular o desenvolvimento das inteligências por meio do contexto formado pelos Jogos Desportivos Coletivos, e não somente exigir soluções mágicas e prontas do indivíduo. Assim, pode-se aumentar a auto-estima de quem aprende, provocando a integração do indivíduo ao ambiente;
- Permitir ao indivíduo o seu desenvolvimento de forma integral ao valorizar, desenvolver e estimular os aspectos possíveis de inteligência, enxergando-o em sua totalidade;
- Desenvolver estratégias de soluções de problemas que permitam ao indivíduo vencer os desafios presentes nos Jogos Desportivos Coletivos, das mais variadas dimensões e necessidades.

Na conclusão desta introdução, afirmamos que, em todo momento, os Jogos Desportivos Coletivos serão considerados como um meio gerador de diferentes e diversas oportunidades a quem os pratica, transcendendo das resoluções de técnica ou de tática, mas tendo como objetivo maior a formação integral do Homem. Nas situações possíveis e nos jogos de estímulos presentes nos constantes desafios, provavelmente estejam as oportunidades das manifestações verdadeiras de quem joga.

O constante exercício das inteligências denominadas por Gardner, integradas ao ambiente de riqueza imprevisível dos JDC, transforma-se em instrumento possível para uma Pedagogia do Esporte que pede, não pela revolução - já que valida o atual contexto, pois de outra forma não estaríamos a refletir essas questões – mas sim pela evolução. Sim, constitui-se uma Pedagogia evolucionária, coincidente com a busca do Homem Moderno, ou seja, a busca de si mesmo enquanto Ser Integral.

CAPÍTULO 1

Jogos Desportivos Coletivos:

Considerações Iniciais

1 Introdução ao Tema

Os Jogos Desportivos Coletivos, representados que são pelas modalidades, entre outras, Futebol, Basquetebol, Futsal, Voleibol e Handebol, inseridos no fenômeno Esporte, de diversos e múltiplos significados, ocupam lugar de grande destaque em nossa cultura das últimas décadas. Para o esporte nacional, têm significado destaque no desempenho em competições internacionais. Várias Seleções Nacionais, em diferentes modalidades e categorias, tanto no masculino como no feminino, têm conquistado expressivos resultados, a destacar, em Jogos Panamericanos, Campeonatos Mundiais, Jogos Olímpicos e outros tantos torneios internacionais, refletindo a capacidade de adaptação e competitividade do atleta brasileiro dentro do contexto destas modalidades.

Teodorescu (1984, p. 23) apresenta a seguinte definição para Jogos Desportivos Coletivos:

”O Jogo Desportivo Coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo), manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas”.

Os Jogos Desportivos Coletivos são caracterizados pelas mais variadas situações imprevisíveis e aleatórias. Essas características refletem a situação típica de que em um jogo ou conjunto de jogos, dois conjuntos de situações exatamente iguais não ocorrem, permitindo diversas possibilidades de combinações, sendo assim impossível prevê-las em treinamento (Garganta, 2000). Entretanto, as diversas relações que se estabelecem entre os vários elementos que interagem nos Jogos Desportivos Coletivos formam um determinado padrão, que para este mesmo autor são os possíveis previsíveis, sem os quais, os sistemas de preparação e treinamento deixariam de ter sentido.

Desta forma, como as situações em níveis de frequência, ritmo, ordem cronológica, utilização de movimentos específicos e complexidade não podem ser previstas antecipadamente, os Jogos Desportivos Coletivos se configuram em um ambiente de oportunidades diversificadas para a formação integral de quem os pratica, pois, segundo Garganta (1998), dentro da prática corretamente orientada, induzem o desenvolvimento da competência em vários planos, como o tático-cognitivo, o técnico e o sócio-afetivo. Teodorescu (1984) ressalta também outros aspectos importantes a serem validados e considerados, como o psicossociológico, o morfológico e funcional, o psicomotor e o pedagógico, enfocando também as influências e os efeitos positivos do jogo e do exercício físico aliados aos efeitos educativos que o jogo oferece.

Assim, traços característicos compõem os Jogos Desportivos Coletivos, fornecendo a essas modalidades de Esporte, aspectos marcantes de sua identidade, não só pela própria característica coletiva de jogo, mas também pelas mais variadas dimensões de exigências presentes dentro da sua prática, transcendendo do nível das capacidades físicas, habilidades motoras, ou o aperfeiçoamento da técnica e de elaboração de sistemas táticos.

1.1 A Célula Básica

Na busca dessas informações, de um conhecimento da natureza e da essência dos Jogos Desportivos Coletivos, faz-se necessário observar, também, sua gênese essencial, que se origina no Jogo, que Barbanti (1994, p. 175) define como

“uma forma de competição muito prazerosa cujo resultado é determinado por habilidades motoras, estratégias, ou chances, empregadas simplesmente ou em combinação”.

Huizinga (1993) destaca a importância do jogo para o desenvolvimento do Homem, afirmando ser o jogo anterior à própria cultura.

Em um ambiente formativo, Orlick (1978) coloca o jogo como um poderoso formador de comportamentos, ao valorizar a importância dos propósitos e da natureza do jogo. Assim, faz-se necessário tomar contato com aspectos conceituais da essência do Jogo, transcendendo da simples finalidade e análise biológica (Huizinga, 1993; Teodorescu, 1984) representando essa análise uma solução parcial do problema. Tem um significado maior e mais consistente ao referendar-se à intensidade e fascinação que são provocadas pelo Jogo. Aqui, talvez, se encontre a real transcendência que a análise quantitativa e a rigidez do seu método têm dificuldades em explicar as ações corporais humanas, como aponta Freire (1991), fundamentando-se pela lógica de números e subtraindo-se de referenciais como a tensão, a alegria, o divertimento, a inteligência e o prazer do jogo.

A partir deste contexto que se cria pela possibilidade de ser o jogo um instrumento pedagógico, ampliam-se e transformam-se suas possibilidades, adquirindo novos significados dentro e por meio da sua prática, permitindo a quem joga, aprender incessantemente (Freire, 1994). Para Orlick (1978) é possível transferir o aprendizado dos jogos da vida para comportamentos que se manifestam em outros momentos da história do indivíduo, tendo também a visão de que brincadeiras organizadas, jogos e esportes, preparam a pessoa para desafios futuros.

São vários os elementos que caracterizam a essência do Jogo, permitindo-se considerar o Jogo em todos os seus aspectos mais abrangentes. Desta forma, a abordagem e o tratamento indicados pelo estudo têm o objetivo de tomar o Jogo como um pilar para a configuração dos Jogos Desportivos Coletivos.

Diante do fenômeno jogo, Antunes (1999, p. 11) busca algumas características fundamentais, a partir de sua origem:

“A palavra jogo provém de jocu, substantivo masculino de origem latina que significa gracejo. Em seu sentido etimológico, portanto, expressa um divertimento, brincadeira, passatempo

sujeito a regras que devem ser observadas quando se joga. Significa também balanço, oscilação, astúcia, ardil, manobra. Não parece ser difícil concluir que todo jogo verdadeiro é uma metáfora da vida”.

Procura-se entender o jogo, aqui, com um ambiente favorável aos crescentes estímulos que buscam o crescimento, em constantes desafios provocadores do desenvolvimento cognitivo e da transferência destes elementos para toda a vida, ou como coloca Antunes (1999), transcendendo dos aspectos de vitória ou derrota como resultados de competições. Desta forma, buscam-se, constantemente, estímulos diferenciados que possam explorar a resolução de problemas de diferentes naturezas, exigindo respostas e soluções que envolvam os vários aspectos da inteligência.

Já Huizinga (1993, p.33), ao traçar aspectos profundos e menos visíveis em sua definição, aponta para uma dimensão antropológica do jogo:

“Jogo é uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente concebidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana”.

Continuando com a caracterização de Jogo, o autor destaca a constante exigência da ordem que o jogo provoca, transferindo esse aspecto ao valor estético que o Jogo possui, traduzido também pelos seus efeitos, como a tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. Aqui, é destacada a importância que o autor dá aos aspectos sutis que cercam o Jogo. Transferindo essa análise para os Jogos Desportivos Coletivos, sinalizamos para outros referenciais que não somente o entendimento lógico pode nos oferecer. Freire (1994) aproxima de forma muito intensa o compromisso do jogo com a formação de quem joga, possibilitando, a quem o pratica, cumprir seu papel social por toda a vida.

1.2 Gerando um Organismo Maior

Diante de uma abordagem sistêmica e multifacetada dos Jogos Desportivos Coletivos, que inicialmente propõe esse estudo, é relevante focar o Jogo e sua transcendência dos aspectos lógicos e racionais, transferindo essa ampla abordagem para os Jogos Desportivos Coletivos, e a análise de outros aspectos relacionados ao seu conteúdo. Desta forma, tendo como base múltiplas referências que surgem ao tratar do tema Jogos Desportivos Coletivos, verifica-se a dificuldade do trato do seu conteúdo real, ao considerar-se que estão envolvidos em tamanha pluralidade. Assim sendo, esses referenciais têm apoio nas ciências biológicas, pedagógicas, psicológicas, sociológicas (Teodorescu, 1984), a fim de poderem sustentar e interpretar os diversos fenômenos presentes no sistema JDC.

De forma a validar essa abordagem de transcendência dos variados domínios dos Jogos Desportivos Coletivos, faz-se necessário um estudo multidimensional dos diversos fatores que influenciam esse fenômeno.

Desde o seu valor educativo, que se mostra na medida em que atua sobre a personalidade e das exigências biológicas que permitem o desenvolvimento físico do indivíduo, os Jogos Desportivos Coletivos permitem a quem os pratica o desenvolvimento do espírito coletivo, a disciplina gerada pela aceitação das regras, elaboração de recursos internos para resolver dificuldades, a análise de situações que levam ao desenvolvimento de raciocínio que, por sua vez, conduzem a ações.

Para Garganta (1998), dois traços são fundamentais dentro da identidade e importância dos Jogos Desportivos Coletivos. Em primeiro lugar, a cooperação, significada diretamente pelo espírito de colaboração e solidariedade entre elementos de uma mesma equipe para vencer a oposição das estratégias da equipe adversária. Em seguida, a inteligência, significando, para o autor, a capacidade de elaboração e operação de respostas aos problemas provocados

pelas mais diversas situações, dizendo respeito à noção de adaptabilidade do indivíduo.

Nesta ótica, é importante realçar as inúmeras situações imprevisíveis às quais se expõe quem pratica os JDC, representadas pela interligação complexa de vários fatores de natureza psíquica, física, tática, técnica (Garganta, 1998) tendo o indivíduo que responder prontamente a todas elas. O grau de desenvolvimento destas exigências permite, ao indivíduo, resolver situações de jogo, que pelo seu caráter de imprevisibilidade, premia aqueles que dispõem de maior número de opções - não só motoras - para resolver tais situações. Em outra análise, é possível, diante de uma perspectiva inversa, que as próprias características e riquezas de situações imprevisíveis dos Jogos Desportivos Coletivos sejam responsáveis pelos estímulos necessários à elaboração e desenvolvimento dessas opções.

1.3 Resumo Histórico

A origem dos Jogos Desportivos Coletivos dirige-se às tradições antigas e distantes das sociedades organizadas. Bayer (1994) relata que numerosos jogos de bola faziam parte do patrimônio cultural de distintas civilizações, constituindo fonte de nossos desportos coletivos, onde as primeiras codificações se situam no século XIX. Os árabes praticavam um jogo denominado *koura*; os chineses, através do *tsu-chu*, um jogo onde a bola devia ser lançada para além de dois paus enterrados no solo; tribos norte-americanas praticavam o *skinny*; os japoneses, com o *kemari* antecederam o Futebol atual, num jogo em que golpeavam uma pequena bola com os pés; os franceses, que com a *soule* preconizavam o surgimento do Hóquei sobre o gelo, e ali já utilizavam patins; germânicos com o *korfball* holandês desenhavam o Basquetebol; a sociedade pré-colombiana dos incas (séc. VII A.C.), com um jogo chamado *pok ta pok*, praticavam algo muito semelhante ao Basquetebol.

Percorrendo a História da Humanidade, têm-se referências (Bayer, 1994) de que culturas distintas manifestavam jogos que envolviam estrutura semelhante

a algumas modalidades que se desenvolveram durante o século XX. Assim, o Voleibol, o Basquetebol, o Futebol, o Pólo Aquático, o Rugby, o Handebol, que adquiriram nova forma e organização, receberam influência de vários tipos de jogos praticados desde há muito tempo. Alguns relatos do século X A.C. trazem jogos que lembram o Futebol, no Japão, ou ainda do mundo helênico e Império Romano, jogos que lembram o Rugby e o Voleibol.

Teodorescu (1984) faz uma análise genérica da origem dos Jogos Desportivos Coletivos. O autor caracteriza o surgimento histórico pela prática de jogos de movimento por crianças e jovens de diferentes povos, jogos que foram adquirindo um caráter de competição orientada por regulamentos. Cita o Futebol, o Handebol, o Rugby, o Basebol como exemplos, reforçando a idéia de que a grande maioria dos Jogos Desportivos Coletivos encontra, sob forma rudimentar, prática semelhante em alguns milênios antes da nossa era.

Alguns denominadores comuns, segundo Bayer (1994), identificam características da identidade dos jogos coletivos, que desde a sua mais remota elaboração se fazem presentes:

- um objeto esférico a ser lançado pelo indivíduo com a mão, o pé ou com o auxílio de um instrumento;
- um terreno demarcado de jogo, limite de ação de quem joga;
- um alvo a ser atacado ou defendido;
- os integrantes de uma equipe, que ajudam a progressão da bola com diferentes partes do corpo;
- adversários que devem ser vencidos;
- regras do jogo a serem respeitadas.

Essas características se transferem para o desenvolvimento e elaboração dos Jogos Desportivos Coletivos. No Quadro 1, a comparação entre semelhanças e diferenças existentes entre algumas das modalidades dos JDC, permite a análise inicial de sua estrutura.

QUADRO 1

Diferenças pertinentes nos Jogos Desportivos Coletivos					
Modalidade	Futebol	Futsal	Handebol	Basquetebol	Voleibol
Forma de jogar a bola	Usam-se os pés e a cabeça (1)	Usam-se os pés e a cabeça (1)	Usam-se só as mãos (2)	Usam-se só as mãos	Usam-se mais membros superiores (3)
Mobilidade com bola	Condução livre com os pés	Condução livre com os pés	Condicionada drible e 3 passos	Condicionada drible e 2 apoios	Não existe
Passe	Em qualquer direção	Em qualquer direção	Em qualquer direção	Em qualquer direção	Em qualquer direção
Posse-início de jogadas	Atribuída a uma equipe	Atribuída a uma equipe	Atribuída a uma equipe	Disputa inicial/Atribuída a uma equipe	Atribuída a uma equipe
Tempo de jogo	90 minutos (2 períodos)	40 minutos (2 períodos)	50 minutos (2 períodos)	40-48 min. (4 períodos)	Indeterminado
Área de jogo	Cerca de 8.000 m ²	Cerca de 800 m ²	800 m ²	420 m ²	81 m ² / equipe
Nº de jogadores	11 por equipe	5 por equipe	7 por equipe	5 por equipe	6 por equipe
Substituições	3 / equipe: 2 jogadores de campo + goleiros	Todos podem entrar e sair	Todos podem entrar e sair	Todos podem entrar e sair	Todos podem entrar e sair
Área por jogador	Cerca de 727 m ²	160 m ²	114 m ²	84 m ²	13,5 m ²
Obtenção de pontos	Com os pés ou com a cabeça	Com os pés ou com a cabeça	Com as mãos-arremessar	Com as mãos-lançar	Com as mãos-bater / tocar
Formas de marcar com bola	Um gol	Um gol	Um gol	Um cesto	Um toque no solo/fora da área de jogo (4)
Tipo de alvo	Balizas	Balizas	Balizas	Cestos	Área do adversário
Dimensão do alvo	17,86 m ²	6 m ²	6 m ²	0,158 m ²	81 m ²
Defesa do alvo	Centrada no goleiro	Centrada no goleiro	Centrada no goleiro	Entregue a toda a equipe	Entregue a toda a equipe
Gestos para finalizar	Pouca complexidade	Pouca complexidade	Alguma complexidade	Complexos	Complexos
Contato físico	Frequente e intenso	Frequente e intenso	Intenso e frequente	Frequente e intenso	Não há. Rede entre as equipes.
Tipo de contato	Individual	Individual	Individual	Individual	Sem expressão
Contato defensivo	Choques na luta pela bola	Choques na luta pela bola	Choques com uso das mãos	Choques no salto e bloqueio	Sem expressão
Contato ofensivo	Choques para progredir	Choques para progredir	Choques com uso das mãos	Choques no salto e bloqueio	Sem expressão

Notas: (1) Exceto lançamentos laterais e ação dos goleiros; (2) Exceto os goleiros; (3) Pode-se usar todo o corpo; (4) É possível obter ponto com erro do adversário. **(modificado de Rocha e Cordovil, 1998)**

Teodorescu (1984) apresenta em abordagem ampla e genérica, configurações atuais para os JDC:

- existência de um objeto de jogo (bola, bola oval, disco do hóquei sobre o gelo);
- disputa complexa, individual e coletiva, correlacionadas
- regras de jogo unitárias e obrigatórias;
- presença obrigatória de arbitragem;
- limitação da duração do jogo, em tempo ou em objetivos definidos, como pontos ou sets;
- existência de técnica e tática específicas;
- caráter organizado de competições;
- existência de teorias e práticas gerais e específicas, no que dizem respeito à técnica, tática, treinamento e suas metodologias;
- existência do espetáculo desportivo.

1.4 Abordagem Contextual

Para melhor compreender a visão estrutural dos JDC, é importante que os pressupostos de imprevisibilidade e a condição aleatória de seu conteúdo, como aponta Garganta (2000), sejam validados. Fica evidente a teia de relacionamentos existente dentro do ambiente de iniciação, treinamento ou mesmo do jogo propriamente dito. Porém, é interessante e necessário que façamos algumas comparações com a abordagem cartesiana, que também é justificativa para elaboração de procedimentos pedagógicos no ensino dos JDC.

Partindo inicialmente desta abordagem, é possível ter-se o conceito de JDC como uma máquina em funcionamento, reduzindo as relações ali existentes como fenômenos que pudessem ser medidos e quantificados. Tendo essa análise como referência, aceita-se o pressuposto de que seria possível fragmentar esses fenômenos complexos em partes, a fim de compreender o comportamento do todo

a partir das propriedades das suas partes, como analisa Capra (1996), ao tratar das comparações das abordagens cartesiana e sistêmica. Sintetizando formas didático-metodológicas de abordagem dos JDC, Garganta (1998), analisando o tipo de compreensão do jogo que essa abordagem analítico-reducionista gera, classifica essa forma como *Centrada nas Técnicas*, ou *de solução imposta*, partindo das técnicas analíticas para o jogo formal. Temos, então, de acordo com Garganta (1998):

Características: o jogo é decomposto em elementos técnicos (p. ex.: passe, recepção, drible); existe a hierarquização das técnicas (primeiro a técnica A, segundo a técnica B, etc.)

Conseqüências: ações do jogo mecanizadas, pouco criativas, comportamentos estereotipados; problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres).

Dentro das características essenciais dos desafios motores dos JDC, tem-se presente determinado aspecto, fundamental para desenvolver de forma alinhada e congruente este estudo, que pede pela apresentação da natureza das habilidades dos JDC.

Barbanti (1994, p. 147) define habilidades motoras como:

“Atos motores que surgem dos movimentos da vida diária do ser humano e dos animais, expressa um grau de qualidade e coordenação de movimentos. Habilidade motora encontra-se nos movimentos do dia-a-dia e do trabalho, como também na área dos Esportes”.

Como é possível observar nos estudos de Garganta (1998), diante das diferentes maneiras de abordar os JDC, está presente uma forma que vai diretamente à dimensão da técnica, que toma grande parte dos processos de aprendizagem e treinamento. Encontra-se apoio no que o autor propõe, nas observações que apontam para os produtos das ações, na medida em que estas

se mostram pouco criativas, apresentando comportamentos estereotipados e até problemas na compreensão do jogo (Garganta, 1998). Na discussão a respeito do processo de ensino dos Jogos Desportivos Coletivos, Graça (1998) também aponta para o problema da excessiva preocupação com a técnica de ensino dos jogos, que nas observações do mesmo autor apresentam-se de forma descontextualizada, despreocupando-se com o uso desses gestos nas ações e movimentos do contexto dos JDC.

De acordo com Schimidt & Wrisberg (2001, p. 22), tem-se que

“uma habilidade fechada é aquela realizada em um ambiente estável e previsível; uma habilidade aberta é aquela realizada em um ambiente variável e imprevisível durante a ação” .

Pelo que foi observado até aqui, na perspectiva da utilização das habilidades motoras para resolver situações-problema nos JDC, caracteriza-se como essencial, o uso das habilidades abertas, dentro deste ambiente variável e imprevisível.

Enquanto habilidades abertas, elas são influenciadas pelas ocorrências externas, com as movimentações dos jogadores em relação à bola ou em busca de posições favoráveis à recepção de bola, finalização à meta, colocação pelo campo de jogo, posição em relação à meta que defende ou que ataca, entre outros.

Graça (1998) propõe que desde muito cedo se coloque quem aprende perante situações de aprendizagem com enfoque em dois tipos de problemas, que vão da perspectiva da resposta adequada à situação, exigindo o que, quando e por que fazer, à perspectiva da realização da resposta motora, exigindo o como fazer. Sob determinado ponto de vista, tem-se uma proposta de aprendizagem que envolve diretamente a iniciação esportiva, indicando também para a variação de contexto em que os jogos podem ser praticados, evitando-se a repetição das habilidades fechadas, exercitando a resposta em si e sua utilização de forma adequada. Privilegia-se, desta maneira, a semelhança do que ocorre no jogo, destacando aí a adaptabilidade das respostas em contextos específicos, segundo o autor.

Tomando como referência mais uma característica dos JDC, no que dizem respeito às habilidades abertas, é possível abordá-los com base na visão sistêmica, em virtude das características apresentadas pelo fenômeno estudado. Desta forma, nos reportamos às idéias de Capra (1996), introduzindo um critério do pensamento sistêmico, que é o da mudança da análise das partes para a compreensão do todo. Assim, propõe que os sistemas vivos são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de partes menores.

Comparando situações para melhor entender a diferença entre a abordagem cartesiana e a sistêmica nos JDC, temos que, na formação de uma equipe, é duvidoso garantir que tendo em sua composição os destacados e supostamente melhores atletas de determinada modalidade ali reunidos, tem-se definitivamente esse grupo como seguramente vitorioso. No basquetebol, por exemplo, é senso comum que “nem sempre os cinco (atletas) melhores formam o melhor cinco (equipe)”. Ou seja, se dermos prioridade às melhores peças para que se componha a máquina, espera-se os melhores rendimentos das peças atuando em conjunto.

Tomando como referencial as relações que se estabelecem entre as partes, é possível a um outro conjunto (que não necessariamente exiba as mais destacadas peças), poder alcançar resultados mais satisfatórios, em virtude das relações geradas entre as partes, que somadas, permitem a projeção de um todo maior que a suposta soma daquelas partes. São inúmeros os exemplos no mundo esportivo que ilustram essa situação, quando determinadas equipes, tidas como simples participantes em competições, causaram surpresa a muitos, ao vencerem adversários com suposta vantagem técnica, relacionada inicialmente ao valor individual de seus componentes.

Tendo, ainda, o suporte do pensamento sistêmico, justifica-se a transcendência da análise pura e simples do indivíduo, tido como parte, nas relações com outras variáveis. Seria de todo impossível isolá-las e imaginar que estariam protegidas da interação com outros elementos. Daí, observa-se que o ambiente dos Jogos Desportivos Coletivos se compõe de seres vivos que interagem e buscam, constantemente, a auto-organização do sistema. Portanto, é

válida a idéia de que o sistema formado pelos integrantes de uma equipe, não é nada mais que um sistema de organismos, sendo todos eles totalidades integradas, cujas propriedades essenciais surgem das relações interativas e da interdependência de suas partes.

Em estudos, Bota & Colibaba-Evulet (2001) atribuem à visão de sistema, as análises possíveis dentro dos processos e fenômenos que surgem nos Jogos Desportivos Coletivos. Colocam as ações, que são executadas no processo, relacionadas a vários elementos transformacionais, em primeiro instante sobre o indivíduo, desde o treinamento que atua sobre o organismo, até as orientações atuantes sobre comportamentos e acontecimentos relativos ao ambiente externo, intervindo com condutas e transformações conscientes do sistema.

Considerando as características dos JDC, os autores adaptam as definições de sistema com o propósito de mostrar que nos JDC formam-se grupos de subsistemas internos, conectados ao meio externo, que por sua vez também possui outras conexões, externas aos JDC, que agem em sinergia para determinada finalidade de um sistema mais amplo, sujeito às constantes mudanças e transformações, pela inclusão de novos elementos, conexões e relações.

Sendo o próprio conteúdo dos JDC, as ações do jogo, individuais e coletivas, executadas com a oposição do adversário, estas ações provocam uma coordenação recíproca e harmoniosa das manifestações de vários componentes, de acordo com princípios e regras, culminando com as combinações táticas coletivas, assim definidas por Teodorescu (1984), nos vários momentos do jogo. A manifestação dessas ações táticas coletivas, com a presença da adversidade entre duas equipes, origina um grande número de interações, evidenciando o caráter social da atividade dos componentes de uma equipe (Teodorescu, 1984; Garganta, 1998; Bota & Colibaba-Evulet, 2001). Esses variados estímulos à adaptação em diversos níveis permitem a formação em direções variadas, pois ao participar de um jogo, faz-se parte de uma mini-sociedade (Orlick, 1978).

Teodorescu (1984, p. 24) reforça a concepção de sistema para os JDC, pois, segundo o autor:

“Devido à sua organização, coordenação e racionalização das ações individuais e interações, a equipe pode ser considerada um microssistema social, complexo e dinâmico”. Continuando, afirma que “a equipe é um sistema, uma vez que as ações dos jogadores são integradas numa determinada estrutura, segundo um determinado modelo, de acordo com certos princípios e regras. É um sistema dinâmico, uma vez que tem capacidade de auto-regulação, portanto de se adaptar às situações (ações dos adversários) sem se desorganizar com facilidade”.

Desta forma, na procura de uma abordagem contextual e voltada para o todo, dentro da visão sistêmica, onde as **relações** entre as partes são fundamentais, recorre-se a Garganta (1998), a fim de ampliar o entendimento das interações que ocorrem em um ambiente de JDC, forma essa, aqui denominada pelo autor, como sendo *Centrada nos Jogos Condicionados*, ou *procura dirigida*:

Características: o jogo é decomposto em unidades funcionais, jogo sistemático de complexidade crescente; os princípios do jogo regulam a aprendizagem.

Conseqüências: as técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada; estímulo à inteligência tática, com a correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas ações de jogo.

Nota-se, portanto, que é característica dos JDC a multiplicidade e diversidade de ações possíveis. Parlebás (1987) indica que variáveis de tempo e espaço, mudanças de posicionamentos e funções, a circulação rápida da bola, podem favorecer o estabelecimento de novas relações entre os que jogam, como interações que surgem na medida em que as próprias regras favorecem o seu surgimento.

1.5 A presença de uma lógica interna

Ao buscar um entendimento dos JDC, Garganta (1998) recorre à elucidação do problema fundamental dos JDC em Gréhaigne & Guillon, apontando numa análise da mecânica e ações, onde os jogadores, numa situação de oposição, coordenam ações a fim de recuperar, conservar e fazer progredir a bola, objetivando criar situações de finalização para pontuação, de acordo com a especificidade do jogo.

Parlebás (1987) busca o entendimento dos Jogos Desportivos Coletivos ao propor um sistema de lógica interna, que se refere, às características pertinentes de imprevisibilidade e também ao jogo constante de comunicação motriz entre os seus participantes. Ao valorizar a comunicação motriz entre os companheiros e o constante processo de contra comunicação entre os adversários participantes dos JDC, remete essas ações desde a mais simples intenção cooperativa até a sutil intenção, pela disposição de regras e regulamentos, da deformação pedagógica que se transforma no antagonismo da cooperação, qual seja, a violência, traduzida pelo intenso contato físico entre os participantes.

Nos criteriosos pilares dessa lógica interna elaborada por Parlebás (1987), três aspectos compõem a base pedagógica, que servem para a elaboração de práticas possíveis dentro dos Jogos Desportivos Coletivos. O primeiro refere-se à relação do praticante com o meio físico, ao interagir com situações imprevisíveis. O segundo dirige-se à interação motriz de cooperação, configurando um sistema de comunicações motrizes, que se dá entre os companheiros. O terceiro se dá entre os adversários, em equipes opostas, tido como contra comunicações motrizes.

Parlebás (1987) reflete a respeito da possibilidade que tem o praticante em buscar, em sua memória, situações vividas em momentos de aprendizagem ou da opção que se apresenta em captar informações e tomar decisões no ato. Diante destas análises, elementos como cooperação e inteligência também são validados pelo autor, que aponta para a necessidade das práticas pedagógicas em

direcionar as atividades ao espírito de solidariedade, dentro das necessidades de cooperação que a lógica interna do jogo promove.

Para o autor, quanto maior for o espaço disponível no campo de disputa dos Jogos Desportivos Coletivos, mais se aproximam os adversários e mais violentos são os contatos que estabelecem entre si, refletindo a estrutura de confronto que se forma pelas equipes. Estabelece aí, que a respeito da distância objetiva entre dois adversários e da relação entre campo de jogo pelo número de jogadores, existe relação inversa de grandeza, ou seja, quanto maior o campo de jogo, maior a proximidade relativa entre seus participantes (Parlebás, 1987).

Garganta (1998) indica, ainda, de acordo com sua análise, o surgimento de três categorias de subproblemas. No plano espacial e temporal, surgem problemas na *Defesa*, com o objetivo de conseguir a posse de bola, e no *Ataque*, na utilização da bola a fim de ultrapassar os adversários. Paes (1996b) acrescenta aqui mais um elemento, que é a *Transição*, definindo como a primeira possibilidade de finalização de uma ação ofensiva contra uma defensiva em processo de organização:

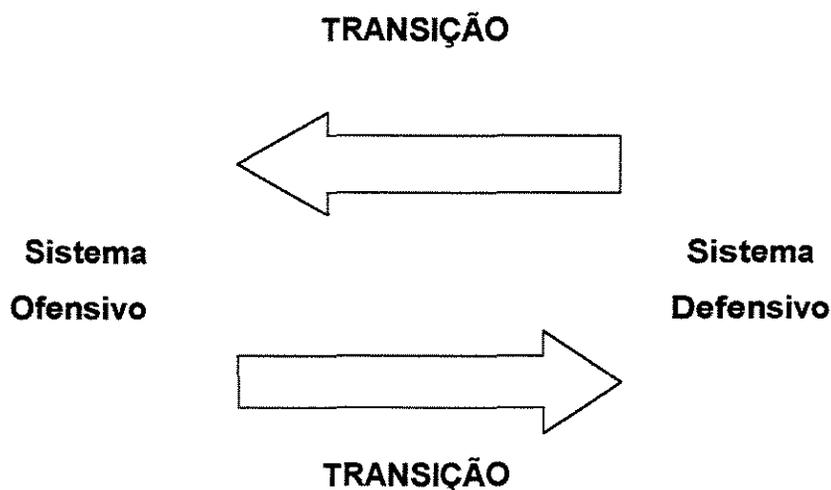


FIGURA 1 - Representação esquemática da lógica dos Jogos Desportivos Coletivos

FONTE - Modificado de PAES (1996b, p. 138).

O autor caracteriza as ações possíveis dentro do sistema, definindo-as como:

- Dominar o corpo;
- Manipular a bola;
- Passar;
- Recepcionar;
- Driblar;
- Finalizar;
- Fundamentos específicos;
- Situações de jogo;
- Sistemas.

No plano da *informação*, os elementos ligados à produção e aumento de incerteza de alternativas pelos componentes de uma equipe portadora da bola aos oponentes, e à certeza aos elementos da mesma equipe. No plano da *organização*, a transição da abordagem individual para a perspectiva de equipe (Garganta, 1998).

Na direção ao plano da organização de equipe, se forma o conceito de *tática*, que se refere ao “*sistema de ações planejadas e alternativas de decisão que permite a alguém arranjar um conjunto de atividades em curto prazo com objetivos limitados*” (Barbanti, 1994, p.274), em uma concepção do entendimento do sujeito. Partindo para o plano coletivo, a *tática* tenta valorizar as particularidades de seus próprios jogadores, pressupondo, como coloca Teodorescu (1984) a existência de uma concepção unitária para o desenrolar do jogo, realizadas através de ações que envolvem as competências e capacidades individuais e as estratégias coletivas.

A partir das concepções que formam o entendimento das muitas ações que se completam durante a realização dos JDC, tem-se um sistema de manifestações de ações corporais, comunicação e contra comunicação únicos. Deste ponto de vista, é necessário fazer um breve estudo da perspectiva espacial e temporal, com os elementos táticos de Ataque e Defesa.

1.6 A Defesa ou a Defensiva

Será feita, primeiramente, uma análise dos componentes táticos de defesa, com o objetivo de focar mais especificamente esses movimentos dentro da prática dos JDC, a fim de melhor entendê-los em sua totalidade. Há de se reforçar a idéia de que é possível a abordagem dos Jogos Desportivos Coletivos como um sistema que se auto-organiza constantemente, dentro do movimento de equilíbrio, quando a defesa se iguala numericamente na ação ao ataque, e desequilíbrio, nas tentativas do ataque de sobrepor-se numericamente à defesa, que imediatamente busca um novo equilíbrio. Deste modo, as ações de seus participantes visam estabelecer e privilegiar o padrão ofensivo ou defensivo de sua equipe, na contrapartida das ações de seus adversários, que na mesma proporção se movimentam, a fim de buscar o desequilíbrio das ações ofensivas e defensivas dos oponentes.

Para Bayer (1994), a defesa inicia-se no ataque, na medida em que uma equipe busca prevenção nas ações e reações do adversário que defende, equilibrando-se na ofensiva e preservando o espaço de quem tem a posse de bola, ou mesmo quando há elementos de ação na ofensiva sem a posse de bola, a fim de que ao perder a posse de bola, essa equipe não caia numa situação de inferioridade operacional. Porém, formalmente, no decorrer do jogo, uma equipe está em uma situação de defesa quando perde a posse de bola. Teodorescu (1984) concorda parcialmente com o exposto, indicando essa situação como uma das classificações de fase da defesa, que representa um momento no qual uma equipe luta para ter a posse da bola, a fim de organizar ações ofensivas, sem cometer infrações e sem permitir que os adversários obtenham ponto.

Com base nesses autores, (Bayer, 1994; Teodorescu, 1984), é relevante apontar alguns aspectos estruturais, determinados de forma analítica. Essas estruturas, componentes interdependentes do contexto da defensiva podem, em um momento qualquer do jogo, deixar de existir em ordem pré-estabelecida, característica própria da imprevisibilidade dos JDC. Com o objetivo de especificar

os elementos que compõem um sistema defensivo dos JDC, indica-se primeiramente a análise que pontualmente Teodorescu (1984) faz, a fim de evidenciar as ações dentro da defesa.

Os elementos de defesa serão situados em diferentes níveis, a fim de permitir uma compreensão do ponto de vista do indivíduo, e suas relações com o ambiente externo e também das situações geradas pelo seu ambiente interno, elevando, assim, o seu entendimento a respeito da participação nas interações defensivas.

No primeiro nível, o *Ambiente*, onde se procura localizar as ocorrências de situações de Defesa. Inicialmente, a defesa se inicia no campo ofensivo da equipe que detém a posse de bola (Bayer, 1994). O posicionamento tático procura defender a meta ou baliza das investidas do adversário, relacionando-se com as posições que ocupam os jogadores adversários. O espaço a ser tomado é de missão coletiva, tendo todos os jogadores a responsabilidade pela tomada do terreno, isolando a idéia de que cada um é responsável por determinado campo marcado.

No nível dos *Comportamentos*, parte-se do pressuposto de que entre as formas de defesa passiva ou ativa e agressiva, a segunda é a mais indicada. Assim, os defensores procuram provocar a perda e conseqüente recuperação da bola que está em posse do adversário, por meio de ações individuais e coletivas, conduzindo o adversário ao erro. Desde o momento em que a equipe, que agora defende, perde a posse de bola, por meio da recuperação à defesa, ela busca interromper o contra ataque, que é um momento específico de Transição do jogo (Paes, 1996b). Para isso, é necessário que os defensores se empenhem na ajuda cooperativa entre si, a fim de sempre preservar e buscar o equilíbrio do sistema defensivo, que exige um ritmo de ação contínua. Bayer (1994) ressalta que dentro das ações defensivas, é preciso agir continuamente, com o objetivo de intensificar a pressão que a defesa pode fazer ao ataque, conduzindo-o ao fracasso nas finalizações.

Em outro nível, das *Habilidades e Capacidades* da Defensiva, os atletas buscam primeiramente o equilíbrio defensivo, igualando o número de defensores

com o número de atacantes, sendo que as ações motoras da defesa são menos complexas que as do ataque (Teodorescu, 1984). Dentro dos elementos de Defensiva, está a busca em adaptar-se às características do ataque adversário, executando, assim, a defesa propriamente dita, que pode ser centrada nas movimentações da bola, chamada defesa por zona, ou nas movimentações do indivíduo, chamada defesa individual (Bayer, 1994). A partir desses princípios, outras tantas combinações tornam-se possíveis.

Temos, assim, o nível das *Justificativas* que mobilizam quem interage dentro da execução do sistema defensivo, e aqui se busca, também, a justificativa da defensiva, que é a de minimizar a possibilidade de o adversário fazer pontos, defendendo a meta, baliza, ou o alvo objetivo do adversário.

1.7 O Ataque ou a Ofensiva

Em situação oposta à defensiva, o ataque tem a posse de bola e o comando da maioria das ações que objetivam a marcação de ponto. E assim como a defesa, o ataque configura-se com estruturas que são semelhantes às da defesa (Teodorescu, 1984).

Da mesma forma, entendemos que quem participa da Ofensiva passa por diversos níveis de as experiências.

No nível do *Ambiente*, onde e com quem ocorre a Ofensiva, ou Ataque, inicia-se no próprio espaço defensivo, buscando a Transição para o terreno adversário que se configura como zona de ataque. É também baseado em ações coletivas, onde todos os companheiros participam ativamente. Os grandes jogadores dos desportos coletivos são notadamente os que exibem a habilidade de jogar, também, sem a posse de bola, na procura de se desmarcar do adversário, buscando melhores e surpreendentes posições para a finalização. Na medida em que avança para a zona de ataque, há a ocupação do espaço ofensivo, a fim de se iniciar a colocação no ataque.

Quanto ao *Comportamento* de quem ataca, partimos também do pressuposto de que a melhor escolha é a de movimentações com caráter ativo, que buscam realizar com intensidade e objetividade as ações motoras no ataque. Ações executadas com passividade, e sem objetividade, permitem e facilitam as ações da defensiva, invertendo-se teoricamente a vantagem do ataque, que supostamente comanda as ações, uma vez que se tem a posse de bola. Ao estabelecer um ritmo de movimentação intensa, pode a ofensiva provocar surpresa nas ações, antecipando-se às movimentações defensivas que buscam o desequilíbrio da construção dos movimentos de ataque, podendo se transformar em movimentações seguras em busca do objetivo de finalização, evitando-se a precipitação de quem ataca.

As *Habilidades e Capacidades* exibidas pelos jogadores da Ofensiva buscam constantemente levar a defensiva adversária ao erro, por meio da circulação da bola, dos jogadores, tendo, a organização do ataque, que se preocupar em construir a tática de ataque, adaptando a especificidade do sistema de ofensiva à especificidade da defensiva. Com o objetivo de valorizar e garantir a manutenção da posse de bola, o objetivo final é a finalização à meta ou baliza adversária.

No nível das *Justificativas* que movem a Ofensiva, podemos ressaltar que por meio da manutenção da posse de bola, a precisão e a eficiência nas finalizações levam ao objetivo último, que é a vitória dentro dos JDC.

É de fundamental importância entendermos que, ao fragmentarmos os sistemas de defensiva e ofensiva, indica-se para uma melhor compreensão dos mesmos, dentro de um contexto maior. Este amplo contexto envolve aspectos variados simultaneamente, e assim procuramos simplesmente privilegiar o seu entendimento, a fim de podermos compreender as relações que aí possam se estabelecer. E quanto mais relações se estabelecem, sejam elas de qualquer natureza, possivelmente afetam de maneira positiva esse sistema, Jogos Desportivos Coletivos, e assim mais alegria, emoção, ansiedade e prazer eles podem provocar.

1.8 Caracterização das Ações e Esforços

Os Jogos Desportivos Coletivos apresentam, basicamente, a mesma caracterização de esforços, no que se refere às exigências de capacidades físicas, tanto básicas como de forma especial. Teodorescu (1984) indica que dentro dessa semelhança primária, as capacidades integram-se de forma a permitir a manifestação ótima em diferentes sucessões e com importantes diferenças, no que dizem respeito à sua proporção na composição do padrão particular de especificidade das modalidades. Assim, compõem-se de esforços específicos de intensidade e duração variáveis, de intensidade máxima e submáxima, capacidades físicas diversificadas e complexas e regime de requisição de fontes energéticas mistas.

Demonstrando caráter acíclico de ações de duração variável, os JDC manifestam as capacidades físicas em curtos intervalos de tempo, em regimes máximos e submáximos, com predominância para os regimes de velocidade/força e velocidade/resistência (Kirkov, 1984; Bayer, 1987; Fernandes, 1994).

De modo comum aos JDC, as capacidades físicas, exigidas de forma complexa e diversificadas em seus regimes de manifestação, são:

- a resistência: média, longa e curta duração;
- a força: dinâmica, explosiva, e resistência de força;
- a velocidade: lançada e resistência de velocidade;
- a coordenação;
- a flexibilidade.

A maior parte das ações é executada sem a bola, porém em ritmos variados, o que exige as mais variadas formas de corrida, em curtas, médias e longas distâncias, podendo haver trocas bruscas na intensidade, dentro de uma movimentação tática ou em um conjunto delas, provocando, assim, exigência de processos metabólicos de liberação de energia das fontes aeróbias, anaeróbias e mistas.

A nosso ver, são importantes fatores de performance, a resistência e padrão de demonstração de técnica em regime de fadiga, em contexto que imprime também níveis consideráveis de tensão psicológica, pela precisão técnica exigida na execução de movimentos, que em algumas situações são evidenciados pela procura de correções em sua execução, quando julgada inadequada.

1.9 Pedagogia do Esporte nos Jogos Desportivos Coletivos: perspectivas

Tendo este trabalho como linha de pesquisa a Pedagogia do Esporte, é constante a lembrança dos assuntos, aqui tratados, que objetivam compor um substrato para discussões futuras dentro da formatação de um possível campo de conhecimento desse domínio da Pedagogia. A procura de uma abordagem que trata da compreensão dos JDC, em sua totalidade, e sua decorrente pluralidade, é fundamental, uma vez que organizado como sistema, está obrigatoriamente inserido dentro de um outro, formando rede de subsistemas, componentes de um sistema maior, e assim, sucessivamente.

Derivando essa visão em um outro sentido, o sistema formado pelos JDC também gera outros menores componentes, como foram demonstrados com os sistemas de ofensiva e defensiva ao se relacionarem dentro de um padrão, possuidoras de outras tantas partes formadoras de outros sistemas menores, indo desde a concepção de estratégias táticas aos sistemas internos que compõem o indivíduo. Seguindo, há o relacionamento e movimentações combinadas, envolvendo grupos mais reduzidos de jogadores, chegando até o plano individual, que por sua vez direciona os problemas para o sujeito, que manifesta um relacionamento consigo mesmo, nos diversos planos do desenvolvimento humano, fisiológico, anatômico, psicológico, celular e outros subsistemas que o compõem.

Para uma melhor compreensão, na medida em que essas idéias transferem-se para os conjuntos de ações individuais e movimentações coletivas presentes nos JDC, aponta-se para concepções próprias para o que é privilégio dos JDC, ou seja, a imprevisibilidade dessas ações e movimentações, também como de suas variações de equilíbrio e desequilíbrio, no constante movimento de auto-organização.

Procurou-se, até este momento, configurar o quadro de caracterizações dos Jogos Desportivos Coletivos, com o objetivo de poder melhor entendê-los em suas mais diversas relações, de variados aspectos. Neste jogo do constante teorizar da prática, e o colocar em prática as percepções geradas deste exercício, direcionam-se as atenções para os reflexos do atual contexto e estrutura dos Jogos Desportivos Coletivos. Uma das intenções deste estudo é a de refletir a respeito da elaboração de processos de iniciação e formação dos futuros atletas que irão compor o ambiente dos JDC, na medida em que aumenta o seu nível de exigência com a participação da Mídia, ao expor seus participantes das mais variadas maneiras.

Outro fator importante, neste nível de exigência, é a evolução na elaboração de regras e regulamentos, que na intenção de gerar dúvidas quanto aos possíveis vencedores, indiretamente provocam maior tensão psicológica, trazendo exigências que exploram e ampliam constantemente limites de quem joga. Faz-se presente, também, o Marketing no esporte, vinculando horários de jogos, organizando eventos e participando na formação das equipes de acordo com os seus interesses diretos, que por vezes estão desalinhados com as condições e exigências básicas estabelecidas pelas Ciências do Esporte.

Desta maneira, esse contexto se estende aos processos que cuidam dos que iniciam, trazendo consigo os conceitos que regem o treinamento de adultos, sob a ótica do pragmatismo e da obsessiva busca pelo talento. Diante deste quadro, constitui-se a necessidade de um novo alinhamento dos princípios básicos e orientadores dos processos de iniciação e formação de crianças e jovens no esporte, especialmente nos Jogos Desportivos Coletivos, aos seus atuais níveis de exigência. Assim, é necessário e possível proporcionar condições saudáveis do

desenvolvimento humano às crianças e jovens participantes deste processo, em suas mais amplas abordagens e direções, cuidando para que o futuro como atleta não seja a única opção de vida à frente dos que se iniciam nos esportes, já que somente uma pequena parcela atinge o profissionalismo.

CAPÍTULO 2

O Treinamento como processo de Iniciação e Formação Esportiva

2 O Treinamento na Infância e na Adolescência

O processo de treinamento para crianças e jovens, quando realizado e conduzido de maneira adequada, pode trazer inquestionáveis benefícios, por meio das práticas elaboradas de iniciação e formação esportiva. Nesta perspectiva, a nosso ver, trata-se o Esporte em sua forma mais essencial, qual seja, a educativa. Assim, faz-se necessário caracterizá-lo, de maneira a permitir ao iniciante a oportunidade de estar sob a influência de ambiente saudável e adequado sob o ponto de vista biopsicossocial, em que os momentos de maturação, crescimento e desenvolvimento sejam respeitados e otimizados, impossibilitando, assim, que sejam levados ao esgotamento de esforços possíveis de serem realizados. Em outra direção, o processo é validado pela qualidade de estímulos aplicados. A esse respeito, Grosser et al. (1989, p. 199) indicam que *“só uma planificação de rendimento em longo prazo organizada cuidadosamente ao longo de muitos anos tem seu sentido e êxito, é eficaz e humana”*.

Em virtude da complexa questão da elaboração de informações e conhecimentos a respeito do treinamento para crianças e jovens, surgem muitas dúvidas que impulsionam as considerações deste estudo. Com base em Grosser et al. (1989) elegem-se e ampliam-se algumas delas:

- Quando começar? Quando se configuram treinamento de iniciação, aperfeiçoamento e alto rendimento? Pode-se determinar uma linha de divisão entre esses processos?
- Quando é permitido treinar determinadas capacidades físicas, de forma que aconteça sua assimilação com eficiência? E comportamentos, estratégias, táticas, e demais aspectos psicológicos?
- Quais princípios de treinamento se aplicam?
- Quais as conseqüências que o esporte de rendimento pode causar à saúde ou à personalidade das crianças?

- Esporte de rendimento alinha-se às necessidades motivacionais infantis e juvenis?
- Como tornar as exigências de treinamento compatíveis com os deveres e obrigações dos aspectos formais de educação?

Procurando respostas, o foco não está no biologicamente possível, mas nas combinações de diversos fatores internos e externos, que juntos, podem determinar ótimo nível de rendimento mais tarde, não só no âmbito esportivo, mas em vários aspectos da vida. Nessa direção, não podemos nos prender somente a fatores cronológicos, pelas próprias características de incerteza que cercam o desenvolvimento na infância e juventude, estando à mercê dos fenômenos do crescimento, entre eles o processo de maturação. Cabe aqui a compreensão de que, quando falamos de idade, ao nos referirmos à idade cronológica, temos como relação imediata a idade biológica, de maneira aproximada.

Alguns autores buscam tratamento especial na tentativa de elaborar soluções para questões surgidas do processo de iniciação e formação esportiva, procurando, assim, compor um campo teórico para configuração e aplicação na prática no treinamento para crianças e jovens. Desta forma, buscamos apoio nos estudos e idéias de Hahn (1989); Grosser et al. (1989); Greco et al. (1998); Weineck (1999), para formar conceitos e caracterizações possíveis, que dão apoio e possibilitam melhor entendimento do processo de iniciação e formação esportiva.

2.1 Caracterização de Fases

2.1.1 Caracterização de Fases por Hahn

Para Hahn (1989), o modelo completo de rendimento no esporte se baseia em três fases seqüenciais, estabelecendo primeiramente atividades para uma variada *formação psicomotriz*, propiciando o *início da especialização* em um esporte de forma especial e partindo, em seguida, para o *treinamento específico*,

na busca de rendimento e resultados em competições. Daremos especial atenção para as duas primeiras etapas, pois se integram à idéia de iniciação e formação esportiva.

Na *formação psicomotriz básica*, que para Hahn (1989) tem o significado de treinamento fundamental de preparação, existe a preocupação de buscar o desenvolvimento motriz expansivo na infância, com a possibilidade de estabelecer bases para sentir alegria no jogo e no esporte. Como conteúdos importantes, aparecem, além da motivação, a ampla formação da coordenação, flexibilidade e destreza, básicos para rendimentos posteriores. Entre as idades de 7 e 8 anos, e 11 e 12 anos se aprendem facilmente as capacidades coordenativas. É importante a satisfação causada pelo treinamento e movimentos executados. Os reforços e as correções se dirigem a causar ambientes emocionalmente motivados no aprendizado para as sessões de treinamento que seguirão.

Ao estabelecer objetivos para a primeira etapa, que preconiza a variada formação psicomotriz, Hahn (1989) propõe que as atividades proporcionem aprendizagem motora variada e lúdica e acumulação de experiências motrizes assimiladas das formas esportivas mais variadas. Baliza-se, também, pela aproximação às formas rudimentares das técnicas básicas e das tarefas motrizes do esporte escolhido.

Na segunda etapa, que trata do *início da especialização no esporte escolhido*, as proporções de aplicação de atividades de forma genérica vão lentamente dando lugar à formação técnica para determinado esporte, não impedindo que se inclua aí a prática de atividades relativas aos esportes que apresentam semelhante desempenho de técnicas e lógica interna de jogo. Há a diminuição do incremento à coordenação de forma pura, buscando-se a formação técnica ao esporte escolhido. Nesta fase, os objetivos buscam aprendizagem das técnicas do esporte específico, ampliação da aprendizagem motora através da prática em esportes semelhantes e formação multidisciplinar, aplicação de exercícios específicos para desenvolver as características que melhoram as bases dinâmicas da técnica, culminando com o início da atividade competitiva.

Na terceira etapa, do *aprofundamento no treinamento específico*, os objetivos dirigem-se ao desenvolvimento conseqüente das condições motrizes básicas, à estabilização das técnicas, ao incremento acentuado das cargas de treinamento e à atividade competitiva regular.

2.1.2 Caracterização de Fases por Greco

Ao estabelecer e conceituar a base teórica para modelo de treinamento para crianças e jovens, Greco et al. (1998) organizam essas idéias em torno do que chama de Fases: *Fase Universal*, que vai dos 4/6 anos até os 11/12 anos, *Fase de Orientação*, dos 11/12 anos até 13/14 anos e *Fase de Direção*, que se refere aos 13/14 anos até os 15/16 anos. Em seguida, vem a *Fase de Especialização*, compreendendo os 15/16 anos e abrange até os 17/18 anos.

Na *Fase Universal*, entendendo-se como sendo a fase mais ampla e rica do processo de formação esportiva, procura-se aí desenvolver todas as capacidades motoras e coordenativas de uma forma geral, criando base ampla e variada de movimentações que ressaltam o aspecto lúdico. Na elaboração das práticas, busca-se: modificar a dificuldade, aumentando por vezes a dificuldade e modificar a intensificar a complexidade. Por fim, pede-se a integração dos princípios propostos anteriormente.

Assim, torna-se possível aumentar a coordenação primeiramente com um elemento, depois com a adição gradativa de tantos outros, respeitando os princípios inerentes a esta faixa etária.

Na *Fase de Orientação*, que se inicia por volta dos 11/12 anos e vai até os 13/14 anos, começa a ocorrer automatização de grande parte dos movimentos permitindo, ao praticante, a percepção de outros estímulos que ocorrem ao mesmo tempo da ação que é realizada, indicando para o plano motor que caracteriza o movimento que já está aqui definido. Destaca-se que é importante ter como um dos principais objetivos, a iniciação técnica com estímulos diversificados de diversos esportes, transferindo a preocupação com a perfeição de gestos técnicos para fases posteriores. Busca-se, assim, o gesto do esporte

em sua forma global, com ações motoras trabalhadas para a solução de tarefas esportivas. No âmbito da tática, deve-se estimular as capacidades táticas gerais e comuns aos esportes coletivos, delineando-se, assim, a finalização do processo de iniciação esportiva.

Na *Fase de Direção*, que tem seu início aos 13/14 anos e vai até os 15/16 anos, propõe-se começar as práticas com o aperfeiçoamento e a especialização técnica em uma modalidade esportiva. Deve-se buscar auxílio em outras duas ou três modalidades complementares, ou seja, a variabilidade da prática, evitando modalidades que possam interferir inadequadamente na modalidade escolhida (como exemplo específico entre o basquetebol e o handebol, a passada da bandeja no primeiro e, a passada trifásica no segundo). Estão presentes exercícios que exigem manifestação de técnicas variadas, em execução e aplicação. Deve-se buscar a continuidade dos processos anteriores, evoluindo para a transformação dos conceitos teóricos em ações esportivas, de maneira a permitir o desenvolvimento da ação tática.

Ao final desta fase, o jovem terá possibilidades de escolha pelo esporte a especializar-se, dentro das possibilidades de alto nível de rendimento em competição, ou da orientação para o lazer e a saúde em uma outra abordagem.

Na *Fase de Especialização*, que vai dos 15/16 anos até 17/18 anos, procura-se a especialização na modalidade escolhida, por meio do aperfeiçoamento dos potenciais técnico e tático, estruturando comportamentos táticos de alto nível competitivo. Há o aumento da participação em competições. É a primeira fase do direcionamento ao alto nível competitivo. A regulação de programas motores será realizada por meio da junção do treinamento técnico com o tático, ambos serão integrados dentro do treinamento teórico. A diminuição dos erros será proposta tendo como modelo o processo metodológico que se baseia na construção de árvores genealógicas para a tomada de decisão.

Greco et al. (1998) propõem, ainda, as fases de aproximação e integração, de alto nível, de recuperação e adaptação e de recreação e saúde, dentro da complexa estrutura temporal que é determinada pelas diferentes faixas etárias e acervos de experiências. Dentro das análises que os nossos estudos

proporcionam, as fases, acima citadas, constarão somente para que se tome ciência delas, pelo autor.

2.1.3 Caracterização de Fases por Weineck

Para Weineck (1999, p. 97), "*crianças e jovens não são miniaturas de adultos e não devem ser submetidos a um treinamento de adultos*". O treinamento de crianças e jovens consiste de um processo sistemático em longo prazo. Os objetivos, programas e procedimentos são específicos e relativos ao crescimento, já que se encontram em processo que sofre série de alterações físicas, psíquicas e sociais muito significativas.

Sob o ponto de vista motor, é importante que crianças pequenas recebam estímulos suficientes para desenvolver suas conexões sinápticas, e desse modo, desenvolver a estrutura plástica do cérebro. Em caso de estimulação insuficiente, não há um desenvolvimento satisfatório da infra-estrutura cerebral, e como consequência, uma escassa maturação funcional.

Dentro das características psicofísicas de cada faixa etária e suas consequências para o treinamento, Weineck (1999) aponta como primeira importante etapa o *Início da Fase Escolar*. As condições psicofísicas para o aprendizado motor nesta faixa etária, que vai dos 6/7 anos até os 10 anos, devem ser utilizadas para o aumento do repertório de movimentos e para a melhoria da coordenação em escolares iniciantes. Em escolares de desenvolvimento tardio, estas condições são utilizadas para o ensino de uma modalidade esportiva, de técnicas básicas dentro de uma coordenação mais grosseira que deverá ser aperfeiçoada. A instrução poliesportiva deve estar em primeiro plano. O entusiasmo infantil deve ser aproveitado para a execução de exercícios motivantes e que levem ao sucesso esportivo, familiarizando-se com o esporte, que talvez venham praticar a vida toda.

Em seguida, a *Idade Escolar Tardia*. Inicia-se aos 10 anos e estende-se até o início da puberdade. A melhor fase de aprendizado deve ser aproveitada com exercícios variados, abrangentes, mas também direcionados, para consolidação

de uma técnica esportiva superficial ou, ainda, se possível mais refinada. A ampliação de repertório de movimentos deve ser utilizada em contexto global ou que possibilite a capacidade de movimentação geral. A capacidade de aprendizado deve, portanto, ser utilizada para um aprendizado preciso. Deve-se atentar para que movimentos com técnica duvidosa não sejam automatizados, evitando-se a difícil correção posterior. As bases coordenativas para o bom desempenho posterior devem ser obtidas nas idades escolares iniciais e tardias. Observa-se uma interdependência entre as fases etárias, pois a etapa seguinte é sempre construída sobre a base anterior.

A terceira importante etapa, a *Primeira Fase Puberal*. Compreende, para as meninas, dos 11/12 anos e vai até 13/14 anos. Para os meninos, vai dos 12/13 anos até os 14/15 anos. Aqui, o treinamento se concentra na coordenação, aprimorada de modo lento e gradual. Mesmo com todas as mudanças do início da puberdade, pelo desenvolvimento da intelectualidade, para Weineck (1999) é importante o jovem participar ativamente da elaboração do treinamento.

A quarta etapa é caracterizada pela *Segunda Fase Puberal*. Compreende, para as meninas, dos 13/14 e vai até 17/18 anos. Para os meninos, vai dos 14/15 anos e estende-se até 18/19 anos. Classifica-se essa fase como de grandes oportunidades de aprendizagem técnica e tolerância a estímulos, que podem se assemelhar à capacidade de suportar treinamento dos adultos, embora a plasticidade do sistema nervoso central mantenha-se, neste momento, como na infância. O fim da adolescência coincide com a fase de desempenho máximo de algumas modalidades esportivas, e é uma fase adequada para a adoção de um método de treinamento para adulto. A adolescência deve ser utilizada para o aperfeiçoamento de técnicas esportivas e do condicionamento.

2.2 As Fases Sensíveis de Treinamento

Diante das caracterizações das faixas etárias e suas relações com as atividades indicadas para otimizar o processo de iniciação e formação esportiva, Grosser et al. (1989) apresentam o conceito de que, entre os períodos marcados pelo crescimento e maturação, que não ocorrem de forma linear, encontram-se alguns períodos favoráveis para o treinamento de determinadas capacidades motoras. Essas etapas são chamadas de *fases sensíveis*. São etapas relativamente curtas do processo evolutivo, em que se permitem treinar pontualmente algumas capacidades, não existindo uma etapa globalmente sensível para o desenvolvimento do rendimento. Para Greco et al. (1998), a discussão sobre a correta ordenação e manifestação destas fases, ainda merece maiores estudos, a fim de ser conclusiva.

Apresentamos aqui, baseados em Grosser et al. (1989); Hahn (1989); Weineck (1999) as fases sensíveis e suas respectivas relações com os aspectos treináveis.

2.2.1 Capacidades Sensoriais, Cognitivas e Psíquicas

Citando as Capacidades Sensoriais, Cognitivas e Psíquicas, Grosser et al. (1989) indicam que estas são imprescindíveis para o desenvolvimento nos processos de aprendizagem e treinamento no esporte. As capacidades perceptivas (responsáveis pela captação de informações através dos órgãos sensoriais e sua assimilação), as volitivas, intelectuais e de maior reação e concentração se desenvolvem favoravelmente entre os 9 e 13 anos.

2.2.2 Capacidades de Aprendizagem e Coordenação

As Capacidades de Aprendizagem e Coordenação encontram-se favorecidas entre os 7 e 12 anos, pela elevada plasticidade do sistema nervoso

central. Assim sendo, excita-se o cérebro, permitindo maior captação e assimilação de informações do que nos adultos. A aprendizagem motora e o treinamento da habilidade técnica se encontram favorecidos entre os 9/10 anos e 13 anos.

Essas capacidades não devem ser executadas em estado de fadiga, para que os processos de coordenação possam ser bem treinados. Para otimizá-lo, devem ser desenvolvidos dentro de um complexo, com movimentos variados, o que permite o treinamento de novos movimentos e técnicas esportivas, já que o aumento do repertório de movimentos é algo desejável. As capacidades coordenativas desenvolvem-se sob diversos aspectos, como a complexidade, a variabilidade e a continuidade. Por esta razão, é importante que o seu treinamento seja adequado para as diferentes faixas etárias.

2.2.3 Capacidades de Resistência

Quanto às Capacidades de Resistência, as condições aeróbias são indicadas, o que não acontece com as anaeróbias. As reações para os estímulos aeróbios são favoráveis, podendo até alcançar níveis adultos de captação máxima de oxigênio e capacidade vital. Porém, a fase sensível não começa até a puberdade, necessitando, ainda, de requisitos para se configurar uma resistência verdadeira. As condições anaeróbias são menos favoráveis durante a infância, pelas próprias condições de maturação e suas conseqüências fisiológicas.

Para a *Capacidade Aeróbia*, quanto ao treinamento, deve dar ênfase à abrangência, e não à intensidade, servindo, assim, como base para conseqüente melhora da capacidade aeróbia. Seu estímulo deve ocorrer em todas as oportunidades possíveis. Aqui vale ressaltar a importância do aspecto lúdico na elaboração dos exercícios, explorando a imaginação das crianças, evitando modelos rígidos e monótonos de disciplina. A escolha dos métodos deve corresponder às condições psicofísicas das crianças e adolescentes.

As crianças e os adolescentes apresentam, sob o ponto de vista metabólico e cardiopulmonar, grande capacidade de assimilação com mobilização aeróbia de

energia. Juntamente com o crescimento e o treinamento, aumentam a capacidade máxima de consumo de oxigênio.

A *Capacidade Anaeróbia* apresenta-se mais limitada em crianças do que em adultos, aumentando com a idade de crescimento. O aumento da capacidade anaeróbia é acelerado, no início da puberdade, em função do grande aumento de testosterona. Até aí, a assimilação a este tipo de estímulo é irrelevante e a exposição a ele prejudicial ao possível desempenho futuro.

2.2.4 Capacidades de Força

Quanto à Capacidade Força, é indicada pela facilitação:

- a) da capacidade de resistência aeróbia a partir dos oito anos, relativizando-se com a capacidade de resistência anaeróbia;
- b) da coordenação intra e intermuscular, que se desenvolve a partir dos 8/10 anos. A coordenação intermuscular tem fase sensível aos 11/13 anos em forma de velocidade cíclica e de movimento;
- c) do aumento da secção transversal de fibra muscular se inicia a partir da puberdade, tendo como causa a produção hormonal.

Daí, pode-se dizer que a partir dos 11/13 anos até 15/17 anos, instala-se a fase sensível para força explosiva e resistência de força. Dos 15/17 aos 17/19, dá-se a fase sensível para o treinamento da força máxima.

O estímulo dessa capacidade é indicado, também, de forma preventiva, para corrigir possíveis problemas de postura. Seu desenvolvimento, de forma adequada, permite o melhor desempenho nas habilidades de forma geral. Devem ser empregados estímulos globais, abrangentes e complementares de força, a fim de desenvolver e permitir a atuação de forma equilibrada, de todos os segmentos corporais .

O treinamento da força deve ser desenvolvido de forma harmônica, lúdica e variável, de maneira que favoreça o desenvolvimento dos aspectos de coordenação, por meio de jogos e brincadeiras. Assim, evitam-se os estímulos de

intensidade no emprego da força, dando-se especial atenção às pausas, que são maiores que a dos adultos.

2.2.5 Capacidades de Velocidade

As Capacidades de Velocidade são produto de capacidades muito complexas, síntese de capacidades de força e coordenação. As fases sensíveis favoráveis para os diferentes componentes indicam dos 7 até 12 anos para tempo de reação e velocidade cíclica, os 9 até 13 anos para força explosiva e aceleração nas meninas, e 10/11 anos até 15 anos para os meninos. Para Grosser et al. (1989), este momento é um ótimo indicador na busca de talentos, localizando-se na faixa etária de 9 até 12 anos.

Os requisitos elementares da velocidade devem ser desenvolvidos durante a infância e a adolescência, sobretudo a qualidade dos processos neuromusculares de regulamentação. A grande plasticidade cerebral e a instabilidade morfológica do sistema neuromuscular possibilitam uma boa base para a formação dos componentes da velocidade na infância e na adolescência, sobretudo entre os 8 e 16 anos. Na primeira idade escolar, há grande capacidade de treinamento para distâncias de até 60 m.

Na infância, os requisitos da velocidade e da força rápida devem ser quase que, exclusivamente, aprimorados através dos jogos, estimulando de modo variado o sistema neuromuscular, com o cuidado que devem ser adaptados às capacidades dos participantes. As crianças não devem ser sobrecarregadas com meios e métodos de treinamento que ultrapassem suas capacidades.

2.2.6 Capacidades de Flexibilidade

Para as Capacidades de Flexibilidade, podemos diferenciar a manifestação da flexibilidade passiva e da ativa. A passiva começa nos primeiros anos de vida, devendo-se à pouca massa muscular e baixa densidade, tendões e ligamentos elásticos e sistema esquelético pouco cartilaginoso. A ativa começa muito mais

tarde, posto que sua manifestação requer certa medida de força desenvolvida e coordenação interna adequadas. A fase sensível da flexibilidade ativa encontra-se entre os 8 e 11/12 anos nas meninas, e 8/9 até 12/13 anos nos meninos. Os homens realizam esforço muito maior para esta capacidade.

A flexibilidade é maior quanto mais jovem for o atleta, podendo ser treinada de forma geral, porém não ilimitada. Seu estímulo deve ocorrer desde a infância, a fim de se contrapor aos processos de enrijecimento de tendões, ligamentos e cápsulas articulares, sendo importante, na profilaxia, em longo prazo, o cuidado com o desequilíbrio muscular, que tende a aparecer como decorrência de utilização específica em determinada modalidade.

No treinamento da flexibilidade, que não se desenvolve igualmente em todas as articulações, predomina a técnica de alongamento, assim como exercícios específicos para uma determinada modalidade esportiva.

Em resumo, na Figura 2, estão indicadas as possíveis fases sensíveis de treinamento, na relação das capacidades físicas indicadas e as referentes faixas etárias, de acordo com Martin apud Grosser et al. (1989).

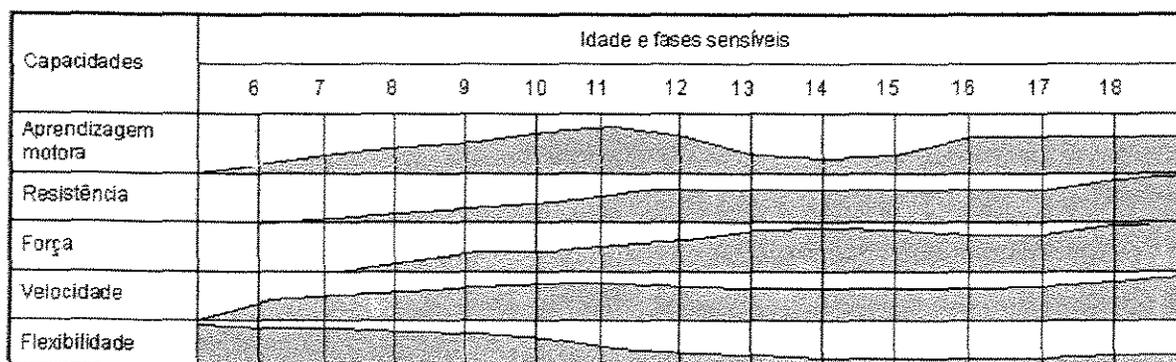


FIGURA 2 - Capacidades físicas com as correspondentes fases sensíveis possíveis

FONTE - (Modificado de Martin apud Grosser et al., 1989, p. 206)

2.3 A Técnica

Constituindo-se em um dos elementos de grande importância para otimização dos movimentos em vários aspectos, a técnica esportiva dirige-se à solução de uma tarefa motora, onde as condições sejam constantes, ou problema motor, em que as condições são variadas, de forma mais objetiva e econômica possível, dentro de procedimentos envolvidos na prática, correspondendo a um tipo motor ideal, que pode ser modificado (Greco et al., 1998; Zech apud Weineck, 1999). A técnica é limitada e indiretamente construída pelas regras e regulamentos do esporte (Greco et al., 1998), sendo também responsável pela estruturação de comportamentos táticos, nos jogos desportivos coletivos. Para Bayer (1994), a técnica é responsável pela codificação das capacidades motrizes para que se adaptem aos desafios que os jogos propõem, sustentadas que são pelas habilidades básicas, inerentes às capacidades coordenativas. Desta forma, para Greco et al. (1998), toda técnica passa a ser uma habilidade básica, no momento em que o indivíduo possui um ótimo nível de domínio e controle da mesma.

Na elaboração dos treinamentos em iniciação e formação esportiva, como já abordado anteriormente (Hahn, 1989; Grosser et al. 1989; Greco et al, 1998; Weineck, 1999), o treinamento das capacidades coordenativas constitui-se em um dos pontos mais centrais para estruturar futuros desempenhos motores, relacionando-se diretamente com o treinamento da técnica e com seus requisitos imediatos. Aponta-se, então, para a importância do treinamento nas faixas etárias correspondentes à iniciação e formação esportivas.

Para Weineck (1999), dos 6 aos 12 anos, existe grande importância em, primeiramente, adquirir novos movimentos, ampliando-se o repertório motor, do que adquirir técnicas específicas para, em seguida, variar o treinamento na busca de um melhor desenvolvimento técnico nas primeiras fases de aprendizagem. O autor destaca também a facilidade de imitação que as crianças possuem, respeitando-se, tanto o seu próprio desenvolvimento físico e importância, quanto a

relevância do que se deseja imitar. Daí, para Grosser et al. (1986), denota-se o problema do aprendizado de determinada técnica, pois o nível de captação de informações situa-se muito no campo visual, aproveitando-se pouco do campo cinestésico.

Na época da puberdade, a aprendizagem da técnica é dificultada pelo rápido crescimento de vários segmentos corporais, facilitando, assim, mais a fixação de elementos vivenciados do que a aprendizagem de novos movimentos (Weineck, 1999). Grosser et al. (1989) indicam a importância da constante troca de informações entre o técnico e o aprendiz, apontando para a qualidade de informações não só no campo verbal, mas também de referências do que sente ao executar determinados movimentos. Já na adolescência, busca-se o aprendizado de movimentos de grande dificuldade técnica, aprendidos rapidamente em função da boa capacidade de observação e boa coordenação.

Para o bom aproveitamento dos treinamentos, Grosser et al. (1989) conferem grande importância ao descanso físico e psicológico para o êxito dos processos de aprendizagem. Para os autores, é contra indicado o exercício de novas técnicas ao final de sessões de treinamento, pela baixa capacidade de assimilação de novos movimentos.

2.4 Alguns Referenciais para a Tática

A referência à tática nos Jogos Desportivos Coletivos pode ser representada pela conexão dos fatores que traduzem a idéia de Garganta (1998), a respeito da problematização na organização do jogo, quando busca resolver problemas na transição da perspectiva individual para a integração da perspectiva coletiva de jogo. A inter-relação de vários elementos que simultaneamente interagem, como a bola, o companheiro, o adversário, o campo de jogo e suas limitações, a dimensão espaço e tempo, a execução de planos de jogo, tudo isso significa problema a ser resolvido pelo atleta (Greco et al., 1998). Tendo como objetivo a execução de um plano de jogo, faz uso da técnica específica,

permitindo, assim, a interação de diferentes elementos do rendimento esportivo e as componentes variáveis das diversas estruturas relativas ao rendimento.

Para Greco et al. (1998, p. 58), as capacidades táticas conectam-se diretamente e interagem simultaneamente com as capacidades cognitivas, técnicas e físicas, ao defini-las como “*complexo conjunto de processos psíquico-cognitivo-motor que conduz a tomada de decisão adequada para resolver a tarefa-problema do jogo, permitindo um comportamento adaptado às situações do jogo ou atividade*”.

De forma geral, a Tática, se relaciona inicialmente com dois aspectos, sendo o de *Organização*, em referência aos fatores de que se compõem a competição, e o aspecto de *Orientação com a Ação*, que abrange atitudes e comportamentos do esportista. Em outra forma de classificação, baseada no comportamento do atleta, o autor indica para a Tática *Individual*, relacionada com a técnica e sua aplicação para atuações isoladas e conseqüente no jogo; a Tática de *Grupo*, de movimentações organizadas entre dois ou três atletas; e a Tática *Coletiva*, que se relaciona com a sucessão simultânea de ações entre três ou mais jogadores (Greco et al. 1998).

É de se notar a necessidade de elaboração de conhecimento na área da iniciação e aprendizagem da Tática. A escassez de trabalhos e estudos neste campo do conhecimento em Esportes pode significar uma das causas da existência de processos inadequados do ensino e treinamento da Tática para os que se iniciam nos JDC. É muito pouco reproduzir sistemas de jogo e as estratégias praticadas pelos adultos, repetidas e memorizadas nos procedimentos de iniciação e formação esportiva. Os Jogos Desportivos Coletivos sugerem muito mais que adestramentos e reproduções do que se pensa, considerando que a inteligência de quem joga é colocada em plano inferior. Em um outro momento, será possível desenvolver a idéia da Tática sob a ótica e abordagem de múltiplas perspectivas das inteligências presentes nos Jogos Desportivos Coletivos, mais diretamente em sua organização espacial e os aspectos lógicos de raciocínio.

CAPÍTULO 3

O Problema da Especialização Precoce

3 Especialização Precoce: conceitos e abordagens

Diante das possibilidades que estão presentes no universo multidimensional do contexto esportivo, é de se esperar que em algum momento ocorra o processo de iniciação esportiva. E particularmente neste momento, o estudo aponta para o levantamento de determinados problemas possíveis nos estágios iniciais do processo de formação do Esporte. Muitos autores levantam os riscos aí embutidos (Hahn, 1989; Paes, 1996a; Weineck, 1999; Coelho, 2000; Maia, 2000; Marques, 2001), demonstrando a preocupação com os conceitos equivocados que comandam as práticas, muitas vezes elaboradas por técnicos, professores que estão distantes do conhecimento necessário, para compreender, que esse processo inicial na formação esportiva, em muito difere do processo de demonstração da performance exibida pelos adultos, tanto na preparação para esses momentos como em competições.

Frente ao processo de iniciação e formação esportiva, existem outros que o compõem. Faz-se necessário diferenciá-los, para que se torne possível trata-los com abordagens pedagógicas, em exercícios que vão da crítica reflexiva até as proposições concretas e construtivas. A intenção é de apontar caminhos para a configuração de ambiente adequado para a instalação de novos paradigmas para o conjunto de atividades que se desenvolvem durante os primeiros estágios na vida esportiva.

A iniciação, o treinamento, a competição, e a especialização se destacam como processos importantes e determinantes para o sucesso da vida esportiva, sendo que se, forem aplicados e estruturados de forma inadequada, tendem muito mais a provocar problemas do que a sua essencial função, que é a de elaborar práticas para otimizar o potencial de formação integral dos participantes, em seus aspectos físico, mental, emocional, social e espiritual (Gallahue, 1978).

Desta maneira, aponta-se para a possibilidade de que esses processos se constituam de conceitos equivocados. Desde a aplicação de estímulos em excesso ao problema da relação volume e intensidade que embasa o treinamento

de adultos e sua equivocada aplicação aos iniciantes, dentro do biologicamente possível, soma-se também o adiantamento de fases de aprendizagem. Isto pode significar o desprezo às condições e pré-requisitos de habilidades motoras para aplicação e avanço em determinadas etapas do processo de iniciação e formação esportiva. Resume-se aí, a tendência que técnicos e professores têm em estruturar os treinamentos para crianças e adolescentes com os padrões da lógica que comanda o treinamento de adultos, ou seja, de reduzir em partes o todo que os adultos fazem, e aplicá-los dentro das práticas.

Conceituando o processo maior dentro da iniciação e formação esportiva, que diz respeito ao **Treinamento**, na gênese de seu significado, o dicionário "Aurélio" de Ferreira (1999, p. 1995) indica para "*tornar apto, destro, capaz, para determinada tarefa ou atividade*", que Barbanti (1994, p. 286) dirige para a Educação Física e Esportes, com o conceito de

"programa pedagógico de exercícios que objetiva melhorar as habilidades e aumentar as capacidades energéticas de um indivíduo para uma determinada atividade, ou seja, uma adaptação do organismo aos esforços físicos e psíquicos"

Para Weineck (1999), Treinamento nada mais é que adaptação a estímulos crescentes, ao provocar perturbações na homeostase, o equilíbrio dinâmico do corpo humano, levando assim a processos de adaptação positiva e dos sistemas internos. Para Grosser et al. (1989), o conceito Treinamento engloba as medidas do processo de incremento e manutenção do rendimento, que encontra similaridade em Hahn (1989), ao apontar para o conceito de esforço estruturado e sua finalidade, que é o incremento das capacidades e desenvolvimento de determinadas destrezas.

Ao se introduzir o conceito de *Competição* no processo de iniciação e formação esportiva, é necessária a presença de seu primeiro significado, determinado por Ferreira (1999, p. 512), sendo a "*busca simultânea, por dois ou mais indivíduos, de uma vantagem, uma vitória, um prêmio; luta, desafio, disputa, rivalidade*". Barbanti (1994) situa esse significado no Esporte, onde se refere à disputa entre indivíduos, grupos ou equipes. Partindo destes significados

primários, o conceito amplia-se, na medida em que Paes (1996a) entende como busca pela vitória e respeito por regras, referenciando-se a performance, biotipos adequados, profissionalização, elites. Brotto (1999) aponta para a situação de exclusão e incompatibilidade, onde somente alguns atingem objetivos em detrimento dos outros. Weineck (1999) coloca que as competições são realizadas em função do treinamento esportivo, e fazem parte de um todo, sendo objetivo para o aperfeiçoamento e consolidação do processo de Treinamento Esportivo. Podemos aqui afirmar, então, que, da forma como as competições são colocadas dentro do processo de iniciação e formação esportiva, colaboram para institucionalizar, de forma indireta, a transferência de metodologias aplicadas na preparação de adultos, pois as competições para crianças e jovens, apoiadas por regras e regulamentos que regem as modalidades específicas, são reproduções reduzidas e estruturadas pelo modelo de competições dos adultos.

Ao conceituar **Especialização**, Weineck (1999) busca dar forma à idéia de que todas as etapas, objetivos e métodos do treinamento, inclusive as que integradas formam o processo de treinamento em longo prazo, direcionam-se às exigências específicas da modalidade esportiva em questão. Partindo do pressuposto de que o treinamento exige o processo crescente da especialização, transporta à necessidade de escolha dos meios e métodos específicos que representem as condições de competição.

Dizendo respeito à especialização no Esporte, Barbanti (1994) direciona esse conceito para as atividades e exercícios que permitem a aquisição ou aprimoramento das habilidades específicas do esporte ou modalidade determinada. Hahn (1989) destaca a importância biomecânica do movimento a ser executado, necessitando, assim, de treinamentos específicos, que busquem sua execução em detalhes. Grosser et al. (1989) trazem os princípios básicos da especialização, que se referem às possibilidades biológicas, à sintonia dos aspectos da técnica, do físico, da coordenação, do foco e à especificidade de capacidades inerentes ao esporte escolhido.

Tendo em conta os conceitos existentes de Treinamento, Competição e Especialização, é necessário apontar para diferenças existentes entre as idéias e

significados que são obtidos desses processos ao tratar de incluí-los nas análises dos problemas referentes ao processo de iniciação e formação esportiva. É comum a sobreposição dos conceitos, confundindo as observações feitas para este ou aquele, principalmente quando se tratam desses processos instalados de forma precoce, dando origem a interpretações equivocadas de suas causas, efeitos e contextualização para o entendimento dos sistemas que se organizam. Para Galdino (2000), do ponto de vista prático confirma-se a sobreposição de conceitos pela dificuldade em se estabelecer limiar entre iniciação e treinamento, aprendizagem e especialização.

Apontam-se problemas relativos à iniciação e formação esportiva. De forma especial, neste momento, a **especialização precoce**, que Galdino (2000) aponta com a possibilidade de ser, este, um processo natural do desenvolvimento esportivo. O posicionamento de alguns autores (Orlick, 1978; Grosser et al., 1989; Hahn, 1989; Marques, 1991; Cooper, 1992; Paes, 1996a; Weineck, 1999; Coelho, 2000; Maia, 2000; Marques, 2001) tem o objetivo de tratar diretamente do processo.

Definindo, Barbanti (1994, p. 107) coloca que Especialização Precoce é um *“termo utilizado para expressar o processo pelo qual as crianças tomam-se especializadas em um determinado Esporte cedo demais do que a idade apropriada para tal”*.

Avançando de forma mais contextualizada em sua definição, acrescenta que *“a prática especializada das habilidades de um determinado esporte, sem a prática das atividades motoras características das idades das crianças, quase sempre traz como conseqüência o abandono da prática esportiva”* (Barbanti, 1994, p. 107).

É sabido que este assunto, dentro do contexto desportivo, torna-se tema que vem levantando discussões e reflexões que buscam um maior conhecimento das suas causas e efeitos. Marques (1991) observa que o fenômeno especialização precoce dentro do Esporte reflete, na projeção para um sistema menor, a tendência da sociedade industrial de buscar a organização social e

produtiva por meio da especialização na divisão do trabalho, com o objetivo da otimização de produção.

É possível afirmar que a especialização não diz respeito somente à iniciação esportiva, pois também se dá em outras áreas do desenvolvimento humano. Desta forma, merece estudo reflexivo e propositivo, com a finalidade de apontar opções de caráter geral e específico para suas características, identificando-as em diferentes contextos, a fim de se prevenir de seus possíveis danos e efeitos inadequados e indesejados. Possibilita-se, dessa forma, encontrar maneiras harmoniosas e efetivas que incrementem, coerentemente, os processos de iniciação esportiva, integrados, que estão, aos outros aspectos do desempenho humano.

Diante desse ambiente que se forma, é preciso termos em conta que o elemento central do processo de iniciação esportiva, a nosso ver, é *quem joga*. Será este o principal ponto de referência para o desenvolvimento deste estudo.

Importante se faz considerar, então, o contexto em que atua o indivíduo que participa do processo de iniciação esportiva, na medida em que ele possui um mundo interno, próprio do seu ser, com impressões e percepções individuais, elaborados por pensamentos, modelos de vida que estão se formando, valores de família que aprende, assimila, comportamentos que se formam e se manifestam. Numa outra dimensão, possui estrutura genética, organizando na interação com o ambiente, constantes transformações físicas, que provocam novos significados e compreensões.

Dirigindo-se ao mundo externo, fazem parte o sistema familiar e seus relacionamentos, expectativas dos pais quanto ao desempenho e educação de seu filho para a vida toda. E os relacionamentos de amizade, com companheiros de escola, os relacionamentos com outras crianças de idade próxima, os exemplos e vivências próximas dos professores, técnicos e os ensinamentos transmitidos e sustentados por determinados valores.

E, assim, na perspectiva do relacionamento intrapessoal, um sistema interno se forma, pela interdependência de subsistemas menores que interagem e compõem o indivíduo. Átomos, moléculas, substâncias, células, tecidos, órgãos,

todos unidos à dimensão mental e espiritual buscando equilíbrio dinâmico e constante, diante das provocações de desestabilização promovidas pelo próprio fenômeno do crescimento e da evolução. Ao mesmo tempo, esse conjunto de fenômenos se conecta e de forma interdependente, sofre ações do meio externo, das interações com pais, companheiros, experiências de aprendizagem em vários aspectos, como também de outras variáveis.

Nessa perspectiva, Gallahue (1978) aponta para o equilíbrio de determinados aspectos que mostram o desempenho total e equilibrado do desenvolvimento humano: Físico, Mental, Emocional, Social e Espiritual. Ressalta a importância da interação desses elementos, possibilitando proporcionar crescimento e desenvolvimento geral, com harmonia, na busca do bem estar. Cresce em importância o conceito plural de Homem, transcendendo a ideia reduzida de indivíduo, para visão abrangente de aspectos, que comportam a dimensão social, a biológica e a psicológica, na abordagem de sua totalidade.

Toma-se aqui o caso específico situado no desenvolvimento do aspecto físico. É de se compreender que essa abordagem seja a mais visada nas aulas de educação física ou nas atividades esportivas, tanto em iniciação, jogos diversos ou processos de treinamento. Porém, o aspecto da dimensão física é somente um dos aspectos do desempenho total, harmonioso e interdependente do ser humano (Gallahue, 1978). Assim, como os estímulos ao desempenho podem vir especificamente de cada uma dessas áreas de desempenho, isoladamente. Exemplificando, é o que podemos observar no contexto específico de alunos que têm desempenho notável em Matemática, e participam de torneios específicos, como as Olimpíadas Matemáticas, competindo na resolução de problemas da lógica matemática. Ou de jovens talentos que são direcionados à música, a fim de desenvolver talento musical, apresentando canções que usam e demonstram sentimentos - por vezes de adultos- e emoções que mal sabem o que significam, para entretenimento. Torna-se possível, também, citar o fato de pequenas crianças que se entregam à vida espiritual, integrando-se a essa formação desde cedo. Ou de pequenos artistas mirins, que estão presentes nas novelas de televisão e em filmes do cinema.

Nota-se que em casos específicos, determinados aspectos são privilegiados em estímulos ao seu desenvolvimento. Para exemplificar, o Mental com as habilidades matemáticas, o Espiritual com a formação em instituições religiosas, o Emocional e o Social em apresentações artísticas, o Físico com o direcionamento para o futuro esportivo, por meio da iniciação esportiva.

Fica o desempenho da evolução, crescimento e desenvolvimento desequilibrado diante da abordagem que Gallahue (1978) propõe, pela harmonia completa e balanceada dos aspectos de desempenho total. Essa idéia é reforçada pela abordagem sistêmica, de acordo com Capra (1994), ao ampliar a visão, contextualizada na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial dos fenômenos, físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Desta maneira, busca descrever diferentes aspectos da estrutura inter-relacionada, como pode ser visto o nosso ponto referencial que é o indivíduo que inicia nos Esportes, ou seja, “quem joga”.

Situado que está nesse processo de iniciação, possuidor de sua história de vida e de opções e escolhas, com o precedente de múltiplos níveis da nova visão de realidade proposta, é ressaltada a importância de se ver um organismo como um sistema que interage constantemente. Já a abordagem cartesiana busca ver esse indivíduo como uma máquina, caracterizado pela grande variedade de peças e mecanismos semelhantes a engrenagens de máquinas, como ossos, músculos, circulação sanguínea, corpo, alma (Capra, 1994).

É de se imaginar que a mesma contraposição de abordagens se dê com o processo de evolução, crescimento e desenvolvimento do Ser Humano. De um lado, podemos imaginar o técnico que orienta o indivíduo para a aprendizagem esportiva, direcionando aí, de forma geral, o desenvolvimento no aspecto físico, desprezando os outros aspectos e formas de desempenho. O mesmo indivíduo sofre as influências e estímulos do processo educacional escolar, buscando desenvolvimento Mental. Dentro de suas relações familiares e de amizades, estão os desempenhos nos aspectos Emocional e Social. Ao integrar-se ao sistema de valores relativos à família e comunidade, conseqüentemente pode ser levado à formação no aspecto Espiritual. Imagina-se que cada um desses processos ocorre

com o mesmo organismo vivo, de forma dinâmica e inter-relacionada, compondo algo diferente da figura rígida de um muro composto por tijolos que se sobrepõem. Com base em Capra (1994), é possível ter-se nessas relações, a manifestação flexível da totalidade integrada, posto que é o mesmo indivíduo que sofre e assimila as influências do ambiente.

No decorrer deste capítulo, foram analisados elementos apontados como causas do processo de desequilíbrio da iniciação, que resultam na especialização precoce, e que podem provocar efeitos indesejados no processo de evolução, crescimento e desenvolvimento da criança ou do jovem que participa da iniciação e formação esportiva, dentro dos aspectos propostos por Gallahue (1978). Da mesma forma, validam-se os referenciais contextualizados dentro do ambiente de iniciação esportiva, por meio do desenvolvimento global da saúde, prazer, diversão, amor ao jogo, embutidos que estão no processo de evolução e desenvolvimento humano (Gallahue, 1978; Orlick, 1978; Grosser et al., 1989; Hahn, 1989; Cooper, 1992; Paes, 1996a; Weineck, 1999).

Desta forma, verificou-se inicialmente que o processo de Especialização Precoce, na atividade de iniciação esportiva, se dá na medida em que os estímulos e atividades, ou conjunto deles, desequilibram com relativa intensidade o sistema interno e externo de que faz parte o indivíduo. Como consequência, suas possibilidades de relações são reduzidas, notando-se especialmente nos efeitos e danos provocados pelo processo de especialização precoce.

3.1 Manifestações no Esporte

É necessário, neste momento, fazer uma vez mais a distinção de processos, que de maneira superficial podem exibir semelhanças, como a iniciação precoce e a especialização precoce. Ferreira (1999, p. 1113) apresenta como definição de **Iniciação** o *“ato ou efeito de iniciar-se, ato de começar qualquer coisa, início, recebimento de primeiras noções relativas a uma ciência,*

uma arte uma prática". O termo **Especialização** Ferreira (1999, p. 812), define como

"ato ou efeito de especializar-se, grau de adaptação de um indivíduo, ou de parte dele (órgão, estrutura anatômica, etc.) a seu meio ambiente e às suas condições de desenvolvimento, reprodução, alimentação (um alto grau de especialização determina um habitat restrito e significativa competição interespecífica)",

integrado que está ao conceito de especialização (Weineck, 1999, Grosser et al., 1989, Hahn, 1989) dentro do processo de iniciação e formação esportiva, como visto anteriormente. Para o termo **Precoce** (Ferreira, 1999, p.1624), "*premature, antecipado, temporão; diz-se das pessoas com determinadas faculdades prematuramente desenvolvidas*".

Tendo isso em vista, é possível diferenciar o processo de iniciação precoce, que se dirige à iniciação ou ao começo da prática esportiva de forma antecipada, em relação ao processo de especialização precoce, que é a adaptação ao ambiente esportivo em determinado grau, de forma prematura e antecipada, supondo-se, aqui, o adiantamento de adaptação a determinadas etapas que estão ainda por vir.

De acordo com os conceitos elaborados por diversos autores, Hahn (1989) aponta para a busca da compreensão e adequação do incremento de capacidades e desenvolvimento de determinadas destrezas, adequados a níveis e idades, enfatizando a atividade para a adaptação biológica, de desenvolvimento relativo da musculatura, com programas de aprendizagem, embasando-se para futuros rendimentos máximos. Inicialmente, o autor destaca a importância de planejamento cuidadoso. Cria-se uma realidade de futuro esportivo para a criança, por meio das atividades que são propostas. Neste processo elaborado de iniciação, tem-se em conta que o esporte é o futuro dado como certo para o iniciante. É necessário que se faça a reflexão em torno dos objetivos da criança, que com certeza se posicionam muito mais em referência ao prazer, alegria e divertimento que o jogo pode provocar, do que planejamentos por longos anos dentro da atividade esportiva. Galdino (2000) aponta para o aspecto desfavorável

que se gera em torno de resultados esperados pelas marcas alcançadas por iniciantes, enquanto jovens, e que não foram atingidos.

Grosser et al. (1989) demonstram preocupação em relação às exigências cada vez mais elevadas de crianças e jovens, preocupação que Galdino (2000) dá ênfase ao apontar o excesso de valorização dos resultados em categorias relativas às idades de iniciação e formação. Reforçando essa idéia, demonstra também a preocupação de tantos outros técnicos, pais e professores que desejam cercar as crianças de uma forma mais suave e prolongada para os rendimentos máximos. Os responsáveis por essa visão são os treinadores, que demonstram conhecimentos específicos sobre evolução psicomotriz da criança e do adolescente e os processos de adaptação biológica, nestas idades, aos estímulos de treinamento (Grosser et al., 1989).

Caracterizando a especialização precoce sob vários aspectos, dimensiona-se, assim, o fenômeno de forma a entendê-lo em múltiplas abordagens, pois que não pertence somente a um campo de conhecimento. Percebe-se que se constitui basicamente como um processo, e não como um fato isolado que determina a sua ocorrência específica, mas basicamente, um conjunto de eventos e ocorrências que se sobrepõem, ao longo do processo de iniciação esportiva, na busca de rendimento no Esporte e das interações do indivíduo com o ambiente.

3.2 As Possíveis Causas

Estudiosos no assunto dimensionam as possíveis causas da especialização precoce em várias direções. Hahn (1989) aponta para determinados comportamentos dos pais, que por vezes transferem aos filhos os fracassos de sua vida para o desempenho destes, e que em muitas vezes, esses fracassos tiveram origem em ambientes esportivos (Paes, 1996a). De forma a abordar contextualmente o fenômeno, Orlick (1978) reforça essa idéia com a postura de que as crianças tendem a agir de modo a atender as expectativas de outras pessoas, especialmente se forem importantes para elas. Comportamentos deste tipo tiram a autonomia das crianças para decisões, envolvidas, que estão, em um

ambiente altamente protegido, e por muitas vezes os pais tornam-se técnicos e treinadores de seus filhos, especialmente se já existir uma cultura esportiva dentro do ambiente familiar (Hahn, 1989; Paes, 1996a).

Formado este quadro, a expectativa de êxito, pelas projeções da realidade dos adultos, é de desempenhos futuros em diversos níveis de rendimento, partindo de expectativas de resultados locais, regionais, e buscando os resultados nos níveis estaduais, nacionais e internacionais. Assim, essas crianças exibem comportamentos que refletem, mais as expectativas das pessoas, do que o que elas próprias pensam (Orlick, 1978). Ainda dentro do âmbito da relação existente de pais e técnicos com a criança, tem-se em conta o enfoque do êxito dos treinadores, pais ou dirigentes por meio do êxito dos pequenos atletas e a ambição de pais que querem converter seus filhos em estrelas do esporte, que para Hahn (1989) e Weineck (1999) são responsáveis diretos no processo de exigência precoce e podem induzir precocemente as crianças a um treinamento especializado, agindo de maneira irresponsável, quando se consideram somente os resultados em curto prazo.

A presença da Mídia e a crescente intervenção do Marketing nos Esportes permitem a exploração de imagem dos grandes atletas e, como conseqüência, os ganhos financeiros que se têm com a dimensão profissional esportiva, que vão além dos salários recebidos no profissionalismo, com propagandas dos mais variados produtos e artigos. Esse tipo de incentivo à prática esportiva, carrega promessas de desempenho e sucesso que podem trazer expectativas e objetivos irreais a quem pratica o esporte e se envolve intensamente com seus valores.

Esse contexto é intensificado pela valorização profissional de jovens atletas, reflexo direto da projeção de desempenhos futuros por dirigentes e técnicos, que muitas vezes, investem na formação de equipes vencedoras nas categorias de base, em inadequada concordância com a obtenção de resultados em curto prazo. A valorização excessiva de resultados obtidos, coloca em plano inferior a oportunidade de se estabelecer ambiente de caráter formador e educativo em longo prazo. Este quadro privilegia de maneira constante, aquele que já sabe jogar, conhece sistemas táticos, tem específico repertório de movimentos,

demonstra considerável conjunto de capacidades físicas, contando, ainda, com a possibilidade de ocorrência de maturação precoce.

Por vezes, no processo de iniciação esportiva, muitos fatores importantes são desprezados. Devido à falta de conhecimento ou, sob a ação de agentes externos ao ambiente de iniciação e formação, ocorre desrespeito às fases sensíveis de treinamento (Hahn, 1989; Grosser et al., 1989; Weineck, 1999) que indicam para atividades que privilegiam as capacidades de coordenação e destreza. Estas se contrapõem com cargas intensas e específicas às condições especiais exigidas pelas características dos jogos, que envolvem processos de resistência à variação de intensidade e contato físico. Esta tendência vem se verificando progressivamente nos JDC, que enfatizam o metabolismo láctico e alático (Coelho, 2000). Vale lembrar que crianças até antes da puberdade têm baixa capacidade de adaptação a esse tipo de exigência (Hahn, 1989; Weineck, 1999). As cargas anaeróbias lácticas e aláticas trazem a presença de fadiga (Weineck, 1999), levando a prática ao sacrifício pela monotonia e o desprazer, baixando o grau de satisfação da criança ao praticar.

Esse quadro revela a projeção de programas de treinamento do nível de adultos e sua equivocada adaptação para crianças e jovens (Hahn, 1989). Demonstrando preocupação com o contexto de prática formativa do esporte, Coelho (2000) aponta para a necessidade de se verificar a validade e a eficácia dos meios utilizados para treinamento da fase inicial da vida atlética dos iniciantes.

Alguns elementos confundem-se pelos objetivos da iniciação esportiva, de preparar o caminho para o desempenho de alto rendimento na vida adulta, que é atingido por uma pequena parte dos que iniciam nos esportes. Hahn (1989) reforça que as práticas com crianças podem servir como preparação para o esporte de elite, mas nunca como treinamento de elite. Tem-se que na busca obsessiva pelo talento, de acordo com Weineck (1999), geram-se estratégias equivocadas dentro do processo de iniciação esportiva, como foi notado.

Essa análise encontra fundamentos similares na observação de Orlick (1978), que destaca as características de competição introduzidas à infância na cultura ocidental, tendo como referencial a obsessão do adulto pela vitória.

Verifica-se a dissonância dos elementos motivadores da prática de esportes pelas crianças e jovens, e das estratégias que os adultos utilizam com eles

Ao realizar estudos sobre treinamento com crianças e jovens, na busca de justificativas para a aplicação de determinadas metodologias, Marques (2001) aponta para a questão do avanço da Ciência, que teve muitas influências positivas, ao permitir conhecer melhor o desenvolvimento humano sob diversos aspectos, como a possibilidade de avaliação da capacidade de adaptação do organismo juvenil aos esforços do esporte de rendimento. Esse avanço teve um significado relevante no processo de especialização precoce, pois na medida em que surgiam esses novos conhecimentos, levou-se a entrar em estágios de preparação adiantada de crianças, ainda não maduras, o suficiente, para suportar determinadas cargas físicas e psicológicas.

Outra questão, indicada como de muita importância neste processo da especialização precoce, é a competição nas fases iniciais de aprendizagem e formação esportiva (Grosser et al., 1989; Hahn, 1989; Paes, 1996a; Weineck, 1999; Coelho, 2000; Marques, 2001). De variadas formas, configura-se como um importante fator com influências negativas, pois direta e indiretamente afeta o sistema de iniciação esportiva, na medida em que transforma a competição em objetivo em curto prazo para pais, técnicos e iniciantes. Paes (1996a) indica a inadequada importância que se dá para o resultado do jogo, e não ao jogo em si.

Os sistemas de disputa e competição, que são reproduções das formas competitivas dos adultos, geram indiretamente a transferência de meios e métodos de treinamento aplicáveis a adultos para os processos de iniciação. Observa-se aqui a lógica do pensamento do adulto que predomina sobre a elaboração dos treinamentos, visando à análise dos elementos técnicos e seu fracionamento, para progressivamente assimilar as distintas partes. Desta forma, verifica-se que essa análise pode refletir as limitações da formação pedagógica e didática destes treinadores, sendo a repetição da metodologia utilizada com os adultos, um simples reflexo do desconhecimento e falta de preparo para trabalhar com a iniciação esportiva. Em estudo, Greco (1999) concluiu que técnicos não apresentaram nível de conhecimento tático maior do que os atletas, reforçando a

concepção de que os professores e treinadores que se ocupam da iniciação e formação esportiva, necessitam de maior suporte técnico, metodológico e pedagógico para justificar e atingir os objetivos inseridos na formação de crianças e jovens.

Grosser et al. (1989) reconhecem, na iniciação e formação esportiva, sua importância, destacando a necessidade de conhecimento e paciência de quem comanda e desenvolve o processo de rendimento de crianças e jovens, reclamando para estas idades os melhores treinadores. Sabemos que não são somente os técnicos e professores que estão à frente da formação esportiva de crianças e jovens. Assim, Coelho (2000) levanta um importante problema de natureza pedagógica, que é a necessidade de se alterar a representação social para a prática esportiva de iniciação e formação, sobretudo dos agentes que estão mais próximos das crianças e jovens: os técnicos, os pais e os dirigentes.

3.3 Os Possíveis Efeitos

Os efeitos da especialização precoce são identificados em vários níveis, de forma a serem abordados e reconhecidos como resultados da interação de diferenciados fatores. É importante destacar que esse resultado é proveniente de um processo em longo prazo, sendo produto do treinamento realizado com crianças e jovens na iniciação e formação esportiva.

Os efeitos podem ser dos mais variados tipos. A começar pela frustração de resultados que em um primeiro momento foram projetados para o futuro da criança. Jovens atletas, submetidos a tal processo, podem não atingir em etapas subseqüentes, os rendimentos prognosticados, pois os procedimentos que levam a tal tipo de especialização, contradizem o desenvolvimento em longo prazo, esgotando as potencialidades e, desta forma, impedem a obtenção de desempenho máximo (Marques, 1991; Weineck, 1999).

Esse tipo de preparação, por vezes, toma considerável tempo dos praticantes, comprometendo seu desempenho escolar. Considerando as atividades desenvolvidas na prática de treinamento e o investimento de um bom

tempo de vida, se não houver a recompensa dos resultados projetados de desempenho, pode ocorrer o abandono da prática esportiva (Marques, 1991).

As conseqüências mais notadas são as ligadas a aspectos físicos. Vargas Neto (1999) se referencia, a esse problema, colocando que as modalidades complexas - que empregam certo número de repetições de determinados gestos – geram alguns tipos de lesões em sua prática, na tentativa de aperfeiçoamento do movimento. Cita o exemplo das lesões por excesso de uso, que aparecem em eventos e processos de treinamento organizados por adultos.

Hahn (1989) levanta a questão dos riscos fisiológicos de se exigir altos rendimentos precocemente de crianças por meio de treinamento inadequado, apontando para possíveis conseqüências danosas, como hipertrofia cardíaca, diminuição da taxa de hemoglobina, sistema imunológico enfraquecido. Paes (1996a) indica outros fatores que podem agravar o quadro apresentado, dentro deles a ansiedade e a exigência da própria criança pelo seu desempenho relacionado à excessiva importância que se dá para competições em fase de iniciação e formação esportiva.

Das conseqüências que se apontam como sendo danosas, algumas delas podem ser verificadas de forma concreta, como é o caso das lesões por excesso de uso, ou da inadequada utilização de metodologias que são mais próprias para adultos do que para crianças e jovens. A indevida aplicação de tais metodologias e o uso equivocado de meios de treinamento podem significar conseqüências à saúde pelo excesso de estímulos que se recebe na iniciação e na vida atlética.

Vargas Neto (2000) aponta para os outros tipos de riscos, além do físico, para a criança submetida à prática intensiva de uma modalidade esportiva:

- Riscos de tipo físico – lesões ósseas, articulares, musculares, cardíacas;
- Riscos de tipo psicológico – níveis altos de ansiedade, stress e frustrações, sofrimento psíquico por fracassos e desilusões, relatos negativos de “infância não vivida” e formação escolar deficiente;

- Riscos de tipo motriz – pobreza motriz, automatismos motores rígidos, e
- Riscos de tipo esportivo – a especialização sem as condições exigidas no futuro, pelo esporte escolhido.

Weineck (1999) aponta para um dos efeitos, que pode tornar-se prejudicial e redutor de possibilidades para vários aspectos da vida futura de crianças e jovens. Relata Weineck (1999) que, segundo estudos realizados por Schaefer e Haug, os estímulos preferenciais de algumas áreas cerebrais, em detrimento de outras, prejudicaria o desenvolvimento equilibrado dos hemisférios cerebrais, privilegiando determinadas habilidades estimuladas de maneira específica e privando a aprendizagem e o desenvolvimento de outras.

Diante destas colocações de Weineck (1999), é possível estabelecer correlação com processos de iniciação e formação esportiva onde ocorre a especialização da criança ou do jovem, em determinada função ou posição na equipe, ao tomar contato com as reduzidas possibilidades de manejo corporal. O goleiro no futebol e o pivô no basquetebol são exemplos dessa colocação, na medida em que desenvolvem somente habilidades específicas à posição e demonstram dificuldades em outros fundamentos que necessitam de níveis mais exigentes de habilidade e técnica. Daí, verifica-se a importância da constante estimulação com diferentes e interessantes desafios, problemas e tarefas motoras dentro do processo de treinamento para iniciação e formação esportiva.

Em resumo, o processo de especialização precoce, considerados seus efeitos indesejados e possíveis causas, pode ser assim representado na Figura 3:

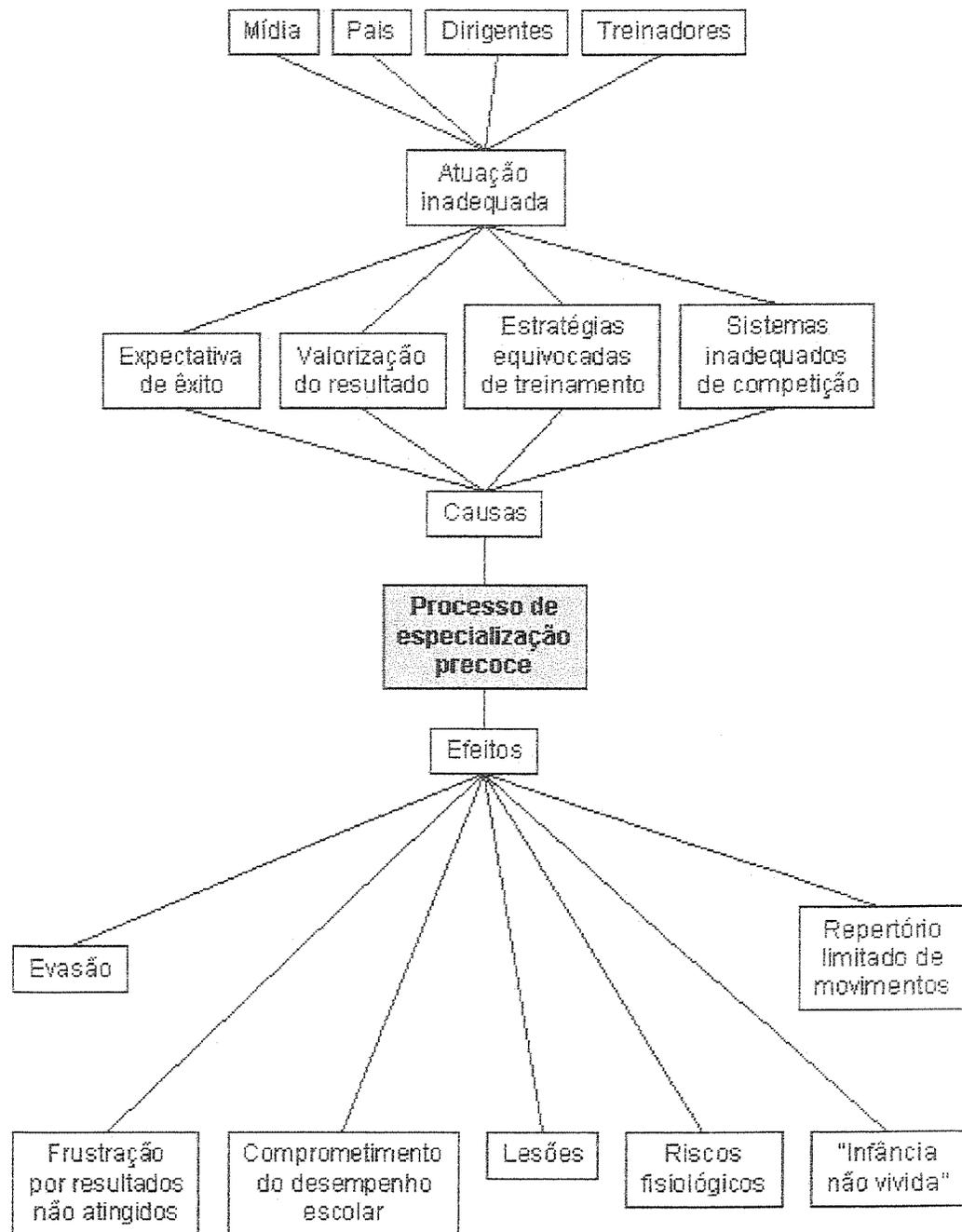


FIGURA 3 - Representação esquemática do processo de especialização precoce na relação com suas possíveis causas e efeitos

3.4 A busca de referenciais de apoio para a elaboração das práticas

Diante dos temas expostos, procura-se o equilíbrio do que é adequado, das reflexões sobre os problemas que surgem, diante do processo de treinamento, na iniciação e formação esportiva. O propósito de indicar para a elaboração de um processo facilitador da formação de crianças e jovens por meio dos Jogos Desportivos Coletivos, relaciona os objetivos gerais do estudo ao agente pedagógico das práticas. A conexão com crenças e valores, experiências de vida e os produtos que resultaram dessas experiências, nem sempre bem sucedidas, têm projeção nos procedimentos pedagógicos praticados por estes agentes. As relações estabelecidas no processo de iniciação e formação esportiva entre agentes pedagógicos e as crianças e jovens são inevitáveis e determinantes.

É importante ter em vista a intenção dos jovens e crianças em praticar esporte, que podem trazer benefícios à saúde em várias dimensões, permitindo seu desenvolvimento multilateral em vários aspectos. Aí se encaixam os aspectos físicos, mentais, emocionais, sociais e espirituais (Gallahue, 1978), todos eles tendo como estrutura básica a prática de habilidades e capacidades ligadas aos aspectos esportivos (Marques, 2001).

Indica-se que estas práticas sejam facilitadas por meio de maneiras mais adequadas e é, sobre este tema, que se fundamenta este estudo. Fica evidente a diferenciação dos processos de treinamento para o alto rendimento competitivo para adultos, a iniciar-se pela análise feita dos pressupostos que compõem o treinamento desportivo às diferentes abordagens e contextos de sua aplicação. Isso se deve às condições de crescimento, maturação, e desenvolvimento que crianças e jovens apresentam, num quadro muito diferente do apresentado pelos adultos, relativos a outro nível do desenvolvimento humano.

Utilizando-se do Esporte como meio básico para o crescimento e desenvolvimento, aliado a outros processos educativos, é objetivo, também, defender e validar a Pedagogia do Esporte, a fim de conduzir o processo de iniciação e formação esportiva. Ela se faz presente dentro das expectativas e

exigências que crianças e jovens apresentam pelas características e manifestações próprias e singulares, relativas a esta etapa única de sua vida.

Assim, observa-se a necessidade e a importância do investimento nesta área de investigação das Ciências do Esporte e indicamos para pontos comuns nas caracterizações, sugestões e reflexões dos vários autores, que apontam para os benefícios e problemas comuns ao processo de iniciação e formação esportiva.

É cômodo dirigir as observações somente para as perdas, os erros, os enganos. De outra maneira, buscamos refletir sobre os temas e seu substrato de reflexões que se mostraram relevantes no decorrer do estudo. Como importante ponto referencial, validam-se as orientações dos autores aqui citados, para se adequar o processo de iniciação e formação esportiva, considerando a criança e o jovem na sua globalidade e na sua multidimensionalidade.

CAPÍTULO 4

As Inteligências Múltiplas e os Jogos Desportivos Coletivos

4 Jogos Desportivos Coletivos, Inteligências Múltiplas e Pedagogia do Esporte: conexões

Dentro do amplo e diversificado universo que o esporte oferece, mais precisamente os Jogos Desportivos Coletivos, de maneira gradual e progressiva, exige-se dos seus praticantes, outros atributos e virtudes além do que oferecem os sistemas compostos pelos aspectos da técnica, tática, e do desempenho físico. Os desafios tornam-se mais exigentes, os meios de comunicação têm acesso quase que imediato aos eventos, ampliados com as sensações e percepções provocadas pelas imagens de constantes cenas, onde os elementos admiração e julgamento, herói e vilão, caminham próximos.

Faz-se necessário refletir sobre os sistemas de preparação de quem joga. Este estudo tem caminhado nesta direção, e ocupa-se da apresentação de idéias que provoquem posicionamentos diferentes a respeito da configuração e construção da evolução de processos em Pedagogia do Esporte. Surgem problemas a serem resolvidos. Dentro do próprio processo esportivo, seja no treinamento, na competição, na iniciação e formação, ou mesmo nos conceitos que envolvem o fenômeno Esportes. Foge dos objetivos deste estudo, tentar resolvê-los todos, com a apresentação de uma proposta em Pedagogia do Esporte. A intenção, no entanto, é provocar pensamentos, sob diferenciadas óticas dos procedimentos pedagógicos, embasados e sustentados por concepções que valorizem a capacidade de resolver problemas dos indivíduos que têm o poder de transformar ambientes, produzir e elaborar produtos para sua comunidade, abandonando a posição de meros repetidores e reprodutores do que foi “aprendido”.

Porém, as concepções de inteligência, e mais profundamente seus paradigmas, têm fortalecido o relacionamento pedagógico com diversos aspectos de conhecimento sob uma mesma abordagem, que privilegia o pensamento racional, expresso por verbalizações bem construídas. E o relacionamento dos professores e técnicos com os procedimentos pedagógicos na área esportiva não têm sido diferentes, sendo reflexo de um contexto mais amplo, articulado pelos

sistemas de educação e ensino, presentes na grande maioria das escolas. Ao se referenciar à promoção de conhecimento pela escola em apenas um dos seus aspectos, o lógico-matemático, Freire (2001, p. 9) reflete:

“Considerado por esse prisma, o nosso entendimento de inteligência é de que os problemas com os quais as pessoas se deparam no mundo podem ser superados com a aplicação de ‘soluções’ exclusivamente racionais”.

Na essência da identidade dos Jogos Desportivos Coletivos, que de forma múltipla e diversificada exhibe seus conteúdos, Garganta (1998, p. 12) ressalta a inteligência como um de seus traços fundamentais, e que se torna linha mestra deste presente estudo. O autor invoca:

“... a inteligência, entendida como a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo. “

Diante das relações possíveis que se estabelece no ambiente dos JDC, toma-se forma, gradualmente, o propósito de sintonia com os pressupostos que a Teoria das Inteligências Múltiplas vai nos apresentar, ou seja, da valorização do indivíduo e de suas capacidades potenciais, e de sua relação com os sistemas e subsistemas que o cercam, na medida em que coopera para inferir de maneira positiva neste contexto.

Frente a esta posição perspectiva, o ser atuante posiciona-se diante da multiplicidade de situações geradas pelos Jogos Desportivos Coletivos. As ações possíveis que envolvem esse contexto, caracterizado pelas imprevisíveis situações, reclamam a necessidade de atitudes e comportamentos inteligentes, referenciados, não somente na habilidade de movimentos, mas também pela interação de outros elementos que compõem um sistema constituído no fenômeno Esporte.

4.1 Alguns paradigmas da Inteligência

Howard Gardner propôs a Teoria das Inteligências Múltiplas no início da década de 80, em contraposição à visão clássica de inteligência, que embasava seus pressupostos de acordo com a valorização da razão lógico matemática e da linguagem verbal. Gardner (1994, 1995, et al. 1998, 2000) demonstram sua inquietação com o poder de previsão que os testes e conceitos de inteligência têm sobre a vida acadêmica do indivíduo, porém seu pouco poder de previsão, com a vida externa ao contexto escolar.

Desta forma, Gardner (1994, 1995, et al. 1998, 2000) contestam os pressupostos dos conceitos de inteligência de até então, que determinavam a hereditariedade (o indivíduo nasce com a inteligência ou sem ela), sua classificação (estudos que procuravam pelos indivíduos mais inteligentes e sua conseqüente separação dos menos inteligentes) e a psicometria da inteligência (que busca medir a quantidade de inteligência no indivíduo, como os testes de QI). Essa visão, que permeou os conceitos de inteligência durante boa parte do século XX, evidenciava uma capacidade unitária de raciocínio lógico, exemplificado pelos matemáticos, cientistas e lógicos.

Retomando alguns aspectos históricos da origem dos paradigmas dominantes da inteligência neste último século, reportamo-nos a Gardner (1994), quando se refere a Alfred Binet, estudioso francês da Psicologia, responsável pelos primeiros testes de inteligência e que tinham o propósito de separar crianças com retardo em aprendizagem e em classificar crianças de forma adequada nos níveis e séries escolares correspondentes, no início do século XX. Quando os testes tornaram-se conhecidos pela comunidade científica da época, viu-se a possibilidade de ter-se, pela primeira vez, um instrumento legítimo de medição da inteligência, o que fugiu aos propósitos do próprio Binet em elaborar os testes.

Esta abordagem de testes difundiu-se rapidamente na época e deu sustentação aos conceitos que se geraram desde então, incluindo-se aí os testes de Quociente Inteligente (QI). Um grande entusiasmo tomou conta da classe científica, com a conseqüente ampla difusão das testagens, que avaliavam

pessoas para fins específicos, na escola, no exército, em empresas. Dentro da comunidade da Psicologia tinha-se a testagem da inteligência como uma grande conquista (Gardner, 1994).

Spearman, no início do século XX, defende a idéia de uma Inteligência Geral, ao elaborar uma teoria a respeito da existência de um fator de inteligência dominante “g”, medido em testes (Gardner, 1994), que todos deveriam ter. Acima de “g” estariam os super dotados, e abaixo de “g” os pouco inteligentes. Essas teorias que classificavam os indivíduos, consideravam a hereditariedade, e ao medirem por testes, tinham por base que a Inteligência é uma coisa única. Aqui está um dos contrapontos e inquietações do autor com as idéias que se estabeleceram a respeito do tema Inteligência. Nessas abordagens, fica clara a visão de que a inteligência se configurava pela capacidade que as pessoas tinham em lidar com a linguagem, as palavras, e com o raciocínio lógico matemático, que era fortalecido pelo pensamento cartesiano.

De acordo com o autor, alguns estudiosos da inteligência, como Vigotsky e Piaget, em suas abordagens sobre o tema, dirigem seus estudos e proposições, de tal forma que ignoram ou questionam os testes de Quociente Inteligente (QI). Buscando sustentação para a elaboração de uma teoria sobre a possibilidade das múltiplas perspectivas da inteligência, Gardner (1994) encontra, em Thurstone, a crença da existência de um pequeno conjunto de faculdades mentais primárias, relativamente independentes entre si .

Nos estudos e pressupostos de Piaget, Gardner (1994, p. 104) encontra a abordagem de um determinado tipo de desenvolvimento da inteligência. Para o autor, *“Piaget pintou um brilhante retrato do desenvolvimento em um domínio, o do pensamento lógico matemático, mas erroneamente supôs que ele concerne a outras áreas”*.

Outro autor, Goleman (1996), também traz a idéia de um determinado tipo de inteligência e, em um primeiro momento, caminha pela mesma direção de Gardner, ao indicar para a dissonância entre a vida acadêmica e a vida emocional do indivíduo. Busca dar aos talentos, como a capacidade de motivação e

persistência, controle de impulsos e a administração de estados que impeçam o pensamento, estabelecimento de empatia, entre outros, a definição do conjunto dessas características, como sendo uma inteligência emocional.

Gardner (2000) concorda que, a princípio, a definição para a inteligência emocional se adapta aos conceitos de inteligência interpessoal e intrapessoal. Porém, ao tratá-la como provocadora de comportamentos recomendados – empatia, consideração ou esforço para que uma família ou comunidade funcione melhor - o autor indica que Goleman (1996) abandona o âmbito da inteligência sob o ponto de vista acadêmico, e entra nas esferas distintas dos valores e da política social.

Desta forma, dentro dos conceitos da Teoria das Inteligências Múltiplas, as emoções não são conteúdos a serem processados, como um outro tipo de informação, como são a língua e o espaço, por exemplo, posição reforçada pelo caso das inteligências que são acompanhadas pela manifestação de emoções, como as inteligências pessoais, que se manifestam quando interagimos com o próximo, ouvimos música, ou ao tentarmos solucionar problemas e enigmas matemáticos. O autor sugere o termo sensibilidade emocional.

4.2 A Teoria das Inteligências Múltiplas

A Teoria das Inteligências Múltiplas toma forma com a abordagem plural das habilidades, capacidades, faculdades, talentos e competências do Homem, especialmente exigidas dentro do seu contexto de cultura, transcendendo, assim, das abordagens da linguagem verbal e da razão lógica. Desta forma, Gardner (1994) indica para três pilares que sustentam a sua configuração.

O primeiro pilar surge com as pesquisas sobre Inteligência Artificial, que contribuíram para as novas descobertas. O indicativo de inteligência das máquinas era o número de associações que poderiam fazer, a quantidade de problemas que pudessem resolver, contribuindo para o progresso das ciências cognitivas, na busca de se desenvolver determinadas e específicas habilidades e estratégias de

resolução de problemas para essas máquinas, possuidoras da inteligência artificial.

O segundo pilar dirige-se ao cidadão e suas possibilidades de relacionamentos diversificados, na medida em que se busca a pessoa mais feliz, adaptada à complexidade do ambiente em que vive. Torna possível a formação do cidadão estimulado em sua criatividade, auxiliando em sua capacidade de tomar decisões, no equilíbrio de seus aspectos emocionais e de sua razão e comprometido com as questões da sociedade. Por isto, para Gardner (1994), não basta medir.

Os estudos sobre o cérebro constituem-se no terceiro pilar. Sabe-se que o cérebro e seu funcionamento compõem-se em um mundo a ser descoberto. É sabido hoje da sua grande capacidade de adaptação (Gardner, 1994), da combinação dos neurônios, da sua capacidade de reter memória, da adaptabilidade de determinadas áreas a novas funções quando lesado.

A partir do exposto, Gardner (2000) busca novos conceitos e conseqüentes aplicações de Inteligência, que possam satisfazer as necessidades do Homem, no mundo moderno. Então, o conceito de pluralidade da mente começa a se formar. Em um primeiro momento, o autor toma contato com os estudos sobre crianças e as artes, na perspectiva da simbolização humana. Em seguida, teve a oportunidade de trabalhar com pessoas portadoras de síndromes e lesões cerebrais graves, dentre elas autistas que exibiam elevadas habilidades para trabalhar com números. Outras apresentavam grandes dificuldades em comunicação, porém portadores de talento para a música.

Diante destas observações e de muitas outras no campo da neuropsicologia, Gardner (2000) chega à conclusão de que as pessoas têm um leque de capacidades. Notou que algumas pessoas tinham grande capacidade em uma área de atuação, mas não exibiam a mesma capacidade em algumas outras áreas. Da mesma forma, a deficiência para o aprendizado em alguma habilidade não significava que essa pessoa tivesse sucesso ou fracasso na maioria de outras atividades cognitivas.

Assim, começa a dar forma à idéia de que as habilidades se diversificam, e de forma independente:

“...as populações com que eu estava trabalhando estavam me dando pistas para a mesma mensagem: a de que se pensa melhor a mente humana como uma série de faculdades relativamente independentes, tendo relações apenas frouxas e não previsíveis umas com as outras, do que como uma máquina única para todas as coisas, com uma capacidade de desempenho constante, independente de conteúdo e contexto.”
(Gardner, 2000, p. 45)

Diante destas observações, o autor marca a ruptura com a idéia dos mais inteligentes e dos menos inteligentes e começa a estabelecer que as inteligências atuam de forma independente. Porém, indica que ao resolver problemas, dificilmente as inteligências trabalham sozinhas. Conclui que todos possuem e têm condições de se desenvolver em todas as inteligências, determinando que este desenvolvimento está marcado fortemente por meio da mobilização e estimulação promovidas pelo contexto de cultura em que o indivíduo está inserido. Se não existirem a estimulação e mobilização de determinada inteligência, o potencial fica estagnado (Gardner, 1994, 2000).

Assim sendo, evoluindo com suas idéias e proposições, Gardner (2000, p. 47) apresenta sua definição para Inteligência: *“Um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados em uma cultura.”*

A partir do exposto, o autor classifica a Inteligência como sendo um potencial neural e sugere que ela pode, ou não, ser ativada, dependendo dos valores da cultura em que o indivíduo está inserido e dos estímulos que recebe no ambiente composto por pais, familiares, professores, técnicos e outros agentes interventores.

Gardner (1994, 2000) propõe indicações manifestas, ou critérios de apoio, para que um conjunto de habilidades seja considerado uma inteligência.

- O potencial de isolamento da lesão cerebral, pela determinação de que tal inteligência tenha sido poupada, revelando autonomia de outras faculdades humanas;
- Uma história evolucionária e aceitabilidade das explicações evolucionárias da Inteligência, na medida em que é possível localizar os antecedentes evolutivos de uma inteligência específica, na verificação de provas sobre a evolução de nossa espécie, cruciais para discussões sobre a mente e o cérebro contemporâneos;
- Uma operação ou conjunto de operações nucleares identificáveis por mecanismos de processamento de informações vindas do mundo real. As inteligências específicas operam em ambientes ricos, tipicamente em conjunção com outras inteligências. Faz-se necessário aparecer capacidades que pareçam centrais para uma inteligência. É provável que estas capacidades sejam mediadas por mecanismos neurais específicos, acionados por informações internas e externas consideradas relevantes por esse sistema;
- Suscetibilidade à codificação num sistema de símbolos. Grande parte da comunicação humana de conhecimento ocorre através de sistemas de símbolos – linguagem falada e escrita, sistemas matemáticos, diagramas, desenhos, equações lógicas, etc. Esses sistemas continuam sendo desenvolvidos para transmitir e codificar informações de forma sistemática e precisa, de significativa importância em determinada cultura, podendo assim captar e transmitir o significado dos acontecimentos;
- Uma história de desenvolvimento distinta das inteligências, pois os indivíduos não exibem suas inteligências em estado natural. Faz-se então necessário que certa habilidade, para ser desenvolvida, passe por um processo de desenvolvimento e treinamento específico para aquela habilidade;

- A existência de sábios, prodígios e outras pessoas excepcionais, que, sem qualquer sinal documentado de lesão cerebral, têm perfis de inteligência inusitados, como sábios, autistas, prodígios. Ao mesmo tempo em que podem apresentar desempenho excepcional em determinada habilidade ou competência, demonstram desempenho medíocre em outras áreas;
- Apoio de tarefas psicológicas experimentais. Os psicólogos podem ver, até que ponto, duas operações ou habilidades têm relação entre si observando como as pessoas se saem ao executar, simultaneamente, duas atividades, que podem ou não, pertencer a um mesmo domínio de inteligência. Se uma não interfere com a outra, os pesquisadores podem presumir que as atividades usam capacidades mentais e cerebrais distintas;
- Apoio de descobertas psicométricas, na medida em que informações daí obtidas aumentaram as provas a favor das inteligências múltiplas.

4.3 As Oito Inteligências

Gardner (1994, et al. 1998, 2000) dimensionou em sua Teoria, a existência de oito inteligências, de acordo com a Figura 4, que tratariam dos domínios de resoluções dos possíveis problemas inerentes às pessoas, configuradas dentro dos critérios pré-estabelecidos. São elas: a inteligência cinestésico corporal, a inteligência verbal lingüística, a inteligência lógico-matemática, a inteligência musical, a inteligência espacial, a inteligência naturalista, a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal. Estudos do autor indicam para a existência de outras possíveis inteligências adicionais, como a inteligência espiritual e a inteligência existencial.

Dentro dos objetivos, inicialmente propostos em nossos estudos, delimitamos a estruturação deste estudo em Pedagogia do Esporte de acordo com as oito inteligências, propostas e fundamentadas na Teoria das Inteligências

Múltiplas desenvolvida por Gardner (1994, 1995, et al. 1998, 2000), seguindo-se as definições, identificação de domínios, características e seus exemplos exponenciais.

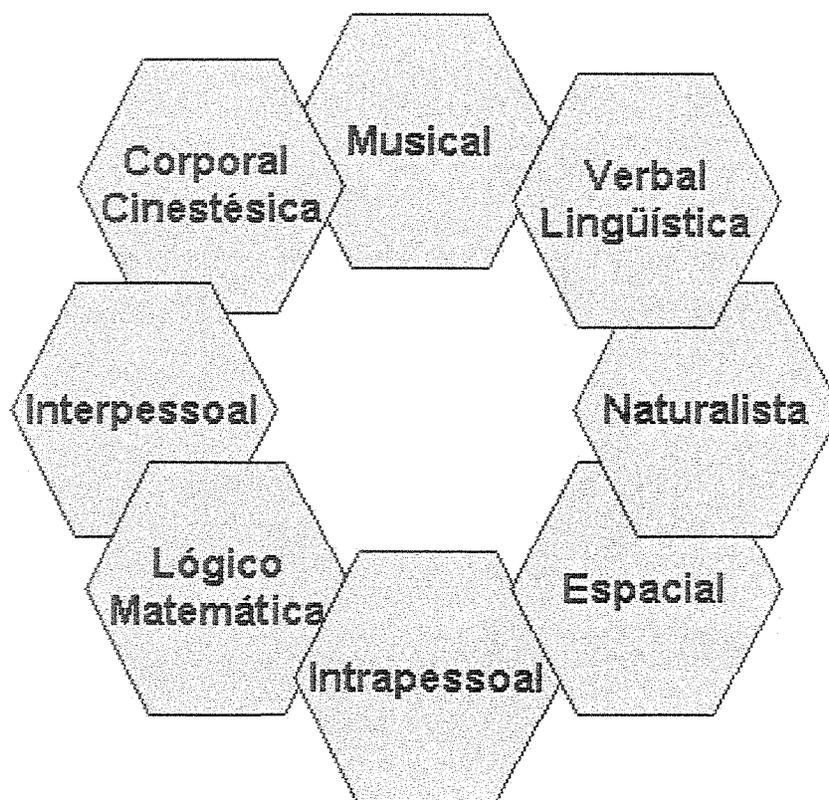


FIGURA 4 – Representação esquemática das inteligências múltiplas a partir da Teoria de Gardner (2000)

Ao final da exposição dos domínios de cada inteligência, apresentam-se as características que podem ser manifestas nos Jogos Desportivos Coletivos, em práticas de treinamento ou em jogos, com base nas observações de Campbell et al. (2000). Os referidos autores desenvolvem estudos com a aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas na área da educação formal.

4.3.1 A Inteligência Corporal Cinestésica

A inteligência corporal cinestésica acarreta o potencial de usar o corpo, ou partes dele, para resolver problemas ou fabricar produtos. É a capacidade de trabalhar com objetos de forma hábil, tanto os que envolvem movimentos motores finos dos dedos e mãos quanto os que exploram movimentos motores grosseiros do corpo. Constitui-se em centro da inteligência corporal: controlar os movimentos corporais e capacidade de manusear objetos com habilidade. Outra característica desta inteligência é a capacidade de usar o próprio corpo de maneiras altamente diferenciadas e hábeis para propósitos expressivos, assim como voltados a objetivos. A relação com o substrato do Esporte, que é o movimento, é direta.

Dançarinos, atores e atletas põem em primeiro plano a inteligência corporal cinestésica. Esta forma de inteligência é de relativa importância também para artesãos, cirurgiões, cientistas, mecânicos e outros profissionais de atuação técnica, que exibem habilidade com o corpo ou segmentos dele.

A evolução, dos movimentos especializados de corpo, é uma vantagem óbvia para as espécies, e nos seres humanos esta adaptação é ampliada por meio do uso de ferramentas. O movimento corporal passa por um programa de desenvolvimento claramente definido nas crianças. E não há dúvida de sua universalidade entre as culturas. Assim, parece que o conhecimento corporal cinestésico satisfaz os critérios de uma inteligência.

A capacidade de usar o próprio corpo para expressar uma emoção (dança), jogar um jogo (esporte) ou criar um novo produto, constitui-se em evidência dos aspectos cognitivos do uso do corpo.

Campbell et al. (2000) colocam que muitos precisam experimentar fisicamente o que se aprende. Dependem de processos táteis ou cinestésicos e precisam manipular ou experimentar o que aprendem para compreender e reter as informações. Aprendem executando as tarefas e por meio de experiências multi sensoriais.

A partir da dicotomia entre mente e corpo, o conceito desta inteligência busca uni-los para o desempenho físico adequado. A inteligência cinestésica

corporal é base do conhecimento humano, pois é por meio de nossas experiências sensório-motoras que experimentamos a vida (Campbell et al., 2000).

Nas possíveis manifestações da inteligência corporal cinestésica, características para os Jogos Desportivos Coletivos, temos que o indivíduo:

- Explora o ambiente de jogo com o corpo em movimento, usando do toque, manejo e manipulação de implementos como a bola de jogo;
- Aprende de forma melhorada por meio da execução pelo movimento aquilo que se deseja ensinar;
- Motiva-se por participação em jogos;
- Manifesta habilidade esportiva geral;
- Demonstra equilíbrio, graça, destreza e precisão nas tarefas físicas;
- É sensível à integração corpo e mente;
- Compreende e busca padrões compatíveis de saúde com a atividade esportiva;
- Busca novas abordagens para habilidades em movimentos.

4.3.2 A Inteligência Verbal Lingüística

A Inteligência Verbal Lingüística envolve a sensibilidade para a língua falada e a escrita, e a habilidade para aprender línguas bem como a capacidade de se utilizar a linguagem para atingir certos objetivos. Como inteligência e competência intelectual mais compartilhadas na espécie humana, exerce também papel importante na explicação. Grande parte do ensino e da aprendizagem ocorre através da linguagem, na utilização de metáforas, cruciais para lançar e explicar um novo desenvolvimento científico.

Gardner (1994) determina que a inteligência lingüística permite denotar sensibilidade à ordem entre as palavras, capacidade de seguir regras gramaticais, e em ocasiões selecionadas, violá-las. Em nível mais sensorial, indica para a sensibilidade aos sons, ritmos, inflexões das palavras e sensibilidade às diferentes funções da linguagem. Evoca o potencial da linguagem para entusiasmar, convencer, estimular, transmitir informações ou simplesmente agradar.

O uso das palavras para comunicar e documentar, para expressar emoções fortes, proporcionar música aos sons, distingue os seres humanos de outros animais, oferecendo assim possibilidades para explorar e expandir a inteligência humana (Campbell et al., 2000).

Gardner (1994) indica para alguns aspectos do conhecimento lingüístico, importantes para o desenvolvimento humano:

- capacidade de usar a linguagem para convencer outros indivíduos a respeito de um curso de ação;
- potencial mnemônico da linguagem, capacidade de usar esta ferramenta para lembrar de informações (nos esportes, as regras, ações táticas e estratégias);
- linguagem para explicar suas próprias atividades, na análise metalingüística, por meio disso direcionando o emissor a refletir sobre um uso anterior da linguagem. P. ex. “o que é que você quer dizer com isso?”

Para Campbell et al. (2000), expressar idéias verbalmente é um importante exercício metacognitivo, pois com freqüência é escutando-nos falar ou lendo o que escrevemos que conseguimos conexões profundas sobre o que pensamos e sabemos. Assim, indica que a autoconfiança de quem aprende aumenta quando o indivíduo se posiciona, a fim de defender suas posições nas discussões e nos debates.

Características que podem ser encontradas em indivíduos com inteligência lingüística bem desenvolvida, dentro dos Jogos Desportivos Coletivos:

- Recebe por meio da transmissão de ordens verbais, instruções de aprendizagem técnica ou de estratégias e táticas, e codificando-as, recorda-se do que foi dito;
- Interpreta as instruções e orientações do técnico ou professor;
- Fala, em momentos adequados, com os companheiros de equipe durante uma partida, transmitindo ordens e instruções de forma eficiente;
- Usa a escuta e a fala para refletir sobre orientações verbalizadas, oralmente ou escritas, do técnico ou professor.

4.3.3. A Inteligência Lógico-Matemática

A Inteligência Lógico-Matemática envolve a capacidade de analisar problemas com lógica, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente. Os matemáticos, os lógicos e os cientistas exploram a inteligência lógico-matemática. Para Gardner (1995), a inteligência lógico-matemática é o arquétipo da “inteligência pura”. Em seu domínio, o processo de solução de problemas é significativamente rápido, pois o indivíduo lida com muitas variáveis ao mesmo tempo.

Campbell et al. (2000) apontam para os vários componentes deste tipo de inteligência, dentre eles o cálculo matemático, o raciocínio lógico, a resolução de problemas, raciocínio dedutivo e indutivo, discernimento de padrões e relacionamentos. No centro da capacidade matemática está a capacidade de reconhecer e resolver problemas.

Tem soluções não verbais, pois podem ser construídas antes de verbalizadas. O processo de solução pode ser invisível, inclusive para quem resolve o problema. É a principal base para diversos tipos de testes de inteligência. O desenvolvimento deste tipo de inteligência foi cuidadosamente estudado por Piaget e outros psicólogos.

Características relativas à inteligência lógico-matemática dos indivíduos que têm esse tipo de inteligência bem desenvolvida dentro do ambiente de JDC:

- Reconhecer nos objetos e equipamentos do ambiente de treinamento ou competição, as funções que lhe cabem;
- Familiaridade com os conceitos de tempo de jogo, aspectos de causa e efeito relacionados a regras e regulamentos do jogo e da competição;
- Compreensão da contagem diversificada referente às finalizações;
- Compreensão de diagramas, símbolos e códigos utilizados pelo técnico ou professor na orientação de táticas e estratégias;
- Percepção de padrões de relacionamentos dentro do ambiente de treinamentos e jogos;
- Interpretação e compreensão de estatísticas e gráficos de jogo.

4.3.4 A Inteligência Musical

A Inteligência musical, com estrutura quase paralela à da inteligência lingüística, acarreta habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais. Evidências de várias culturas apoiam a noção de que a música é uma faculdade universal, tendo na sua notação um sistema simbólico acessível e lúcido, sendo que a capacidade musical emerge mais cedo do que outros talentos em outras áreas da inteligência humana.

Campbell et al. (2000) indicam que a música é uma das mais antigas formas de arte, a qual utiliza a voz humana e o corpo como instrumentos naturais e meios de auto-expressão. Referindo-se aos ritmos, o autor coloca que vivemos com os ritmos do nosso próprio batimento cardíaco e da nossa respiração, e também com os ritmos sutis da atividade metabólica e das ondas cerebrais. A inteligência musical envolve suas próprias regras e estruturas de pensamento, não necessariamente vinculados a outros tipos de inteligência.

Devido à forte conexão entre a música e as emoções, a música pode ajudar a criar um ambiente emocional positivo que desencadeie a aprendizagem (Campbell et al., 2000).

Características de quem tem a inteligência musical bem desenvolvida nos Jogos Desportivos Coletivos:

- Respostas variadas aos sons dirigidos do ambiente, como exemplo, os provocados pela platéia, em manifestações favoráveis ou contrárias ao indivíduo ou à equipe;
- Reação cinestésica à música executada em locais de competição, demonstrando ritmo na execução de fundamentos do jogo, reagindo com emoções de forma positiva ou negativa.

4.3.5 A Inteligência Espacial

Gardner (2000) coloca que a Inteligência Espacial tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço (aqueles usados, p. ex., por navegadores e pilotos), bem como os padrões de áreas mais confinadas, como os que são importantes para escultores, cirurgiões, jogadores de xadrez, artistas gráficos ou arquitetos. As muitas maneiras como a inteligência espacial é desenvolvida em diferentes culturas, mostram claramente como um potencial biopsicológico pode ser aproveitado por campos que evoluíram para vários propósitos.

A solução de problemas espaciais é necessária na navegação, na utilização e entendimento de mapas. Outros tipos de solução de problemas espaciais são convocados, quando visualizamos um objeto de um ângulo diferente. As artes visuais também utilizam esta inteligência no uso do espaço.

Para Campbell et al. (2000), a inteligência espacial, que também pode ser chamada de visual espacial, inclui uma série de habilidades relacionadas, como discriminação visual, reconhecimento, projeção, imagens mentais, raciocínio espacial, manipulação de imagens, duplicação de imagens externas e internas. Indicam, também, que embora a visualização seja fundamental para a inteligência espacial, não está diretamente relacionada à visão, e na verdade, pode ser extremamente desenvolvida nos cegos.

Centrais à inteligência espacial estão as capacidades de perceber o mundo visual com precisão, efetuar transformações e modificações sobre as percepções iniciais e ser capaz de recriar aspectos da experiência visual, mesmo na ausência de estímulos físicos relevantes, surgindo como uma síntese de capacidades. As capacidades espaciais podem produzir-se em campos diferentes. São importantes para a orientação em várias localidades, desde aposentos até oceanos. Servem para o reconhecimento de objetos e cenas, tanto quanto estes são encontrados em seus ambientes originais como quando alguma circunstância da sua apresentação original foi alterada. Também são utilizadas quando trabalhamos com representações gráficas – versões bidimensionais de cenas do mundo real, bem como outros símbolos como mapas, diagramas ou formas geométricas (Gardner, 1994).

Uma pessoa com inteligência espacial bem desenvolvida pode apresentar as seguintes características nos Jogos Desportivos coletivos:

- Visualização por meio de imagens mentais das orientações da técnica, de táticas e estratégias de situações treinadas, bem como de seus detalhes;
- Utilização das imagens visuais das situações vividas em treinamento, para recordar informações;
- Interpretação de gráficos, tabelas e esquemas táticos representados;
- Visualização espacial das movimentações possíveis dos esquemas táticos de forma tridimensional e suas conseqüentes reorganizações no espaço;
- Percepção de padrões sutis e óbvios, na formação tática;
- Aprendizagem através da visão e observação de outros modelos de execução técnica ou tática, de indivíduos presentes no ambiente esportivo ou através de imagens gravadas;
- Movimentação do seu eu pelos espaços possíveis em um esquema tático, em sua equipe e em relação ao adversário.

4.3.6 A Inteligência Interpessoal

A inteligência interpessoal compreende a capacidade de entender as intenções, as motivações e os desejos do próximo, e conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Vendedores, professores, líderes religiosos, políticos e atores manifestam inteligência interpessoal bem desenvolvida. Ela está baseada na capacidade de perceber distinções entre os outros, em especial contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações, intenções.

Para Campbell et al. (2000), a inteligência interpessoal permite compreender as outras pessoas e a comunicação com elas, na medida em que se observam diferenças no humor, no temperamento, nas motivações e nas habilidades. Inclui a capacidade para formar e manter relacionamentos, para assumir diversos papéis dentro de um grupo como membro ou líder, sendo esta inteligência evidente naqueles com habilidades sociais aprimoradas. Os indivíduos que demonstram um compromisso autêntico em relação às outras pessoas e a capacidade para melhorar a vida do outro, exibem uma inteligência interpessoal positivamente desenvolvida. Daí, tem-se que a necessidade de coesão, liderança, organização, solidariedade em grupos decorre naturalmente da relativa importância da interação social para os indivíduos.

De acordo com Gardner (1994), toda cultura gera também um senso maduro da pessoa que envolverá algum equilíbrio entre fatores pessoais e interpessoais. Assim, decorre da natural evolução do conhecimento intrapessoal o senso de "eu" como uma capacidade emergente.

Nas possíveis manifestações da inteligência interpessoal no ambiente dos Jogos Desportivos Coletivos, tem-se:

- Interação com os companheiros de equipe;
- Manutenção dos relacionamentos em equipe e formação de novos relacionamentos em diferentes vias de acesso aos companheiros de equipe ;
- Participação nas ações coletivas da equipe, tomando o espírito coletivo como conceito de jogo;
- Influência nas ações dos companheiros de equipe, de forma construtiva;
- Compreensão e comunicação de diversas formas em diferentes vias de acesso, durante um jogo, de modo a se fazer entender;
- Habilidade na mediação de conflitos entre os companheiros de equipe.

4.3.7 A Inteligência Intrapessoal

Delimitando o domínio da inteligência intrapessoal, Gardner (2000) afirma que esta inteligência envolve a capacidade de a pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente incluindo aí os próprios desejos, medos e capacidades e de usar estas informações com eficiência para regular a própria vida. Campbell et al. (2000) colocam que no cerne de nosso mundo interior estão as forças em que nos apoiamos para compreender a nós mesmos e as outras pessoas, para imaginar, planejar, resolver problemas. Lá estão também qualidades como motivação, determinação, ética, integridade, empatia, altruísmo. Para o mesmo autor, a inteligência intrapessoal inclui nossos pensamentos e sentimentos. Quanto mais pudermos trazê-la à consciência, melhor poderemos relacionar nosso mundo interior com o mundo exterior da experiência.

Gardner (1995) indica que a inteligência intrapessoal trata do conhecimento dos aspectos internos de uma pessoa, ou o acesso ao sentimento da própria vida, à gama das próprias emoções, à capacidade de discriminar essas emoções e eventualmente rotulá-las e utilizá-las como uma maneira de entender e orientar o próprio comportamento. A pessoa com a inteligência intrapessoal desenvolvida

possui um modelo viável e efetivo de si mesma. O autor postula que as evidências evolutivas da faculdade intrapessoal são mais difíceis de encontrar, porém coloca que a capacidade de transcender à satisfação dos impulsos instintivos é relevante.

Das características, que uma pessoa com inteligência intrapessoal bem desenvolvida pode apresentar nos Jogos Desportivos Coletivos, tem-se:

- Demonstração de motivação em realizar tarefas em treinamento e jogos;
- Tentativas de compreensão das suas experiências internas;
- Consciência e controle das emoções presentes durante o jogo ou em competição;
- Expressão e consciência de sentimentos;
- Motivação na luta por alcançar objetivos pessoais específicos aos treinamentos, como a melhoria de determinada técnica ou de conquistas em desempenho individual em jogos;
- Equilíbrio de emoções em momentos de pressão psicológica, como em jogos decisivos ou momentos decisivos durante jogos;
- Modelo e sistema de valores, demonstrando comportamentos éticos e construtivos para a equipe em treinamentos e jogos.

4.3.8 A Inteligência Naturalista

Este tipo de inteligência, segundo Gardner (2000), refere-se ao conhecimento sobre o mundo vivo, incluindo a classificação de diversas espécies, identificando-as e reconhecendo a existência de outras; relacionamentos com seres ou objetos, interação com espécies animais, sintonia com o mundo dos organismos, usando essas capacidades de maneira produtiva. Essa inteligência é encontrada em naturalistas, biólogos, botânicos, geógrafos, paisagistas, jardineiros. As habilidades manifestas por pessoas que a têm bem desenvolvida

de observar, classificar e categorizar, também podem ser aplicadas a objetos artificiais. Essa habilidade é exibida pelas crianças quando classificam pequenas coleções, como figuras de esportes, selos, moedas, de acordo com critérios por elas estabelecidos. O desenvolvimento desta inteligência independe da interação direta com o mundo natural, assim como da observação visual, sendo possível a utilização de todos os sentidos para a discriminação de elementos e conseqüentes estímulos.

Das características manifestas, de inteligência naturalista pelos indivíduos no ambiente dos Jogos Desportivos Coletivos, temos:

- Interesse pelo ciclo de transformações que o exercício dos jogos pode provocar no organismo;
- Observação do ambiente com interesse e curiosidade;
- Capacidade de entender as diferenças de desempenho nos exercícios entre os participantes das atividades;
- Busca do entendimento do funcionamento do organismo nas atividades de treinamentos e jogos;
- Percepção das relações de interdependência entre os participantes do sistema formado nos JDC.

Apontando para essa abordagem diferenciada de Inteligência, busca-se integrar essa visão às idéias desenvolvidas nas considerações sobre os Jogos Desportivos Coletivos, no enfoque sobre conhecimentos do Treinamento Infantil e possíveis conseqüências. Desta forma, estruturamos os pilares para a apresentação de uma proposta em Pedagogia do Esporte, que dentro do seu caráter evolucionário, procura buscar e otimizar a aprendizagem dos Jogos Desportivos Coletivos. Ampliam-se, assim, os limites da participação de quem joga e aprende, tendo como bases, exploração e estimulação das inteligências aqui apresentadas, de acordo com a Teoria das Inteligências Múltiplas.

CAPÍTULO 5

Estímulos das Inteligências Múltiplas: uma Proposta em Pedagogia do Esporte

Este quinto capítulo apresenta, em sintonia com os assuntos desenvolvidos anteriormente, mais dois elementos que definitivamente compõem a estrutura propositiva e facilitadora para o estímulo das Inteligências Múltiplas nos JDC. Esta proposta não é estática, pois ficará sujeita ao seu próprio desenvolvimento, na medida em que as sugestões, aqui apresentadas, estiverem sendo aplicadas e naturalmente ampliadas. Se a própria Teoria das Inteligências Múltiplas indica, dentro de seu conceito básico, para a resolução e criação de novos problemas, torna-se inata a possibilidade de multiplicar suas perspectivas.

5 Os elementos fundamentais

Os elementos fundamentais - que interagem constantemente, de forma a permitir conexões entre todos os seus elementos - dentro do quadro desta proposta se representam pelos:

- **Jogos Desportivos Coletivos** e seus componentes internos e externos, substrato para o desenvolvimento do
- **Ser Integral**, na ótica dos aspectos do Físico, Mental, Emocional, Social, Espiritual, que possui
- potencial biopsicológico das **Inteligências Múltiplas**, que
- podem ser estimuladas pelo **Agente Pedagógico**, norteado pelos
- **Pressupostos** estabelecidos para a facilitação dos estímulos às inteligências.

Com o objetivo de ampliar as possibilidades do processo de iniciação e formação esportiva, na referência aos seus aspectos de aprendizagem, compreensão e resolução de problemas presentes nos Jogos Desportivos Coletivos, estabelecemos parâmetros indicativos da formação de pressupostos norteadores para a tomada de novos olhares dirigidos à elaboração das práticas de treinamento e entendimento dos indivíduos que participam do processo. As pressuposições foram construídas de acordo com a Teoria das Inteligências

Múltiplas elaborada por Gardner (1994, 1995, 2000) e dos estudos desenvolvidos a partir desta Teoria, por Antunes (1998, 1999) e Campbell et al. (2000), pela visão sistêmica apresentada por Capra (1996) e dos estudos de aplicação da Teoria Geral dos Sistemas, presente nos Jogos Desportivos Coletivos, de Bota & Colibaba-Evulet (2001).

5.1 Pressupostos da Proposta em Pedagogia do Esporte com Base nos Estímulos das Inteligências Múltiplas

O processo de iniciação e formação esportiva é essencialmente educativo. As várias oportunidades que o jogo esportivo gera, pelos desafios característicos presentes, constituem-se em substrato de aprendizagem em diversos níveis, estando presentes manifestações de várias inteligências. As oportunidades são amplas e plurais para a atuação do agente pedagógico – técnico ou professor – em agir de forma a provocar transformações nas pessoas participantes do processo.

O Ambiente é responsável pelo estímulo das múltiplas inteligências. Partindo do ponto de perspectiva do indivíduo que possui o potencial de inteligência, e que joga, aprende e pode compreender, o Ambiente torna-se responsável pelo estímulo e desenvolvimento deste potencial biopsicológico, por meio das intervenções do agente pedagógico, dos desafios propostos em de dinâmicas, exercícios, jogos, competições. Compreende-se aqui a importância da qualidade dos estímulos, relacionados diretamente com a motivação que as práticas geram nos indivíduos que participam do processo. A presença da alegria na elaboração das atividades pode contribuir para a aceitação e assimilação dos estímulos gerados.

Compõem o Ambiente de aprendizagem: pais, professores, técnicos, companheiros, ambiente físico de atividades, e o conjunto de sistemas e subsistemas que daí se estabelecem. No sistema de que fazem parte, onde e

com quem atuam neste sistema, como direta ou indiretamente afetam e são afetados por ele, das relações possíveis geradoras de aprendizados e que se estabelecem no convívio gerado durante jogos e treinamentos, a atuação e inferência de professores e técnicos, a influência de pais e familiares se constituem no Ambiente do processo de iniciação e formação esportiva dos Jogos Desportivos Coletivos.

Todos possuem todas as inteligências. É de fundamental importância a percepção de que dons e talentos para determinadas habilidades não são simples presentes da natureza. Precisam ser estimulados, e cabe principalmente ao agente pedagógico, atuar de maneira a promover e desenvolver os potenciais no ambiente dos JDC. Muitas vezes, a compreensão da estrutura de determinado problema, pode ser mais facilmente acessada por um tipo de inteligência que diretamente não exibe uma relação direta com esta estrutura.

A compreensão e resolução de um mesmo problema podem se dar por inteligências diferentes, em indivíduos diferentes. Ao deparar-se com determinado problema a ser resolvido, ou produto a ser gerado, os indivíduos podem utilizar diferentes inteligências. Na tática esportiva, por exemplo, alguns podem resolver determinado problema utilizando-se da inteligência lógico-matemática, ao enxergar o problema com o raciocínio lógico. Outros podem utilizar a inteligência espacial, visualizando o problema espacialmente. Outros podem acionar a inteligência interpessoal, pedindo ajuda aos companheiros para solucionar o problema.

Em uma mesma estrutura de atividade, é possível provocar e estimular várias inteligências ao mesmo tempo. Várias inteligências podem atuar ao mesmo tempo, para resolver um problema ou elaborar produtos. Na participação em jogos, ou na explicação de determinada estratégia tática, por exemplo, as inteligências cinestésico corporal, espacial e lógico matemática caminham juntas, para solucionar os desafios constantes presentes nos jogos, na medida em que o

indivíduo se movimenta, se localiza, se orienta em relação ao espaço do campo de jogo e da localização dos companheiros, e busca organizar sua movimentação com base na lógica do jogo e da estratégia tática responsável pela organização da equipe.

O ambiente de iniciação e formação em Jogos Desportivos Coletivos é um sistema, funcionando como um todo na interação de suas partes. O indivíduo que joga e aprende, se relaciona com vários outros elementos no ambiente dos JDC. Ao elaborar e organizar atividades, a visão de sistema para o processo torna-se essencial, na medida em que a qualidade das relações que se criam, contribuem para o estabelecimento das analogias com os outros momentos de vida do indivíduo, na perspectiva de que ele não é uma parte isolada de uma engrenagem, mas suas atitudes e comportamentos afetam de alguma maneira o sistema, da mesma forma que o indivíduo é afetado pela manifestação das outras relações do mesmo sistema.

Os resultados alcançados dentro do ambiente dos Jogos Desportivos Coletivos, em qualquer nível, são determinados pela qualidade dos relacionamentos obtidos entre seus integrantes. Na visão sistêmica dos JDC, que é composto por habilidades abertas, a qualidade das relações que se estabelecem, neste sistema, sugerem interação constante entre seus componentes. O sucesso das ações e movimentações de uma equipe depende diretamente do grau de sintonia existente entre seus elementos.

A ação pedagógica transcende ao método. Combinando as variáveis presentes nas práticas que estimulam o desenvolvimento humano, guiar-se por métodos pode indicar para a ausência de flexibilidade na ação pedagógica. De acordo com os pressupostos apresentados anteriormente, pode criar um contexto inadequado do processo de aprendizagem e compreensão na iniciação e formação esportiva. Ao deparar-se com a Teoria das Inteligências Múltiplas, o agente pedagógico, antes de estimular e perceber nos seus atletas ou alunos, as

múltiplas possibilidades de inteligência, deve perceber, desenvolver, estimular e utilizar ele mesmo, as suas múltiplas inteligências. Pode estabelecer, assim, um outro nível de relacionamento pedagógico com os indivíduos, descobrindo vias de acesso diferentes para diferentes pessoas. Utilizamos as inteligências pessoais para desenvolver e assimilar a atuação deste pressuposto.

5.2 Estabelecendo Ambiente e Estímulos das Inteligências Múltiplas no processo de Iniciação e Formação Esportiva

As sugestões para o estímulo específico das Inteligências Múltiplas no ambiente de iniciação e formação esportiva, foram elaboradas de acordo com a fundamentação da Teoria das Inteligências Múltiplas em Gardner (1994), e a sua aplicação na educação formal, por Antunes (1998, 1999) e Campbell et al. (2000).

5.2.1 Inteligência Corporal Cinestésica

Estímulo – É evidente o constante estímulo que o processo de prática de esportes promove na inteligência cinestésico corporal. A proposta, de sugerir atividades que envolvem o desenvolvimento deste tipo de inteligência, tem a finalidade de buscar outros tipos de relacionamento que o indivíduo pode estabelecer com o ambiente das práticas e atividades do processo de iniciação e formação esportiva. Desta forma, outros estímulos podem ampliar as possibilidades não só de movimentos, como também de outras percepções que podem auxiliar no desempenho de outras inteligências. Ativar, de maneira constante, os cinco sentidos, na busca da interatividade para resolução de problemas, pode contribuir para que se amplie o número de opções possíveis para a resolução dos desafios propostos.

O aprimoramento do tato, no contato com o material de jogo, do olfato e do paladar, pode ser valorizado e estimulado na elaboração de atividades. O

aperfeiçoamento da inteligência corporal cinestésica permite a ampliação da relação da pessoa com o mundo, e dimensiona o convívio em bases mais amplas. Fundamentalmente, este tipo de inteligência representa a integração corpo e mente para a otimização do desempenho físico, sustentado pela condição de que é base do conhecimento humano, pois é, por meio de experiências de sensações e movimentos, que o indivíduo experimenta a vida.

Estabelecendo Ambiente e Atividades para o estímulo da Inteligência corporal cinestésica

- Elaborar e planejar as atividades – jogos e exercícios – de acordo com as proposições da caracterização de Fases (Hahn 1989; Greco, 1998; Weineck, 1999) e das Fases Sensíveis de treinamento (Grosser et al. 1989)
- Diversificar a aprendizagem da modalidade esportiva, por meio da introdução de elementos característicos de fundamentos de várias modalidades e criar constantes analogias e comparações entre eles;
- Introduzir a aprendizagem de habilidades motoras básicas de correr, saltar e lançar, como elementos fundamentais para dar suporte aos fundamentos e habilidades específicas de determinada modalidade;
- Estimular a aprendizagem da técnica e da tática de movimentos por meio de processos que envolvem todos os cinco sentidos, evidenciando e tornando conscientes as percepções e sensações de cada um dos sentidos nas atividades propostas;
- Elaborar atividades em que os indivíduos possam imitar os modelos preferidos de determinada modalidade, jogando como se fossem esses modelos. Orientar para a escolha de modelos que envolvam características de comportamento ou exibam valores humanos positivos e construtivos;

- Desempenhar os papéis dos adversários, em jogadas específicas e características;
- Identificar situações que indicam algum tipo de sensação física que traga impedimento ao prazer de jogar. Identificar no corpo onde se localiza;
- Identificar situações que indicam algum tipo de sentimento físico que traga a sensação de prazer de jogar. Identificar no corpo onde se localiza;
- Propor atividades com objetos que exigem atenção e movimentos de precisão para seu manuseio, após as atividades desgastantes;
- Elaborar atividades com estímulos musicais, adaptando a execução de movimentos com ritmos diferenciados de música;
- Explorar o espaço de atividades, por meio de movimentos possíveis da modalidade, buscando vivenciar a noção de pequeno e amplo, o alto e baixo;
- Desenvolver a aprendizagem de fundamentos através de atividades rítmicas em sintonia com a música.

5.2.2 Inteligência Verbal Lingüística

A inteligência verbal lingüística representa ferramenta essencial para o relacionamento do homem com o mundo moderno. No ambiente dos Jogos Desportivos Coletivos, a linguagem constitui importante elemento para a comunicação, desde a atuação pedagógica nas atividades de iniciação e formação esportiva até a comunicação durante jogos, tanto dentro do campo de jogo como fora dele.

A comunicação verbal tem importância fundamental pelas características de organização constante que os JDC exigem, na elaboração e organização de jogadas, no exercício da liderança, na busca de soluções coletivas para situações problema, no constante exercício pedagógico do técnico ou professor com o outro componente essencial deste subsistema, o indivíduo que aprende.

Como é de conhecimento geral, nem todos os atletas, que se manifestam pelos meios de comunicação, fazem o melhor uso da linguagem, para descrever jogadas sensacionais, relatar experiências que servem de modelos para os iniciantes, emitir opinião pessoal a respeito de assuntos relevantes à comunidade. Demonstrem, por muitas vezes conhecimento restrito de vocabulário, uso indevido da gramática, dificuldade em concluir pensamentos ou expressar idéias.

Ao falarmos em especialização precoce, podemos localizar ambientes que foram preenchidos com considerável nível de estímulos em outras áreas específicas. Dentro da proposta, indicamos o ambiente dos JDC para o estímulo da inteligência verbal-lingüística.

Estímulo – Ambiente motivado pelo desafio das palavras e por múltiplas conversações, com a utilização dos diversos meios de manifestação e assimilação da linguagem, como ouvir, falar, ler e escrever.

Estabelecendo ambiente e atividades para o estímulo da Inteligência Verbal Lingüística

Escutando para aprender

- Selecionar histórias com conteúdo relacionado a esportes e contar os fatos relacionados ao momento atual do esporte, em dinâmicas que otimizem a interação do grupo, permitindo a participação em torno da proposição de um tema comum. Nas dinâmicas, permitir a participação de todos (professores, treinadores, atletas) como contadores de histórias, estimulando a interpretação e exposição de compreensão dos textos lidos. Promover debates a partir dos relatos das histórias;
- Utilizar-se de aulas expositivas, no tratamento de assuntos novos, relativos às questões de novas aprendizagens, enriquecendo as apresentações didáticas com material áudio-visual;

Falar

- Contar histórias da vida esportiva dos indivíduos ou de fatos que os tenham marcado de forma positiva, com interpretação, transmitindo sensações de sons, imagens, emoções presentes nos fatos relatados, explorando todos os cinco sentidos, a fim de estimular a percepção diversificada e o vocabulário relativo ao tema específico;
- Organizar discussões e debates em ambiente de treinamento, a respeito de assuntos contextualizados no ambiente de iniciação e formação esportiva, ou relativas a um tema referente à faixa etária, estimulando a participação de todos. Ao professor, ou treinador, cabe explicar aos participantes, o propósito da discussão, sustentá-la, mantê-la sob controle, concluir e analisar a discussão;
- Elaborar relatórios de exercícios executados nas práticas, descrições das movimentações diversas dentro de uma estratégia tática, da aplicação de determinada técnica aprendida e situações de jogo. No caso de equipes de competição, relatórios de viagens de jogos podem ser elaborados, contendo distâncias percorridas, tempo de viagem, descrição da paisagem, agricultura observada pelos caminhos, cidades que constavam do roteiro, características das cidades visitadas. Relatar oralmente o trabalho executado para o grupo;
- Estimular a descrição das técnicas e táticas aprendidas e executadas nas práticas, permitindo a utilização de diversos materiais para descrever gestos e movimentações;
- Realizar entrevistas com pessoas significativas para o grupo, incluindo atletas, dirigentes, profissionais da área médica esportiva, tratando de assuntos de interesse específico do grupo.

Ler

- Promover a formação de uma Biblioteca Esportiva, envolvendo os pais na doação do material, como livros, jornais, revistas;
- Criar grupo de leitura e promover reuniões para leitura de textos escolhidos, seguidos de debates relativos ao tema;
- Em um quadro exposto, afixar periodicamente informações relativas aos temas desenvolvidos em treinamento, desde os fundamentos e sua explicação técnica, até os fundamentos biológicos do treinamento, em linguagem acessível e compatível com os conhecimentos desenvolvidos na educação formal. Exibir no quadro o programa de atividades, de forma clara e acessível à linguagem dominada pelo grupo. Incentivar o grupo a tomar conhecimento das atividades que serão executadas;
- Entrar em sintonia com os assuntos que motivam os indivíduos à leitura. Incentivar a leitura de outros temas construtivos e relevantes para o ambiente de aprendizagem esportiva, a critério do técnico ou professor.

Escrever

- Incentivar a escrita de histórias relativas aos acontecimentos, fatos e pessoas pertencentes ao ambiente de aprendizagem esportiva;
- Promover a criação de pequenos jornais informativos da equipe ou grupo de iniciação e formação esportiva;
- Estimular o indivíduo a escrever durante explicações nas aulas expositivas de técnicas e táticas;
- verdadeiro trabalho da escrita;
- Escrever cooperativamente com os companheiros, tendo como referencial, temas escolhidos pelo técnico ou professor;

- Incentivar a elaboração de um diário de treinamento, com a descrição das atividades executadas, desempenho e empenho pessoal, exercícios que motivam, exercícios que exigem maior empenho mental, desafios vencidos, registro das avaliações técnicas e físicas, opiniões a respeito do desempenho nestes itens, como e, o que, pode fazer para melhorar a participação nas atividades.

5.2.3 Inteligência Lógico-Matemática

Estímulo – No processo de iniciação e formação esportiva, o estímulo a essa inteligência pode se dar de diversas formas, de modo a construir estrutura de pensamento lógico presente nos Jogos Desportivos Coletivos. Os sistemas táticos que se formam nos treinamentos e jogos, como também a busca da compreensão de meios e métodos de treinamento que se utilizam para o desenvolvimento humano por meio da participação nos JDC, pode inicialmente, provocar repostas estimuladoras a esse tipo de pensamento. Decorre daí, a facilitação da assimilação dos estímulos de treinamento, possibilitando maior adaptação e interesse ao ambiente das práticas.

O constante exercício de buscar a lógica das coisas, ou descobrir que determinados enunciados “não apresentam qualquer lógica”, constituem operações mentais estimuladoras dessa competência, como também as constituem, os exercícios pedagógicos de trabalhar outros tipos de habilidades, que sugerimos a seguir.

Estabelecendo ambiente e atividades para o estímulo da Inteligência Lógico-Matemática

Validando Cadeias de Raciocínio

- Elementos da Lógica, por meio do raciocínio dedutivo. Como exemplo, ao propor uma regra geral e tentar provar que os dados são consistentes com a generalização. A própria aplicação de regras e regulamento nos esportes traduz esse tipo de raciocínio na ação e participação em jogos e treinamentos, como na regra do basquetebol, que obriga a batida da bola no chão a cada passo que se dá, tendo a posse de bola. Desrespeitando essa regra, acontece a inversão da posse de bola para o adversário, sendo esse tipo de consequência previsível, ou seja, sofrendo aquele que desrespeita a regra, a punição.
- Elementos da Lógica, pelo raciocínio indutivo, a partir de fatos particulares para uma conclusão geral. Trata-se, por exemplo, da elaboração de determinada estratégia tática de defesa em função de utilização de sistema ofensivo específico pelo adversário. Ao mudar-se a tática ofensiva, muda-se a estratégia defensiva, estabelecendo analogias. Exemplificando, tal sistema de defesa está para tal sistema de ataque, assim como “a chave está para a fechadura”.

Processos de Raciocínio Matemático

- Perceber a Padronização, por meio da observação e da resolução de problemas que envolvem padrões, como na estrutura de uma jogada ou estratégia, na execução de determinada técnica diante de situações-problema específicas, na elaboração de sistemas gerais de jogo, fundamentados em conceitos pré-estabelecidos,

na composição específica de equipes, quanto à escolha de determinados jogadores, segundo estatura, para determinadas posições (preferência pela estatura elevada dos goleiros no futebol, pivôs no basquetebol e jogadores de centro de rede no voleibol);

- Demonstração de formações táticas por meio do desenho de formas geométricas, com seqüência de movimentações e as possíveis figuras que dali se constroem;
- Observar padrões nos dados coletados em Estatísticas, como no desempenho da equipe em determinados períodos de jogo, onde ocorre maior ou menor índice de acerto e erro, em que situação específica o indivíduo se sente motivado, ou em qual momento ou situação emocional específica é comum a fadiga. Observar, também, os padrões táticos de outras equipes, como as posições que são responsáveis pelas de finalizações, as posições que exigem ou apresentam mais velocidade, mais resistência, por exemplo;
- Formular Códigos para: nomear jogadas a serem executadas, demonstrar movimentações em diagramas, utilizar codificação em treinamento para que equipes que se contrapõem possam decifrar os códigos dos oponentes, valendo pontuações, comunicação interna da equipe, além da nomeação de jogadas e estratégias de defesa e ataque;
- Utilizar Gráficos para otimizar compreensão de determinadas informações, como as comparações em avaliações diversas, de presença nos treinamentos, de desempenho em determinado fundamento durante treinamentos ou jogos, da evolução em situações que se deseja explorar.

Trabalhando com Números

- Demonstrar o cálculo de Médias e Porcentagens, por meio dos dados de estatísticas feitas em ambiente de treinamento e jogos, e propor a elaboração destas atividades pelos indivíduos para práticas posteriores;
- Estimular os cálculos durante os treinamentos, em pequenos jogos que estimulem respostas rápidas com a realização de cálculos matemáticos, compatíveis com o conhecimento de grupo;
- Elaborar tarefas com a confecção de gráficos, de diversos tipos, de dados diversos coletados nas análises estatísticas;
- Apresentar, de forma diversificada e possivelmente historiada, as medidas utilizadas em avaliações físicas, comparando com o desempenho em outras modalidades esportivas. Como exemplo, a distância atingida em determinado tipo de salto, tempo utilizado para percorrer determinado percurso, deslocamento de um ponto a outro e a utilização da relação espaço e tempo para cálculo de velocidade;
- Efetuar Cálculos de velocidade de deslocamento no campo de jogo, tanto da bola como dos indivíduos, podendo-se fazer analogias do desempenho obtido com animais e fenômenos da natureza;
- Questionar, a respeito da Probabilidade de um evento, como uma jogada e a intervenção de um atleta acontecer, ser bem sucedida ou não;
- Evidenciar a utilização da Geometria, na exemplificação das figuras táticas que se formam nas movimentações de defesa ou ataque, estabelecendo similaridade constante;
- Seqüenciação de atividades, justificando com fundamentação teórica acessível em nível de conhecimento do grupo, pelas

diversas Ciências, como a Biologia, a Física, a Matemática, a Psicologia.

Temas matemáticos presentes nos JDC

- Análise estatística de jogos e treinamentos, discussão de número de ações possíveis em finais de jogos, tendo como referencial o tempo restante para o término do jogo;
- Probabilidade de tentativas bem sucedidas da ofensiva e defensiva, para reverter placar desfavorável, em função do tempo restante;
- Contagens diversificadas de ações de finalização em treinamentos, validando cada ação de acordo com o julgamento, pelos indivíduos, da importância para os valores desenvolvidos nas práticas, em relação aos sistemas de ataque e defesa, como cooperação, empenho, relação favorável de ataque contra defesa no jogo de transição;
- Comparação de estatísticas entre várias equipes, e conseqüente análise de estilo de jogo, de acordo com os dados obtidos.

5.2.4 Inteligência Espacial

Estímulo – Interatividade ao contar Histórias, permitindo ao indivíduo criar situações e condução do processo pelo professor ou técnico. Estimular a análise de fatos, ou mesmo de histórias, sob vários pontos e ângulos diferenciados, assumindo, o indivíduo, diversas posições de observador. Visualizar, espacialmente, diversas figuras e formas e transmiti-las por desenho em papel, também como navegar pelo imaginário, antecipando desfechos para jogos em

vídeo, lances e movimentações possíveis em seqüências posteriores de jogos diversos podem se constituir em estímulos para este tipo de inteligência.

De forma genérica, a inteligência espacial pode ser estimulada com atividades onde seja importante utilizar-se da capacidade de perceber formas e objetos de diferentes ângulos, de perceber e administrar a idéia de espaço, elaborar e utilizar mapas, plantas e outras formas de representação, de identificar e de se localizar no mundo visual com precisão, de efetuar transformações sobre as percepções, imaginar movimento ou deslocamento interno entre as partes de uma configuração e ser capaz de recriar aspectos da experiência visual, mesmo sem estímulos físicos relevantes.

Estabelecendo Ambiente e Atividades para o Estímulo da Inteligência Espacial

Instrumentos Visuais

- Dispor de forma adequada, pelas pessoas que participam das atividades, os instrumentos para a realização das tarefas propostas, de forma a permitir a concentração nos exercícios e evitar a desordem e conseqüente distração pela má disposição dos instrumentos;
- Elaborar atividades em que os participantes possam executar movimentos de olhos vendados, como exercícios que permitam, com a utilização dos sentidos, obter informações a respeito de localização do grupo e do indivíduo no exercício, estimulando vários sentidos para resolver os problemas.

Espaços Visuais

- Organizar espaços visuais, como quadros, murais, para a exposição de mensagens, fotos e outros elementos visuais;

- Organizar, com material produzido pelo grupo de trabalho, murais com fotos ou mensagens relativas a personagens significativos para o esporte e a modalidade.

Estímulos Periféricos

- Exibir, no ambiente das práticas, por meio de fotos ampliadas e representações gráficas, a tática e a técnica a serem desenvolvidas e que possam reforçar os tópicos aprendidos;
- Modificar periodicamente esses estímulos periféricos, trazendo as representações visuais sob outros ângulos visuais e perspectivas diferenciadas.

Mudança da perspectiva por meio da variação de lugares

- Promover constantes trocas dos locais onde se realizam as conversas e explicações a respeito de assuntos referentes às práticas com o grupo, da mesma forma promover alternâncias de possíveis disposições dos indivíduos que participam, mudando as perspectivas visuais do grupo;
- Permitir a interação entre elementos variados nos exercícios propostos;
- Promover diferentes formações para reuniões em grupo, desde a posição do técnico e indivíduo, até a disposição física do grupo no ambiente de práticas.

Representação Gráfica

- Elaborar resumos visuais das atividades desenvolvidas no processo iniciação e formação esportiva, evidenciando temas

fundamentais e temas derivados que apóiam o desenvolvimento do eixo principal;

- Utilizar quadros gerais para exposição e registro dos temas desenvolvidos, registro de progressos atingidos pelo grupo de trabalho na aprendizagem e desenvolvimento de técnicas e movimentações táticas, dos passos a serem dados e objetivos que o grupo deseja atingir dentro do processo, permitindo constantes reavaliações dos procedimentos utilizados.

Visualização

- Visualizar, mentalmente, o ambiente das práticas, de forma a explorar as diversas possibilidades de ação, mediante uma situação inicialmente proposta. Estimular a visualização de movimentações do próprio indivíduo, dos companheiros, da equipe adversária, sob ângulos e perspectivas diversas, desde a posição do indivíduo, realizando os movimentos, até a perspectiva em que o indivíduo se vê, realizando os exercícios de um outro ângulo, como observador das movimentações;
- Estimular, pela visualização de imagens no campo de jogo, a assimilação de novos movimentos aprendidos e sua aplicação em jogos, de forma construtiva e provocando a criação de várias opções para utilização daquilo que foi aprendido, construindo imagens mentais compostas de ambientes coloridos, dinâmicos e construtivos;
- Associar, a imagens mentais construídas, os diversos elementos de aprendizagem, como figuras táticas, técnicas de movimentos, perguntando: “isto se parece com o quê?”.

Diversidade visual do material de aprendizagem

- Utilizar material de treinamento com diversidade de cores, dando significados e objetivos diferentes para cada uma delas, de acordo com os exercícios propostos;
- Variar as formas de apresentação do material de trabalho, incentivando atividades de elaboração pelo grupo de trabalho do material proposto, desde o equipamento específico de jogo, até acessórios de treinamento, de acordo com as regras da modalidade ou criadas pelo grupo.

A Arquitetura e o Jogo

- Buscar a visualização no cotidiano de estruturas ao acaso, que possam conter elementos comuns ao ambiente de esportes, como bola, tabelas de basquetebol, baliza do futebol, os próprios campos de jogo das diversas modalidades de JDC e as similaridades com formas geométricas que as demarcações de linhas dos campos de jogos compõem;
- Reorganizar o ambiente de treinamento, como se fosse uma cidade, elaborando padrões de tráfego em exercícios, onde os equipamentos são colocados de acordo com um projeto pré-estabelecido. Criar analogias às formas de administração, com atenção para o armazenamento, manutenção e recuperação do material de trabalho.

As Artes Visuais

- Montar seqüências de movimentações de jogo entre os participantes, com movimento inicial proposto pelo professor ou técnico, a partir de possibilidades táticas trabalhadas em momentos anteriores. Exemplificando, quando um indivíduo

sugere, em diagrama, um movimento de desequilíbrio em ataque, outro indivíduo, de uma suposta equipe adversária, sugere a movimentação seguinte de defesa, na busca da auto-organização constante do sistema, como em um jogo de xadrez. É razoável realizar esse exercício como forma de estudo de movimentações possíveis para movimentações posteriores, em visualizações de possibilidades de jogadas e a conseqüente condução para os objetivos de finalização. É, ainda, possível estabelecer atividades onde todos os participantes tenham condições de interagir no exercício, de forma organizada e com a intenção de estimular a importância da constante participação coletiva de todos, na aplicação dos sistemas defensivos e ofensivos, apontando para as possibilidades de desenhos táticos diversos e da sua conseqüente análise pelos elementos do grupo, em ritmo diferente ao ritmo do jogo.

- Organizar atividades para elaboração, com material de artes diversificado, de sessões de desenhos que representam movimentos relativos ao esporte, partindo da simples cópia de fotos até a elaboração de desenhos que têm, como modelos, imagens mentais lembradas de outros atletas, ou construídas, de acordo com os motivos de cada indivíduo.

5.2.5 Inteligência Musical

Estímulo – Desde cedo, sua competência se manifesta pela facilidade em identificar sons diferentes, perceber alternância em sua intensidade. Especificamente na música, a inteligência percebe com clareza o tom ou a melodia, o ritmo ou a freqüência e o agrupamento dos sons e suas características particulares.

Estabelecendo ambiente e atividades para o estímulo da Inteligência Musical

- Introduzir no ambiente de treinamento, por meio de execução de músicas específicas e diversificados estilos musicais para determinadas atividades a serem executadas durante as práticas;
- Reconhecer que tipos de sentimentos e emoções determinadas músicas e estilos musicais despertam e a similaridade entre ritmos musicais e intensidade dos exercícios executados;
- Reconhecer e executar dentro de determinados padrões musicais, ritmos diferenciados de jogo;
- Escolher, com o grupo, as músicas que podem ser executadas em determinados exercícios durante as atividades, buscando similaridade entre os sentimentos que a música desperta com os objetivos do exercício proposto;
- Utilizar a música para a preparação das atividades, buscando sons que motivem aos estados desejados;
- Associar estilos musicais ou músicas específicas com objetivos de treinamento e aos conceitos fundamentais das práticas e sistemas;
- Propor ao grupo o estabelecimento de analogias de músicas ou estilos musicais aos elementos de técnica e tática desenvolvidos nas atividades, criando referências dos movimentos específicos do esporte com as músicas escolhidas;
- Disponibilizar a possibilidade de associar a música às necessidades internas, criando a opção de o indivíduo utilizar-se da música para otimizar sua aprendizagem;
- Utilizar os equipamentos de trabalho para produzir ritmos e sons diferenciados;
- Alternar ritmo de execução de exercícios, de acordo com estímulo musical de fundo;

- Utilizar ritmos musicais diferenciados para criar analogias entre intensidade física, ritmo e emoções que são identificadas em determinadas situações que envolvem estes elementos;
- Utilizar o ritmo musical para estabelecer e desenvolver o ritmo na execução de movimentos;

5.2.6 Inteligência Interpessoal

Estímulo - O estímulo pode se dar pelas atividades de sensibilização, jogos em que o comando se abre para que os participantes coloquem suas impressões e, desta forma, possam construir hierarquia de valores pessoais, com a preocupação de promover a compreensão que se pode ter do outro. A inteligência interpessoal baseia-se na capacidade de perceber distinções nos outros, no que se refere aos estados de ânimo, motivações, intenções e temperamentos. Na sua estimulação, estão as estratégias que levam as pessoas a externar suas impressões e, coletivamente, construir uma hierarquia de valores pessoais.

A utilização dos Jogos Cooperativos (Brotto, 1999) como meio para desenvolver procedimentos pedagógicos e estimular a inteligência interpessoal, permite a direta aplicação de conceitos fundamentais referentes à prática de jogos sustentados pelo relacionamento interpessoal, e são apontados, aqui, como sugestão para elaboração de práticas.

Estabelecendo Ambiente e Atividades para o Estímulo da Inteligência Interpessoal

Ambiente Interpessoal Positivo

- Estabelecer sentido de comunidade ao grupo de trabalho, ao distribuir funções para a operacionalização das atividades entre todos os participantes, indistintamente.

Formando Grupos

- Promover ambiente de interação extensiva e positiva entre os indivíduos do grupo;
- Estabelecer regras norteadoras e códigos de condutas, baseados nos valores humanos;
- Elaborar atividades de aprendizagem cooperativa de gestos técnicos e estratégias da tática, em processos interdependentes que solicitem a participação de todos, permitindo a quem, de alguma forma desenvolveu percepções diferenciadas a respeito de determinado exercício, possa compartilhar e transmitir, de maneira elaborada pelo técnico ou professor, a um ou vários companheiros;
- Determinar pequenas tarefas para pequenos grupos, distribuindo funções de liderança, permitindo que todos, em algum momento, sejam líderes e coordenem a execução das tarefas, de forma a privilegiar o líder que serve ao grupo;
- Valorizar as atividades onde todos possam oferecer algo em função dos objetivos desejados ao desempenho do grupo;
- Nas tarefas que exigem liderança, reconhecer e validar o desempenho dos grupos que buscam cumprir os objetivos das tarefas determinadas, tendo como princípio que a atitude de um membro do grupo, ou seu líder, pode determinar o resultado final obtido pelo grupo todo, ou seja, de como uma atitude pode afetar o ambiente em que se atua;
- Permitir que em momentos específicos do processo, os próprios indivíduos escolham as atividades que desejam executar, tendo como critérios alegria e prazer em participar das atividades escolhidas;

- Elaborar atividades em que o sucesso do grupo dependa diretamente da combinação do desempenho de todos os participantes da prática, tendo algum referencial de reconhecimento do resultado obtido;
- Buscar, nas atividades, a compreensão do indivíduo de que ele faz parte de um todo maior;
- Eleger nos exercícios, objetivos comuns ao grupo;
- Buscar, nas atividades, ganhos indiretos, como a melhoria de relacionamentos entre os integrantes do ambiente dos JDC, ou seja, companheiros, técnicos e professores, árbitros e com os jogadores da outra equipe.
- Resolver possíveis conflitos, tendo como referenciais opções de solução encontradas pelo grupo e que estejam de acordo com os valores humanos desenvolvidos durante o processo de iniciação esportiva.
- Elaborar atividades externas ao processo de iniciação, com o propósito de levar elementos desenvolvidos a pessoas de outras comunidades e desenvolver ali, práticas comuns, permitindo a convivência com indivíduos de outras localidades, mas que partilham de noções de cidadania de uma comunidade maior;
- Buscar a compreensão e resolução de problemas sob pontos de vista diferentes, permitindo que diante de uma questão a ser resolvida, externa ou interna ao ambiente do grupo, as diversas perspectivas sejam levantadas, validadas e avaliadas pelos integrantes do grupo de trabalho;
- Representação dos acontecimentos atuais a partir de pontos de vista diferentes.

5.2.7 Inteligência Intrapessoal

Estímulo – Estabelecer um ambiente para nutrir a percepção de identidade é fundamental para estimular o desenvolvimento da inteligência intrapessoal. Assim, reconhecer as características do ambiente das equipes que alimentam a auto-estima em quem aprende a jogar. Criando atmosfera afetiva e protetora, utilizando procedimentos democráticos, alimentando a dignidade humana e promovendo a diversidade cultural, os grupos de aprendizagem esportiva podem ajudar os indivíduos a serem bem-vindos e aceitos. A auto-estima torna-se importante, na medida em que os indivíduos acreditam em si mesmos e, em suas capacidades. As características apontam para o reconhecimento de que todos podem aprender, do propósito comum de tornar a aprendizagem em esportes, positiva, importante e significativa, os indivíduos são agrupados indiscriminadamente, e existe a transferência para o aspecto social do que se aprende, ao valorizar a atuação do cidadão, e não somente do futuro atleta.

Na criação do ambiente para estimular a inteligência intrapessoal, valorizar o ser humano em todo momento, validando os acertos e dando novos significados aos resultados indesejados.

Estabelecendo Ambiente e Atividades para o Estímulo da Inteligência Intrapessoal

Estímulos da auto-estima

- Organizar círculo de elogios, dispondo os indivíduos de tal forma que um membro do grupo receba elogios a respeito de qualidades que possui e que são dispostas ao grupo durante as atividades. Buscar elogios diferentes e que não se repitam;
- Reportar-se, constantemente, aos indivíduos de forma a reconhecer individualmente o esforço e empenho durante as

práticas, retornando subjetivamente as avaliações empíricas realizadas durante o processo de aprendizagem esportiva;

- Estimular o envolvimento contínuo do indivíduo no processo por meio do estímulo à sua participação efetiva, validando em retornos de avaliação de maneira individual e particular, com elogios autênticos, sinceros, adequados e descritivos das tarefas executadas;
- Criar rede de apoio entre os colegas de grupo, destacando líderes para ajudar no processo das práticas, comandadas pelos professores ou técnicos, especialmente quando existe diferença de idade entre os integrantes do grupo. Os mais velhos podem ajudar os mais novos, criando monitorias dentro do ambiente de aprendizagem;
- Validar a presença em ambiente de treinamento, reconhecendo a presença do indivíduo, verbalmente, de maneira a fazer com que ele sinta que é importante para o desenvolvimento das práticas do grupo, como um todo;
- Valorizar o empenho dos indivíduos em realizar as atividades propostas;
- Envolver os indivíduos na elaboração de regulamentos e regras do ambiente de aprendizagem;
- Estimular os indivíduos a identificarem qualidades, tanto no aspecto do desenvolvimento esportivo, quanto em qualidades pessoais de comportamentos e valores;
- Reconhecer, constantemente, as contribuições com diversos tipos de atitudes demonstradas pelos indivíduos durante as práticas;
- Resignificar os insucessos no desempenho esportivo, buscando a compreensão dos indivíduos de que esses resultados fazem parte do processo de formação esportiva;
- Indicar, tendo como referenciais resultados anteriores, para avaliações de atitudes e comportamentos, bases importantes

para que se identifiquem diferentes modos de procedimento para o futuro, ou seja, aprender com erros;

- Estabelecer objetivos segundo os critérios do que se deseja: ser o mais específico possível, real possibilidade de atingi-lo, passos para agir em direção ao objetivo, voltados para o curto prazo, na perspectiva de que se possa atingir objetivo maior no longo prazo;
- Estabelecer, com os indivíduos, objetivos que sejam motivadores e estimulantes para o grupo, nas diversas atividades estabelecidas durante o processo de aprendizagem.

Habilidades de raciocínio

- Expor aos indivíduos, as formas de raciocínio e desenvolvimento contínuo de habilidades de pensamentos voltados para a curiosidade e formação intelectual, estabelecimento de objetivos e resolução de problemas, com a finalidade de estimular comportamentos semelhantes nos indivíduos do grupo.

As Emoções na Prática Esportiva

- Vincular e envolver os sentimentos construtivos e positivos nas atividades propostas, reconhecendo a variedade dos sentimentos dos indivíduos, oferecendo espaço para as manifestações emocionais, e do conseqüente apoio ao comportamento emocional;
- Identificar por meio de verbalizações, as diversas emoções manifestadas pelos indivíduos durante as práticas, em relação à execução de determinado exercício ou participação em jogos, antes, durante, e depois dos eventos;

- Identificar as maneiras com que os indivíduos reagem ao conteúdo desenvolvido e também quanto à maneira com que é ensinado;
- Demonstrar com exemplos em textos e revistas, jornais, imagens em vídeo, que o ambiente de prática de esportes comporta a dimensão da experiência humana em manifestar emoções durante sua prática;
- Permitir a análise da manifestação de emoções das pessoas e da maneira como afetam outras pessoas que fazem parte do ambiente, pela identificação das expressões que envolvem essas emoções.

Educação para os Valores Humanos

- Elaborar em dinâmica de grupo, uma lista dos ideais importantes para a vida de cada membro do grupo, identificando-os como valores. A partir daí, buscar definições para eles e exemplos de pessoas que os manifestem e de como esses valores se expressam no ambiente de esportes;
- Identificar nos indivíduos quais os valores que possuem e quais desejam desenvolver, com a ajuda dos companheiros, do técnico ou professor;
- Destacar a importância da integração dos sistemas de valores do indivíduo com os sistemas de valores dos outros componentes do grupo.
- Sugerir o uso de um diário de atividades e práticas, de uso particular do indivíduo;
- Indicar para o estabelecimento de objetivos a curto e longo prazo;
- Orientar para escrever a respeito das sensações e emoções vivenciadas nas atividades, das percepções sobre si mesmo, dos progressos individuais no campo do físico, da técnica e da tática,

da sintonia e harmonia com os outros membros do grupo, com o professor ou técnico.

- Promover dinâmicas em que membros do grupo possam compartilhar informações a respeito de seus objetivos pessoais e percepções sobre si mesmo, evidenciando qualidades positivas e que possam ser validadas para o funcionamento das atividades do grupo.

5.2.8 Inteligência Naturalista

Estímulo – Desenvolvimento de jogos para aguçar a curiosidade da criança em relação à Natureza, de forma a interagir com seus elementos. De outra forma, associar conceitos da Física às manifestações destes mesmos fenômenos, como a lei da gravidade, inércia e outros mais.

Estabelecendo Ambiente e Atividades para o Estímulo da Inteligência Naturalista

- Explorar o interior e o exterior do ambiente de práticas, desde as estruturas maiores até os menores materiais e equipamentos que o compõem, e sua relação de tamanho, localização com os outros ambientes maiores em que estão inseridos;
- Relacionar, durante pequenas reuniões, as disciplinas acadêmicas que são responsáveis ou têm inferência de algum tipo na organização das práticas, em todo seu complexo de ambientes que formam sistemas;
- Organizar aulas a respeito de Saúde, e em linguagem acessível e adequada ao nível de conhecimento do grupo, integrar ao tema inicial os aspectos de conhecimentos relativos à prática de esportes, com noções básicas do funcionamento do organismo durante as práticas esportivas;

- Comparar, por meio de metáforas, o desempenho e demonstração de habilidades motoras com os gestos e movimentos de animais;
- Associar, metaforicamente, a construção do processo de iniciação e formação esportiva, com o crescimento de uma planta, que pode fazer parte do ambiente de atividades. Tornar o grupo responsável pelos cuidados e manutenção da planta, criando similaridades entre o excesso e falta de água, excesso e falta de luz do sol, excesso e falta de plantas no ambiente, com excesso e falta de atividades de diversos tipos para o indivíduo;
- Estabelecer relacionamento entre o crescimento da planta, a partir de sua semente, e o desenvolvimento e progresso das atividades práticas na iniciação e formação esportiva;
- Estimular o pensamento a respeito do equilíbrio de um sistema, utilizando-se dos cuidados com a planta, nas possíveis atenções excessivas com aspectos determinados da planta, em analogia com a necessidade de equilíbrio do sistema, ou seja, do equilíbrio nas atividades genéricas do indivíduo;
- Organizar jogos, em ambientes internos e externos das práticas para fazer observação às cegas, com olhos vendados, permitindo aos indivíduos discutirem as observações feitas, explorando os sentidos de audição, tato, olfato e paladar;
- Observar mais intensamente o ambiente interno das práticas;
- Descrever as características do que foi observado utilizando-se dos vários sentidos.

Em resumo, é possível representar esquematicamente o ambiente que se estabelece tendo em vista o relacionamento entre o agente pedagógico, o indivíduo, os Jogos Desportivos Coletivos e o estímulo das Inteligências Múltiplas como se observa na Figura 5:

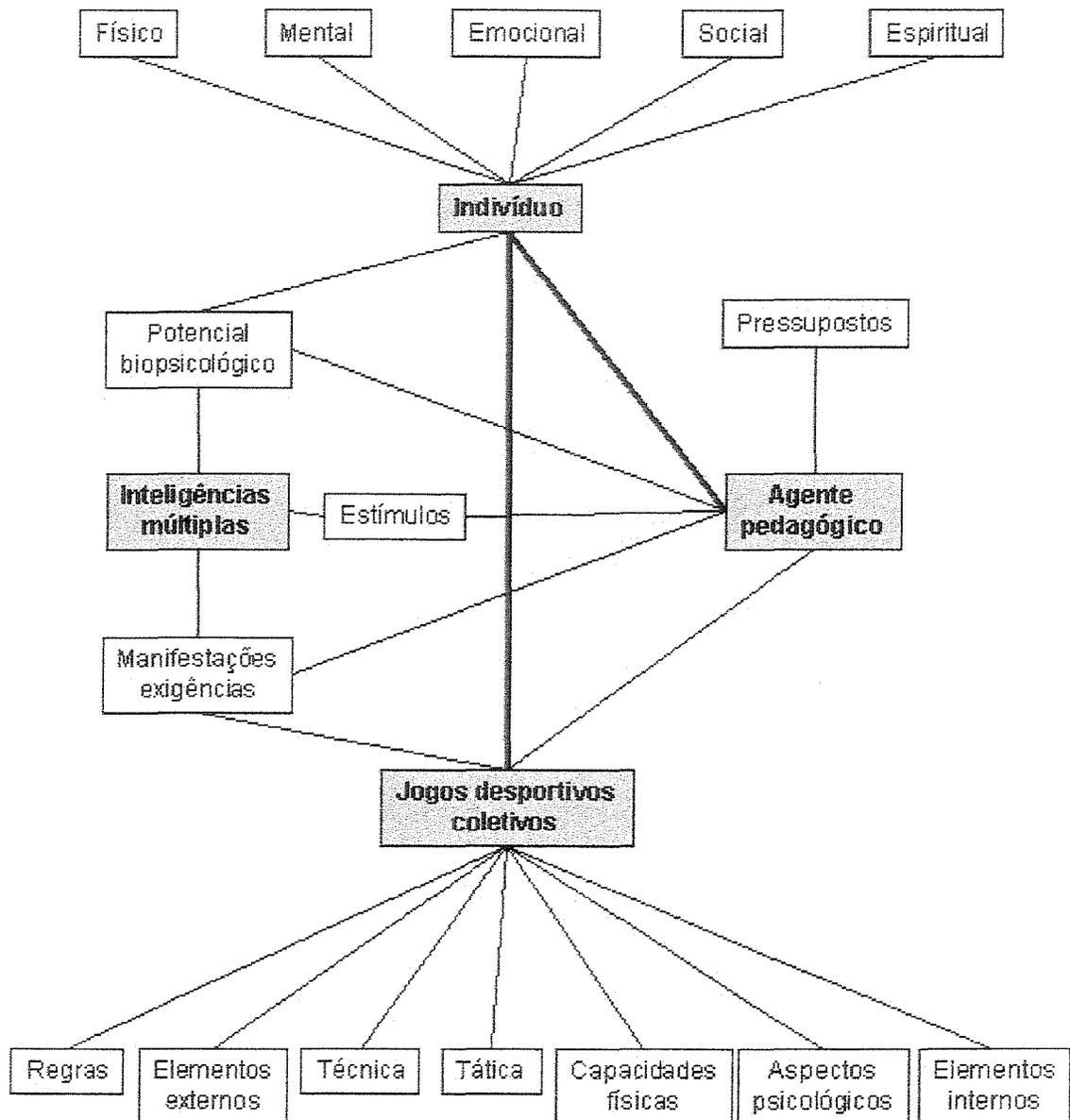


FIGURA 5 - Representação esquemática do ambiente pedagógico estabelecido nos JDC, tendo como base o estímulo das Inteligências Múltiplas

5.3 Abrindo Novos Caminhos para o Futuro

Certamente, pela característica de juventude que a Teoria das Inteligências Múltiplas possui (foi apresentada em 1983), alguns aspectos da proposta se constituem em novas possibilidades, necessitando de constante exercício de aplicação das sugestões que foram aqui colocadas. Também é possível, e provável, que grande parte dessas sugestões já estejam sendo aplicadas por muitos técnicos e professores, porém de maneira a privilegiar abordagens específicas em determinadas inteligências. Podemos trabalhar com todas elas, indicando para graus de flexibilidade em enfrentar desafios e capacidade de adaptação a problemas, gerados em ambientes esportivos, cada vez mais amplos e diversificados.

A proposta aborda o enfoque sobre as múltiplas capacidades e habilidades que as pessoas possuem, e de sua competência em resolver problemas perante os estímulos que o ambiente dos Jogos Desportivos apresenta, com a facilitação do agente pedagógico. E de forma científica, fundamentar conceitualmente as possibilidades de estímulo, com base na Teoria das Inteligências Múltiplas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Jogos Desportivos Coletivos constituem-se em ambiente repleto de possibilidades de desenvolvimento, sob vários aspectos. Desde o físico, com seus elementos de habilidades motoras, elaboração de estratégias, aquisição das capacidades motoras, até o exercício de viver em sociedade, como o próprio sistema dos JDC representa.

Os estudos e conhecimentos que se desenvolveram, em diversas e distintas comunidades, que buscam na sua intimidade as manifestações verdadeiras do ser humano no ambiente esportivo, trouxeram perspectivas diversas de sua abordagem, levando em conta possibilidades formadoras do Ser Integral. No projeto para o cidadão, que vive em comunidade, a experiência dos JDC constitui-se em nova dimensão, na transferência figurada, representada pelas interações que se estabelecem entre seus elementos e componentes.

O esporte pode ser utilizado para vários fins. Pode ser praticado, informalmente, com objetivos de prazer e diversão, simplesmente, ou nos meios de educação formal, em aulas programadas e sistematizadas, como também para se atingir futuro profissional, outra possibilidade concreta. O público pertencente ao mundo esportivo é composto de participantes que se iniciam – crianças e jovens - em grande número, acompanhando a expansão do fenômeno esportivo.

Respeitar as fases sensíveis de crescimento e desenvolvimento e conhecer as características deste rico momento, significa potencializar de forma adequada a evolução das crianças e jovens inseridas no processo. É preciso valorizar e preparar os profissionais que orientam esta trajetória, base para muitos outros momentos que daí se desdobram, sejam nos segmentos esportivos, ou no cotidiano, na ótica de se estabelecer metáforas da vida dentro do ambiente esportivo.

Um dos efeitos indesejados que pode ocorrer no processo de iniciação e formação esportiva é a Especialização Precoce, que possui várias causas indicadoras de sua ocorrência. A atuação inadequada de técnicos e professores e dirigentes pode comprometer a evolução de crianças e jovens nos possíveis aprendizados, interrompendo ou prejudicando o crescimento saudável de acordo

com os propósitos de se fazer do esporte ou dos Jogos Desportivos Coletivos um meio formativo por excelência.

Nas manifestações e situações que ocorrem no ambiente dos jogos, a inteligência torna-se elemento importante na resolução de problemas de diversas naturezas, como é de característica dos JDC. A Teoria das Inteligências Múltiplas, por meio de sua abordagem ampla das competências humanas, indica para a possibilidade de utilizar o ambiente no estímulo às inteligências. E o ambiente, em foco, se constitui nos Jogos Desportivos Coletivos. Neste estudo, foram apontadas possibilidades de construção de práticas que envolvem diversas inteligências, sustentadas por pressupostos que nortearam a elaboração da Proposta em Pedagogia do Esporte.

Um outro elemento torna-se fundamental na interface do sistema formado por JDC, Inteligências Múltiplas e Ser Integral. A presença do técnico ou professor, que chamamos de agente pedagógico, pode fazer a diferença. Não bastam simplesmente a paixão, a motivação e os bons propósitos para participar e ensinar jogos a quem inicia. O conhecimento e a preparação para tratar com os temas apresentados, significam condição primária para o sucesso e conseqüente evolução do processo de iniciação e formação esportiva, na abordagem aqui desenvolvida.

Aos agentes pedagógicos, é possível simplesmente atribuir práticas, como encher bolas, transportar tabelas, colocar redes, organizar cones em zigue-zague, distribuir camisetas ao organizar e nomear equipes para disputas de pequenos torneios e campeonatos. Concordamos com Freire (2000), quando sugere que é preciso ensinar mais do que esporte.

Caminhando um pouco mais, indicar para comportamentos, intensidade de ações e de esforços físicos, exigência de atitudes, repetição e reprodução de gestos, ensinar como executar fundamentos.

No passo seguinte, orientar e estimular a compreensão de jogos, suas estratégias, conduzir crianças e jovens a sentir os mecanismos de execução de movimentos, indicar para a resolução de problemas de variadas espécies, na

aquisição de habilidades e capacidades para resolvê-los sob múltiplas perspectivas.

Exercitando ousadia e coragem com intervenções que indicam para a formação do sistema de crenças e valores de quem aprende, de maneira a construir significados positivos dos desafios contidos nos Jogos Desportivos Coletivos, contribuimos de maneira saudável com o modo de vida do indivíduo, partindo da experiência de viver e resolver em grupo, problemas que atingem a todos. E fazê-los perceber que a solução pode também beneficiar a todos. Fazer o jogo onde todos ganham, não pelos resultados de placar, mas pelos significativos aprendizados presentes na prática de esportes, até quando o placar é favorável ao adversário. Temos vários próximos jogos.

O conjunto dessas situações indica para a formação da identidade do sujeito, permitindo-lhe se ver capaz de interagir com o ambiente de variadas formas, ampliando a visão que possui de mundo e de si mesmo. Na medida em que percebe seu poder em modificar o sistema – e ser afetado por ele – nessa relação de constante interação, surge o papel do cidadão responsável pela comunidade em que vive. Transferindo conhecimentos e compreensão do que foi vivenciado, amplia possibilidades ao ocupar e desempenhar diversas funções no sistema social, ecológica metáfora desenvolvida e elaborada por meio da participação em inúmeras experiências e aprendizados adquiridos no Esporte.

A responsabilidade do sistema Jogos Desportivos Coletivos transcende, portanto, dos aspectos visíveis das práticas em jogos, treinamentos, iniciação e formação esportiva nas diversas modalidades. A Pedagogia do Esporte pode conferir aos processos que orientam as práticas esportivas o caráter visionário, do que vem pela frente, coadjuvante na construção do Ser Integral que dirigirá nosso futuro. Prepara a criança que se maravilha no convívio com jogos e aprendizados de hoje, para que se torne o adulto integrado com o mundo e, principalmente, consigo mesmo, o cidadão feliz de amanhã, enriquecido em sua história de vida pelas experiências e desafios enfrentados em sua formação de infância e adolescência.

A Humanidade, ou pelo menos parte dela, recebeu muitos presentes neste último século, indicando para uma evolução espantosa da tecnologia, quando falamos de transformações das relações cotidianas em comunicação, transporte, saúde, conforto e outros aspectos. A Natureza tem respondido na dimensão da sua linguagem com a falta de respeito à ecologia, pelo caráter agressivo, irresponsável e pragmático demonstrado em inúmeras ações do Homem no meio ambiente. Mas será que ele se cuidou para suportar tamanhas transformações, evoluindo proporcionalmente na consciência, ao alcance delas?

Com o Esporte, algo semelhante pode estar acontecendo. As exigências do ambiente pertinente aos Jogos Desportivos Coletivos, aumentaram de maneira sensível. A entrada da Mídia, de patrocinadores, da indústria de materiais esportivos e do interesse, muitas vezes induzido, da prática de esportes, de maneira geral, tem relação com os significados que se dão às práticas, levando, ainda, ao objetivo final do mais alto, mais forte, mais rápido, culminando em relação de intenso consumo. Existe o cuidado para acompanhar tais transformações?

Da mesma forma, na face contrária, esse sistema permite a participação com estímulos saudáveis a muitas crianças e jovens, além da integração de atletas e de profissionais das áreas relativas às ciências do esporte, gerando múltiplas oportunidades. É injusto e pobre indicar somente para problemas, uma vez que o Esporte encanta, emociona e abre campos de trabalho a tantos. Contudo, podemos e devemos ampliar possibilidades.

Para isso, outros olhares se fazem necessários. Partindo da pressuposição de ter-se o Esporte como um processo essencialmente educativo, cria-se a possibilidade de fazermos de sua prática um instrumento para o desenvolvimento do Homem, que se prepara para vencer os diversos desafios que se colocam por toda a vida, transferindo conhecimentos e experiências vividas no ambiente de esportes para toda a vida.

Os elementos Jogos Desportivos Coletivos, Ser Integral, Agente Pedagógico, Inteligências Múltiplas e o conjunto de pressupostos – catalisadores que tornam a aplicação da proposta possível – dão sustentação e movimento à

proposta, de forma integrada, em sintonia com os bons propósitos que todos temos em buscar constantemente o bem-estar, o prazer, a qualidade de vida, construindo uma história que permita, às gerações que estão por vir, encontrar comunidades mais integradas e comprometidas, para jogarmos em um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 7.ed. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARBANTI, V. **Dicionário da Educação Física e do esporte**. São Paulo: Manole, 1994.

BAYER, C. **Técnica del balonmano**. Barcelona: Hispano Europea, 1987.

_____. **O Ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BOTA, I.; COLIBABA-EVULET, D. **Jogos desportivos colectivos: teoria e metodologia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CAMPBELL, L. et al. . **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

COELHO, O. Pode ser a passada maior que a perna? In: GARGANTA, J. (Ed.). **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Lisboa: Universidade do Porto, 2000. 206p. p. 145-154.

COOPER, K. H. **Saúde e boa forma para seu filho**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.

FERNANDES, J. L. **Futebol: ciência, arte ou... sorte! treinamento para profissionais – alto rendimento: preparação física, técnica, tática e avaliação**. São Paulo: EPU, 1994.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.

_____. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1994

_____. **Pedagogia do Esporte**. In: MOREIRA, W. W.; SIMOES, R. (Org.). **Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000. p. 91-95.

_____. **O jogo e sua função pedagógica**. In: JORNADA CURITIBANA DE EDUCAÇÃO, 7., 2001, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Futuro Eventos, 2001. p.8-28

GALDINO, M. L. **Pontos e contrapontos da especialização precoce nos esportes**. In: DOBRANSKY, I. A.; MACHADO, A. A. (Org.). **Delineamento da Psicologia do Esporte: evolução e aplicação**. Campinas: Tecnograf, 2000. p. 67-85.

GALLAHUE, D. L. **Teaching Physical Education in elementary schools**. 6th ed. Philadelphia: Saunders, 1978.

GARDNER, H. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **A nova ciência da mente**: uma história da revolução cognitiva. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. **Inteligências**: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

_____. , KORNHABER, M. L. ; WAKE, W. K. **Inteligências**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Art Med, 1998.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A. ; OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998. p. 11-25.

_____. *O treino da tática e da estratégia nos jogos coletivos*. In: _____. (Ed.) **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Lisboa: Universidade do Porto, 2000. 206p. p. 51-61.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GRAÇA, A. Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: _____, OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998. 244p. p. 27-34.

GRECO, J. P. , BENDA, R. N. (Org.). **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

GRECO, J. P. Cognição e ação. In: SAMULSKI, D. M. (Ed.). **Novos conceitos em treinamento esportivo**. Brasília: INDESP, 1999.

GROSSER, M.; BRÜGGEMANN, P.; ZINTL, F. **Alto rendimiento deportivo: Planificación e Desarrollo**. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

_____. , NEUMAIER, A. **Técnicas de entrenamiento**. Barcelona: Martinez Roca, 1986.

HAHN, E. **Entrenamiento com niños: teoria, práctica, problemas específicos**. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KIRKOV, D. V. **Entrenamiento del basquetbolista**. Buenos Aires: Stadium, 1984.

MAIA, J. Exigências precoces de alto rendimento desportivo nos jogos esportivos. In: GARGANTA, J. (Ed.). **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Lisboa: Universidade do Porto, 2000.

MARQUES, A. A especialização precoce na preparação desportiva. **Revista Treino Desportivo**, n. 19, p. 9-15, mar. 1991.

_____. O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 1, p. 130-37, jan. 2001.

ORLICK, T. **Vencendo a Competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996a.

_____. **Educação Física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. 1996b. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PARLEBÀS, P. **Perspectivas para una Educación Física moderna**. Malaga: Unisport Andalucia, 1987.

ROCHA, H. , CORDOVIL, J. O ensino do rugby. In: GRAÇA, A. , OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3. ed. Porto: Universidade do Porto, 1998. p. 219-244.

SCHIMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora**: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

VARGAS NETO, F. X. A iniciação nos esportes e os riscos de uma especialização precoce. **Perfil**, Porto Alegre, n. 3, p. 70-76, 1999.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999.